

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR

ENGLISH FOR SPECIFIC PURPOSES

NO INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR

Estela do Carmo Fortunato Magalhães Parreira
Capitão-tenente do Serviço Técnico Especialista de Línguas

IUM – Centro de Investigação e Desenvolvimento (CIDIUM)
Outubro 2016

Os **Cadernos do IUM** têm como principal objetivo divulgar os resultados da investigação desenvolvida no/sob a égide IUM, autonomamente ou em parcerias, que não tenha dimensão para ser publicada em livro. A sua publicação não deverá ter uma periodicidade definida. Contudo, deverão ser publicados, pelo menos, seis números anualmente. Os temas devem estar em consonância com as linhas de investigação prioritárias do CID/IUM. Devem ser publicados em papel e eletronicamente no sítio do IUM. Consideram-se como objeto de publicação pelos Cadernos do IUM:

- Trabalhos de investigação dos investigadores do CID/IUM ou de outros investigadores nacionais ou estrangeiros;
- Trabalhos de investigação individual ou de grupo de reconhecida qualidade, efetuados pelos discentes, em particular pelos do CEMC e pelos auditores do CPOG que tenham sido indicados para publicação e que se enquadrem no âmbito das Ciências Militares, da Segurança e Defesa Nacional e Internacional;
- *Papers*, ensaios e artigos de reflexão produzidos pelos docentes;
- Comunicações de investigadores do IUM efetuadas em eventos científicos (e.g., seminários, conferências, workshops, painéis, mesas redondas), de âmbito nacional ou internacional, em Portugal ou no estrangeiro.

N.^{os} Publicados:

1 - Comportamento Humano em Contexto Militar

Subsídio para um Referencial de Competências destinado ao Exercício da Liderança no Contexto das Forças Armadas Portuguesas: Utilização de um “Projeto STAFS” para a configuração do constructo

Coronel Lúcio Agostinho Barreiros dos Santos

2 - Entre a República e a Grande Guerra:

Breves abordagens às instituições militares portuguesas

Coordenador: MAJ INF Carlos Afonso

3 - A Abertura da Rota do Ártico – (Northern Passage)

Implicações políticas, diplomáticas e comerciais

Coronel Eduardo Manuel Braga da Cruz Mendes Ferrão

4 - O Conflito da Síria: as Dinâmicas de Globalização, Diplomacia e Segurança

(Comunicações no Âmbito da Conferência Final do I Curso de Pós Graduação e, Globalização Diplomacia e Segurança)

Coordenadores: Tenente Coronel Rui Vieira

Professora Doutora Teresa Rodrigues

5 - Os Novos Desafios de Segurança do Norte de África

Coronel Tirocinado de Cavalaria Francisco Xavier Ferreira de Sousa

- 6 - Liderança Estratégica e Pensamento Estratégico
Capitão-de-mar-e-guerra Valentim José Pires Antunes Rodrigues
- 7 - Análise Geopolítica e Geoestratégica da Ucrânia
Coordenadores: Tenente Coronel Leonel Mendes Martins
Tenente Coronel António Luís Beja Eugénio
- 8 – Orientações Metodológicas para a elaboração de Trabalhos de Investigação
Coordenadores: Lúcio Agostinho Barreiros dos Santos
Joaquim Manuel Martins do Vale Lima
- 9 - A Campanha Militar Terrestre no Teatro de Operações de Angola.
Estudo da Aplicação da Força por Funções de Combate
Coordenadores: Cor Tir Art José Luís de Sousa Dias Gonçalves
T Cor Inf José Manuel Figueiredo Moreira
- 10 - O Fenómeno dos “*Green-on-Blue Attacks*”
“*Insider Threats*” – Das Causas à Contenção
Major de Artilharia Nelson José Mendes Rêgo
- 11 – Os Pensadores Militares
Coordenadores: T Cor Eng Leonel José Mendes Martins
Major de Infantaria Carlos Filipe Lobão Dias Afonso

Diretor

Vice Almirante Edgar Marcos de Bastos Ribeiro

Editor-chefe

Major-General Jorge Filipe Marques Moniz Côte-Real Andrade

Coordenador Editorial

Coronel de Infantaria Tirocinado Lúcio Agostinho Barreiros dos Santos

Núcleo Editorial e Design Gráfico

Capitão-de-mar-e-guerra SEF Carlos Alberto dos Santos Madureira

Coronel Manuel Joaquim Moreno Ratão

Propriedade

Instituto Universitário Militar

Rua de Pedrouços, 1449-027 Lisboa

Tel.: 213 002 100

Fax.: 213 002 162

E-mail: cidium@ium.pt

www.iesm.pt/cisdi/publicacoes

Pré-Impressão e Distribuição

Fronteira do Caos Editores

Rua Diogo Cão, 1242 r/c Esq

4200-259 Porto

Tel.: 225 025 005

E-mail: fronteirado caos@netcabo.pt

www.frenteirado caoseditores.pt

ISBN 978-989-99755-0-7

ISSN 2183-2129

Depósito Legal

Tiragem 100 exemplares

© Instituto Universitário Militar, outubro, 2016.

ÍNDICE DE ASSUNTOS

Resumo	1
<i>Abstract</i>	2
INTRODUÇÃO	3
1. A Língua Inglesa e o contexto militar	4
a. A Língua Inglesa	5
b. A Língua Inglesa e as Forças Armadas	5
2. <i>English for Specific Purposes</i> e o IUM	7
a. <i>English for Specific Purposes</i>	8
b. O Instituto Universitário Militar	10
(1) Curso de Promoção a Oficial General (CPOG)	10
(2) Curso de Estado-Maior Conjunto (CEMC)	11
(3) Curso de Promoção a Oficial Superior (CPOS)	11
c. Sinergias entre <i>ESPe</i> IUM, vantagens de <i>ESP</i> no IUM	11
3. Necessidades Linguísticas	15
a. Desenho do Questionário	15
b. Análise de Dados	17
(1) <i>Listening</i>	17
(2) <i>Speaking</i>	18
(3) <i>Reading</i>	19
(4) <i>Writing</i>	20
4. Modelos de <i>ESP</i>	22
a. Bulgária	23
(1) Enquadramento	23
(2) Modelo de Formação	23
b. França	24
(1) Enquadramento	24
(2) Modelo de Formação	24
c. Hungria	25
(1) Enquadramento	25
(2) Modelo de Formação	25
5. Meios e Recursos	26
CONCLUSÕES	27
BIBLIOGRAFIA	55

INTRODUCTION	29
1. English Language and the military context	30
a. English Language	31
b. English Language and the Armed Forces	31
2. English for Specific Purposes and the IHMS	33
a. English for Specific Purposes	34
b. The Institute of Higher Military Studies	36
(1) Flag Officers Course (FOC)	36
(2) Joint Staff Course (JSC)	37
(3) Field Grade Officers Course (FGOC)	37
c. Synergies between ESP and the IHMS, advantages of ESP at the IHMS	37
3. Language Needs	41
a. Questionnaire development	41
b. Data Analysis	42
(1) Listening	43
(2) Speaking	44
(3) Reading	44
(4) Writing	45
4. ESP Courses	47
a. Bulgaria	48
(1) Framework	48
(2) English Training	48
b. France	49
(1) Framework	49
(2) English Training	49
c. Hungary	49
(1) Framework	49
(2) English Training	50
5. Means and Resources	51
CONCLUSIONS	52
BIBLIOGRAPHY	55

ÍNDICE DE ANEXOS / ANNEX

Anexo A – Entrevista VADM Gonzalez-Hiux – Deputy Chief of Staff – Joint Force Trainer	57
Anexo B – Entrevista Peggy Garza – Partner Language Training Center Europe	61
Anexo C – Entrevista Emilija Nesheva – Bulgária	68
Anexo D – Entrevista Emilie Cleret – França	74
Anexo E – Entrevista Dr. Gabriella Kiss – Hungria	79
Anexo F – Entrevista CALM Novo Palma	88
Anexo G – Entrevista MGEN Guerra Pereira	97

ÍNDICE DE APÊNDICES / APPENDIX

Apêndice A – Plano de Estudos CPOG	101
Apêndice B – Plano de Estudos CEMC	104
Apêndice C – Plano de Estudos CPOS – Marinha	106
Apêndice D – Plano de Estudos CPOS – Exército – Armas e Serviços	108
Apêndice E – Plano de Estudos CPOS – Força Aérea	110
Apêndice F – Plano de Estudos CPOS – Exército – Serviço de Saúde e Serviços Técnicos	112
Apêndice G – Plano de Estudos CPOS – Guarda Nacional Republicana	114
Apêndice H – Questionário	116
Apêndice I – Resultados – Importância de <i>ESP</i> no IUM	129
Apêndice J – Vantagens de haver <i>ESP</i> no IUM	131
Apêndice K – Resultados Questões <i>Listening</i>	146
Apêndice L – Resultados Questões <i>Speaking</i>	151
Apêndice M – Resultados Questões <i>Reading</i>	156
Apêndice N – Resultados Questões <i>Writing</i>	161

ÍNDICE DE FIGURAS / LIST DE GRAPHICS

Figura 1 – Gráfico <i>ESP</i> no IUM	14
Figura 2 – Gráfico Perguntas <i>Listening</i>	18
Figura 3 – Gráfico Perguntas <i>Speaking</i>	19
Figura 4 – Gráfico Perguntas <i>Reading</i>	20
Figura 5 – Gráfico Perguntas <i>Writing</i>	21
	xi

Figura 6 – Gráfico Resumo	21
Graphic 1 – ESP at IUM	40
Graphic 2 – Listening Questions	43
Graphic 3 – Speaking Questions	44
Graphic 4 – Reading Questions	45
Graphic 5 – Writing Questions	46
Graphic 6 – Summary	46

ÍNDICE DE TABELAS / LIST OF TABLES

Tabela 1 – Edificação da Capacidade de <i>ESP</i> no IUM	26
Table 1 – Building the ESP capability at IHMS	51

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

<i>ACT</i>	<i>Allied Commander Transformation</i>
AFA	Academia da Força Aérea
AM	Academia Militar
<i>BILC</i>	<i>Bureau for International Language Coordination</i>
CEMC	Curso de Estado-Maior Conjunto
CEDN	Conceito Estratégico de Defesa Nacional
CPOG	Curso de Promoção a Oficial General
CPOS	Curso de Promoção a Oficial Superior
EN	Escola Naval
<i>EGP</i>	<i>English for General Purposes</i>
<i>ESP</i>	<i>English for Specific Purposes</i>
FFAA	Forças Armadas
<i>GCMC</i>	<i>George C Marshall Center</i>
GNR	Guarda Nacional Republicana
<i>HQ</i>	<i>Headquarters</i>
IUM	Instituto Universitário Militar
<i>NATO</i>	<i>North Atlantic Treaty Organization</i>
<i>NCS</i>	<i>NATO Command Structure</i>
OE	Objetivo específico
OG	Objetivo geral
OI	Organizações Internacionais
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
<i>PLTCE</i>	<i>Partner Language Training Center Europe</i>
QC	Questão central
<i>SACT</i>	<i>Supreme Allied Commander Transformation</i>
<i>SACEUR</i>	<i>Supreme Allied Commander Europe</i>
<i>STANAG</i>	<i>Standardization Agreement</i>
UE	União Europeia

LIST OF ABBREVIATIONS AND ACRONYMS

ACT	Allied Commander Transformation
AFA	Air Force Academy
BILC	Bureau for International Language Coordination
EGP	English for General Purposes
ESP	English for Specific Purposes
EU	European Union
FGOC	Field Grade Officers Course
FOC	Flag Officers Course
GCMC	George C Marshall Center
HQ	Headquarters
IHMS	Institute of Higher Military Studies
IO	International Organizations
JSC	Joint Staff Course
MA	Military Academy
NATO	North Atlantic Treaty Organization
NCS	NATO Command Structure
NDSC	National Defense Strategic Concept
NRG	National Republican Guard
NS	Naval School
PLTCE	Partner Language Training Center Europe
SACT	Supreme Allied Commander Transformation
SACEUR	Supreme Allied Commander Europe
STANAG	Standardization Agreement

ENGLISH FOR SPECIFIC PURPOSES
NO INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR

Estela do Carmo Fortunato Magalhães Parreira

Capitão-Tenente ST ELING

Marinha Portuguesa

Investigadora Integrada do CIDIUM

estela.magalhaes.parreira@gmail.com

Resumo

O Inglês, elemento central para a interoperabilidade, é vital em ambiente combinado. Ser proficiente na língua das operações da Organização do Tratado do Atlântico Norte é fundamental para os militares. Contudo, tem-se verificado que essa proficiência *per si* não tem sido suficiente para garantir um desempenho eficiente e eficaz, tendo até sido identificado que as deficiências linguísticas no seio da OTAN têm sido prejudiciais ao sucesso da sua missão.

Uma das soluções pedagógicas que contribuem para colmatar aquelas deficiências é proporcionar um tipo de formação prática no Inglês, orientada para superar necessidades decorrentes das funções e realidade em que se vai operar – os cursos de *English for Specific Purposes*.

Um diagnóstico de necessidades linguísticas adequado e uma observação atenta ao que outros países já fazem neste âmbito pode contribuir para edificar a capacidade de formação de *ESP* no Instituto Universitário Militar (IUM).

Neste estudo de caso, cujo objetivo geral foi analisar a adequabilidade, exequibilidade e aceitabilidade da edificação daquela capacidade no IUM, através da análise dos dados recolhidos nas fontes documentais, questionários e entrevistas, concluiu-se que esta edificação é adequada e exequível porque é necessária e não implica grandes estruturas ou transformações, e é aceitável pela relação custo-benefício.

Palavras-chave: Inglês, interoperabilidade, desempenho, comunicação, eficiente, *ESP*

Abstract

English language, key to interoperability, is vital in a combined environment. Being proficient in the language of the North Atlantic Treaty Organization (NATO) operations is fundamental to military. However, it has been noticed that proficiency per se has not been sufficient to ensure efficient and effective performance. Moreover, language proficiency shortfalls within NATO have been highly detrimental to the success of its mission.

A pedagogic solution that contributes to overcome shortfalls is to provide the military with practical language training, performance oriented, fulfilling needs resulting from the functions and reality where they operate – English for Specific Purposes Courses.

An adequate language needs analysis and an accurate observation of what other countries do, considering this area, can contribute to build and develop this capability at the Institute of Higher Military Studies (IHMS).

The general objective in this case study was to analyze suitability, feasibility and acceptability of building that capability at IHMS. Through the analysis of the data gleaned from documental sources, questionnaires and interviews, one can conclude that the building of that capability is adequate and practical because it is necessary and doesn't imply significant structures or changes, and it is acceptable due to the ratio of cost vs benefit.

Keywords: *English, interoperability, performance, communication, efficient, ESP*

INTRODUÇÃO

Portugal, estado membro e fundador da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), assinou os “*Terms of Reference*” daquela organização onde é definido que “Inglês e Francês são as línguas oficiais da OTAN”. (NATO, 1949). O Inglês tem tido uma maior expressão e importância na comunicação verbal e escrita, sendo que as publicações, procedimentos, comunicação, entre outros, no seio da OTAN são produzidos em Língua Inglesa.

Face ao atual contexto e, decorrente da condição de membro-fundador da OTAN e dos compromissos internacionais assumidos, é cada vez maior, mais significativa e relevante a participação de Portugal em operações e exercícios militares em cenários multinacionais, provimento de cargos internacionais e outros. Pode, pois, inferir-se que o número de missões das Forças Armadas (FFAA) Portuguesas em ambiente combinado sofreu um aumento exponencial.

De facto, em Portugal, entende-se objetivamente que, servir em ambiente combinado carece de preparação e habilitação de nível diferenciado pois, de entre as atribuições do Instituto Universitário Militar (IUM) constam “a realização, harmonização e coordenação de planos de estudos de cursos de formação complementar ao longo da carreira, nomeadamente cursos de promoção, de qualificação, de especialização e de atualização de conhecimentos, bem como tirocínios ou estágios que habilitem para o exercício de cargos e para o exercício de funções nas FFAA, na Guarda Nacional Republicana (GNR), em forças conjuntas ou combinadas e em organizações internacionais; (...)” (Decreto-Lei n.º 249/2015, de 28 de outubro, 2015)

Daqui decorre que, dotar os militares portugueses, nomeadamente os seus oficiais, de ferramentas que complementem as já adquiridas, no sentido de contribuir para aumentar as valências no desenvolvimento das suas capacidades de interoperabilidade, se reveste de vital importância. Um dos vetores do “combinado” é a utilização de uma língua comum que permita uma comunicação precisa, tão padronizada quanto objetiva, tão formal quanto necessário, tendo sempre presente a eficiência e eficácia no desempenho das funções. Contudo, o IUM não dispõe, atualmente, de formação nesta área tão relevante da preparação e habilitação dos militares para o desempenho de funções em ambiente combinado.

O tema proposto é, pois, de elevada e atual importância, considerando que a proficiência em Língua Inglesa é um dos garantes da interoperabilidade

entre as forças da OTAN e entre estas e as que com elas operam, e que se poderá contribuir significativamente para maximizar e incrementar a interoperabilidade linguística dos nossos oficiais, aferindo, neste âmbito, a adequabilidade, exequibilidade e aceitabilidade da inclusão de módulos de *English for Specific Purposes (ESP)* em cursos ministrados no IUM e que necessidades linguísticas deverão ser colmatadas.

Face ao exposto, define-se como objeto da investigação a formação de Língua Inglesa no Instituto Universitário Militar, tendo por base o conceito de *ESP*.

Será considerado o universo dos oficiais atualmente a frequentar o Curso de Promoção a Oficial Superior (CPOS), Curso de Estado-Maior Conjunto (CEMC) e Curso de Promoção a Oficial General (CPOG), bem como um conjunto de oficiais que já serviram em ambientes ou cenários combinados.

O objetivo geral (OG) deste trabalho de investigação consiste em analisar a adequabilidade, exequibilidade e aceitabilidade da edificação da capacidade de formação de *ESP* no IUM. De modo a alcançar o OG, definiram-se cinco objetivos específicos (OE): (i) associar o conceito de *ESP* às atribuições do IUM; (ii) enumerar vantagens de implementar módulos de *ESP* no IUM; (iii) identificar necessidades linguísticas a colmatar com a implementação de módulos de *ESP* no IUM; (iv) identificar modelos de formação de *ESP* existentes noutros países Europeus que potencialmente se adequem ao universo do IUM; (v) identificar os meios e os recursos necessários à implementação de módulos de *ESP* no IUM.

Este trabalho de investigação integra pesquisa bibliográfica e documental relacionada com o tema a investigar, recorrendo a fontes como documentos da OTAN e do IUM, legislação diversa, entre outras que se constituíram como relevantes para a investigação, no decorrer do processo de revisão da literatura. Aplicaram-se questionários, realizaram-se entrevistas que relevaram para a recolha de dados relativos a, entre outros, necessidades linguísticas, prestação de serviço e exercício de funções em ambiente combinado ou multinacional por forma a operacionalizar a investigação.

1. A Língua Inglesa e o contexto militar

Neste capítulo far-se-á o enquadramento da Língua Inglesa nas Forças Armadas e abordar-se-á a importância da Língua Inglesa no século XXI, em termos gerais, relacionando-a com a sua importância em contexto militar interno e no seio da Aliança (OTAN).

a. A Língua Inglesa

O inglês é uma língua germânica originária dos reinos anglo-saxónicos e que atualmente está amplamente presente em todo o mundo. É a primeira língua do discurso internacional e língua oficial da maioria das Organizações Internacionais (OI). É o terceiro idioma mais falado no planeta. Não se estará, de todo, a extrapolar, quando se afirma que a Língua Inglesa, no século XXI assume contornos de *língua franca* nas mais diversificadas atividades. A Língua Inglesa é, atualmente, o idioma mais usado na comunicação internacional.

Mas o que é a Língua Inglesa? Para a definir, há que desconstruir o termo. Para definir língua há que abordá-la como parte integrante da tríade da comunicação: linguagem, fala/escrita e língua. A linguagem é o sistema (verbal e não verbal) que permite realização da comunicação; a fala/escrita, o meio que assegura a comunicação verbal/escrita; e a língua é a codificação que cada comunidade usa para comunicar (palavras). Assim, o Inglês é o código que sustenta a comunicação entre os seus falantes. Contudo, saber que código é usado para realizar a comunicação não assegura que essa mesma comunicação seja eficiente e eficaz. Para garantir que há transmissão e compreensão da mensagem, há que saber usar esse mesmo código e para tal, carece-se de conhecimentos da e na língua.

b. A Língua Inglesa e as Forças Armadas

A OTAN, aquando da sua criação em 1949, definiu que adotaria duas línguas oficiais: Inglês e Francês. Contudo, a língua que tem sido mais utilizada, a que tem maior expressão, e aquela que é a língua das operações militares é o Inglês.

Assim, para as FFAA portuguesas, a Língua Inglesa é tão mais importante, quanto é importante a integração do país em OI como a OTAN, ONU e União Europeia (UE). Este facto está ainda mais presente, e é de sobremaneira significativo e relevante, já que, para além de esta língua ser a oficial de algumas das OI que Portugal integra, é também a língua das operações militares, o *core business*, daqueles que abraçaram este “...como militar, (...) servir as Forças Armadas e cumprir os deveres militares. (...) defender a minha Pátria e estar sempre pronto a lutar pela sua liberdade e independência, mesmo com o sacrifício da própria vida.” (EMFAR, 2015).

A OTAN tem definido nos “*Job Description*” um conjunto de requisitos quer para os militares a prover cargos internacionais nos seus quartéis-gerais, quer para os militares das forças que participam nas suas operações e exercícios militares. De entre estes requisitos, salienta-se os requisitos

linguísticos que são, de facto, um dos fatores aferidos aquando da avaliação das capacidades de interoperabilidade em cenários combinados.

Partindo do princípio que os militares de todas as nações possuem o requisito linguístico definido para as situações supra referidas, será preocupante que dados estatísticos confirmem a falta ou deficiências nas competências em Língua Inglesa como um dos fatores que mais contribui para incidentes no decorrer de operações da Aliança (JALLC, 2010). De tal forma a situação se vem revelando gravosa que o próprio General Philip M. Breedlove, anterior *Supreme Allied Commander Europe*, realçou a necessidade de encetar ações para mitigar este problema no *Supreme Allied Command Annual Guidance on Education, Training, Exercises and Evaluation 2014* (SACEUR, 2014). Noutra perspetiva, esta mais interna, há que relevar o recomendado a Portugal no *NATO CAPABILITY TARGETS 2013, no Target E1101*.¹

A proficiência numa língua estrangeira é a “competência não ensaiada de um indivíduo para comunicar” recorrendo a um conjunto de conhecimentos gerais dessa língua que se foi adquirindo ao longo do tempo (NATO, 2014). Pode, contudo, complementar-se essa proficiência de forma a potencializá-la e simultaneamente possibilitar o desenvolvimento de competências linguísticas e de comunicação, específicas de um contexto tão exigente, técnico e particular como é o contexto militar combinado, dotando assim os militares de um consolidado manancial de valências que lhes confira maior eficiência e eficácia no que se refere à interoperabilidade no desempenho das suas diferenciadas funções.

Para os militares que integram a OTAN, ter a capacidade de comunicar eficaz e eficientemente é um pré-requisito para a interoperabilidade e, dado o contexto multinacional em que se opera, estabelecer requisitos linguísticos é fundamental e ser proficiente é vital. Sendo que o Inglês é a *lingua franca* militar da Aliança, embora haja duas línguas oficiais, há situações em que as nações acordam o uso de uma língua específica para objetivos específicos. Exemplo disso é o *Standardization Agreement (STANAG) 3797*, que estabelece que a língua a ser usada no controlo de aeronaves da OTAN é o

¹ “Ensure that all NATO Command Structure (NCS) staff and other national personnel who are routinely involved in NATO issues or deployed on NATO operations are able to communicate effectively in the English language. (...)

Ensure that all personnel earmarked for participation in the NCS and national staffs who are routinely involved with NATO issues have English language skills sufficient to meet their job descriptions which should generally be as follows (Listening, Speaking, Reading, Writing in accordance with STANAG 6001, Edition 4 (...))

“Integrate English language training into the curricula of officer and NCO education establishments and in career development programs”.

Inglês (*Deputy Chief of Staff Joint Force Trainer*-VAdm Javier Gonzalez-Huix, 2016) (vide anexo A).

“Um dos elementos que contribui para o vetor interoperabilidade é a capacidade de comunicação que, apesar de todas as possibilidades tecnológicas atuais, continua a exigir o uso da palavra, falada ou escrita. Assim, para que haja comunicação é necessário que emissor e recetor usem uma linguagem comum, para que a mensagem seja compreendida. (..)

Considerando que a nossa defesa se garante no seio da Aliança, bem como o facto de que em Portugal as gerações mais recentes optaram claramente pela Língua Inglesa, como segunda língua, não há como fugir à realidade.

A proficiência em Língua Inglesa assume desta forma um papel de grande importância, talvez mesmo de importância crucial, para que possamos garantir a interoperabilidade das nossas capacidades militares no seio da NATO.” (CEMGFA, 2016) (vide anexo G)

A eficácia e eficiência em ambiente combinado também depende da comunicação realizada em Língua Inglesa. Fragilidades na proficiência em Língua Inglesa vão necessariamente condicionar e limitar a comunicação, sendo que, “numa situação mais complexa e mais imprevisível como é a condução da tática e da guerra, mais incerta, não pode acontecer” (Palma, 2016) (vide anexo F). Numa situação de alto risco, de urgência, de definição de políticas de defesa, de emprego de forças conjuntas e combinadas, no terreno num cenário multinacional, não ser capaz de comunicar, não entender ou não se fazer entender, para além de ser prejudicial, pode, numa situação limite, custar vidas.

Também para o General Philip M. Breedlove (*Supreme Allied Commander Europe* que cessou funções em maio de 2016), a Língua Inglesa é vital para os militares, uma vez que, sendo o garante da interoperabilidade, é nela que a comunicação dos militares se desenvolve e, a menor qualidade dessa comunicação está a ser prejudicial ao sucesso das operações da OTAN.

Resumidamente, a proficiência em Língua Inglesa é vital para os militares das FFAA, contudo, tem-se verificado que, *per si*, não tem garantido a eficiência e eficácia na comunicação nessa mesma língua no seio da Aliança, existindo incidentes de tal forma significativos que foram dadas orientações superiores para se encetarem ações de forma a superar este problema.

2. *English for Specific Purposes* e o IUM

Neste capítulo far-se-á uma abordagem ao *ESP* nas perspetivas da sua origem, como é entendido no seio da comunidade de autores e estudiosos

das disciplinas das línguas e que características enforma, bem como o seu valor para o contexto militar. Será ainda explanada a relação deste conceito com os planos de estudo e a docência no IUM, suas convergências, vantagens e potenciais sinergias a considerar.

a. *English for Specific Purposes*

As origens da separação de *ESP* de *English for General Purposes* (*EGP*) remontam ao final da Segunda Guerra Mundial (Hutchinson & Waters, 1987) decorrendo da necessidade de adequar o método tradicional de ensino de uma língua aos novos desafios que a expansão da atividade científica, técnica e económica colocava à docência e à emergente classe de discentes com objetivos de aprendizagem muito concretos e definidos.

Contudo, é já no final da década de sessenta que se verifica a grande expansão do Inglês para a ciência e tecnologia. Partindo da premissa de que a linguagem que utilizamos varia de acordo com o contexto, pode concluir-se que existem diferenças significativas na linguagem utilizada em diferentes atividades, revelando-se indispensável ajustar os métodos, o léxico, a semântica, etc. às necessidades dos aprendentes. O que definirá essas necessidades serão as características específicas do discurso de cada área (Hutchinson & Waters, 1987).

Na década de 80 do século passado o *ESP* é definido por oposição ao *EGP* enformando algumas características absolutas: desenhado para satisfazer necessidades específicas do aprendente; relativo, no conteúdo, a áreas específicas, atividades e funções; centrado na sintaxe, léxico, semântica e discurso subjacentes às atividades específicas (Strevens, 1988).

Já para Dudley-Evans e St. John o que distingue *ESP* de *EGP* são os resultados práticos observáveis e mais bem definidos, embora ressalvem que o ensino do Inglês para fins específicos reflete os conceitos e atividades subjacentes à disciplina, não estando necessariamente confinada aos conteúdos específicos.

Estes autores definem três características absolutas e quatro variáveis que enformam o *ESP*. É certo que o *ESP* dará resposta às necessidades específicas do aprendente, aborda metodologias e atividades subjacentes à disciplina a que está associado e centra-se na linguagem, nas competências, no discurso e no género adequados às atividades e funções desempenhadas pelos formandos. Contudo, não é claro que o *ESP* seja apenas desenhado para disciplinas específicas, utilize metodologias diferentes, seja direcionado exclusivamente para adultos (embora provavelmente o seja), nem que se

destine tão-somente a quem seja de nível de proficiência linguística intermédia ou avançada (Dudley-Evans, 1998).

Numa importante nota sobre o que é *ESP*, importa verificar as vantagens associadas a esta área do ensino de uma língua. Dudley-Evans e St. John (1998) referem a especificidade e a motivação como as principais vantagens. A curta duração geralmente associada aos módulos de *ESP* (focam-se nas necessidades dos formandos rentabilizando, assim, o tempo), mas também o aumento da relevância das aprendizagens realizadas e efetivamente sentidas pelos aprendentes, consequentemente, elevam a motivação.

Considerando o contexto em que este trabalho de investigação é desenvolvido, e relevando que a discussão sobre a definição do conceito de *ESP* não está encerrada, importa concretizar que no seio da comunidade de linguistas, teorizadores e estudiosos das línguas em sede militar, “o objetivo de um curso de “*English for Specific Purposes*” (*ESP*) é preparar os alunos para desempenharem adequadamente as suas tarefas numa determinada situação alvo, isto é, na situação em que os alunos irão efetivamente usar a língua estrangeira que estão a aprender.” (Silva Joyce, et al., 2015).

Assim, não será redutor afirmar que em contexto militar o *ESP* será um complemento do *EGP* e por oposição a este, fundamentado no objetivo de colmatar necessidades linguísticas específicas que decorrem da aferição da realidade operacional e tática em que o discente irá desempenhar as suas funções usando a língua.

A Dra. *Peggy Garza*, com 40 anos de experiência a desenvolver módulos de *ESP* destinados a militares a prover cargos multinacionais, secretária do *BILC* por mais de 10 anos e atualmente *Chair English Language Programs Department – Partner Language Training Center Europe* do *Partner Language Training Center Europe (PLTCE) of the George C Marshall Center (GCMC)*, refere na sua entrevista concedida ao autor que, os cursos ou módulos de *ESP* têm como objetivo dotar os alunos com competências linguísticas e de comunicação que lhes permitam ser mais eficientes e eficazes no desempenho das suas funções (vide anexo B).

Assim, a questão que se levanta é se ser proficiente numa língua (neste caso em Inglês) é suficiente para garantir a eficiência e eficácia do militar em contexto multinacional. A posição oficial do *BILC* é de que, cursos de *ESP* adequadamente desenhados são um valioso contributo e podem constituir-se como mais favoráveis na obtenção de resultados no que se refere ao desenvolvimento das competências linguísticas relacionadas com o desempenho profissional.

O assunto é de tal forma relevante que em 2013 foi o tema central da Conferência do *BILC (NATO Speak: English in Multinational Settings)*, sendo

que um dos Grupos de Estudo, constituído por peritos nesta área, teve como missão definir o conceito de *NATO Speak* e formular recomendações para integrar este conceito (*NATO Speak*), a língua da OTAN, nos programas de ensino dos países da OTAN. Foram identificadas duas categorias de cursos *ESP*: *Staff Officers* e *Operational Language*. Claramente, as recomendações são de que o conteúdo destes *ESP* seja desenvolvido identificando as necessidades que decorrem da situação em que se vai usar a língua (Garza, 2016).

De acordo com os especialistas, experimentados professores, militares e civis, detentores de cargos internacionais de relevante responsabilidade, é urgente colmatar lacunas e debelar fragilidades nas competências de comunicação no contexto militar, sendo que, uma das formas de o fazer passa por desenvolver e ministrar módulos de *ESP*.

b. O Instituto Universitário Militar

O IUM decorre da reforma do ensino superior militar, constituindo-se como um exemplo no que se refere à cooperação entre os ramos das FFAA e a GNR, do qual resulta, naturalmente, a racionalização de recursos e o garante da criação de saber na área das ciências militares e, ainda, muito especialmente, da excelência do ensino superior militar, no respeito pelos princípios e valores militares fundamentais da Instituição Militar (MDN, 2015).

O IUM é “um estabelecimento de ensino superior público universitário militar, que forma ao longo da carreira os oficiais das FFAA e da GNR para o desempenho de funções de comando, direção, chefia e estado-maior, promovendo a valorização das pessoas e o conhecimento no âmbito da Segurança e Defesa, nos planos científico, doutrinário e técnico das ciências militares e coopera com outras instituições ao nível nacional e internacional. Visa-se a afirmação do Instituto pela qualidade, como instituição militar de ensino superior universitário de referência nacional e internacional, na área de Segurança e Defesa.” (Instituto Universitário Militar, 2016).

Dos cursos ministrados no IUM, interessam especificamente, no contexto de desenvolvimento deste trabalho de investigação, o universo dos Curso de Promoção a Oficial General (CPOG), Curso de Estado-Maior Conjunto (CEMC) e Curso de Promoção a Oficial Superior (CPOS). Daqui decorre que a análise dos planos de estudo incida sobre estes três cursos.

(1) Curso de Promoção a Oficial General (CPOG)

A finalidade do CPOG é “complementar a preparação dos Capitães-de-mar-e-guerra e dos Coronéis para o exercício das funções inerentes aos altos cargos de comando, direção e estado-maior, no mais elevado escalão, sendo

os principais objetivos do curso disponibilizar informação, fomentar a reflexão e promover a discussão que permitam aos Oficiais Auditores produzir conhecimento acrescido aos níveis conceptual, doutrinário e sistémico, tendo em vista complementar a sua formação ao longo da carreira; desenvolver o entendimento comum dos problemas da segurança e da defesa, muito em especial no que respeita à atividade de Defesa Nacional, enquadrando-os numa perspetiva essencialmente político-estratégica; desenvolver e aperfeiçoar capacidades de comunicação, análise, síntese e argumentação, tendo em vista aprofundar uma visão global e prospetiva sustentada que, em conjugação com uma dimensão de relacionamento interpessoal, possa contribuir para a qualidade no desempenho de cargos de gestão de topo e da mais elevada hierarquia das Forças Armadas”. (Instituto Universitário Militar, 2016)

O CPOG compreende um conjunto de matérias relativas a três grandes áreas do conhecimento que constam do apêndice A.

(2) Curso de Estado-Maior Conjunto (CEMC)

O CEMC tem por finalidade “qualificar oficiais superiores das FFAA e da GNR para o desempenho de funções ao nível operacional e estratégico, em estados-maiores conjuntos nacionais e internacionais, nas estruturas superiores das Forças Armadas e da Defesa Nacional, e em organizações nacionais e internacionais.” (Instituto Universitário Militar, 2016).

As áreas de estudo, as unidades curriculares e as áreas científicas abrangidas estão especificadas no apêndice B.

(3) Curso de Promoção a Oficial Superior (CPOS)

O Curso de Promoção a Oficial Superior (CPOS) contribui para a preparação dos Primeiros-tenentes da Marinha, Capitães do Exército, Força Aérea e GNR, “com vista a conferir-lhes as competências e conhecimentos técnico militares necessários para o desempenho de cargos e exercício de funções como oficiais superiores.” (Instituto Universitário Militar, 2016).

As áreas científicas, planos de estudos e unidades curriculares estão explanadas no apêndices C, D, E, F, G.

c. Sinergias entre *ESP* e IUM, vantagens de *ESP* no IUM

De entre as atribuições do IUM destacam-se “a realização, harmonização e coordenação de planos de estudos de cursos de formação complementar ao longo da carreira, nomeadamente cursos de promoção, de qualificação, de especialização e de atualização de conhecimentos, bem como tirocínios ou estágios que habilitem para o exercício de cargos e para o exercício de funções nas Forças Armadas, na GNR, em forças conjuntas ou combinadas e em orga-

nizações internacionais; (...)” (Decreto-Lei n.º 249/2015, de 28 de outubro, 2015). Os três cursos aqui referidos visam preparar os oficiais para o exercício de cargos ou funções: CPOG – “... possa contribuir para a qualidade no desempenho de cargos de gestão de topo e da mais elevada hierarquia das Forças Armadas.” (apêndice A); CEMC – “(...)desempenho de funções ao nível operacional e estratégico, em estados-maiores conjuntos nacionais e internacionais (...)” (apêndice B); CPOS – “(...) com vista a conferir-lhes as competências e conhecimentos técnico-militares necessários para o desempenho de cargos e exercício de funções como oficiais superiores (...)” (apêndices C, D, E, F, G).

Os cursos de *ESP* visam preparar os alunos para operar e desenvolver as suas funções com maior eficiência e eficácia, dotando-os de competências linguísticas e de comunicação que decorrem das funções que os alunos irão desempenhar. Há, de facto, sinergias, semelhanças e complementaridades inegáveis uma vez que a formação em ambos os casos têm como objetivo último a preparação para o exercício de funções.

A prossecução destes objetivos está, ainda, alinhada com o próprio Conceito Estratégico de Defesa Nacional (CEDN) que define como um dos objetivos nacionais conjunturais, “no quadro das políticas de segurança e defesa nacional, garantir o desenvolvimento da capacidade para enfrentar as ameaças e riscos mais prováveis e para cumprir os compromissos internacionais, incluindo a participação relevante das FFAA em missões internacionais de paz.” (...) Este mesmo documento (CEDN) refere ainda “(...) **Adequar as políticas de segurança e defesa nacional ao ambiente estratégico**, que o vetor militar é primordial no apoio à política externa. Uma das missões prioritárias das Forças Armadas é contribuir como instrumento do Estado para a segurança internacional, designadamente pela sua intervenção em missões militares internacionais de paz, que asseguram o reconhecimento externo de Portugal como um Estado coprodutor de segurança internacional. (...) compete ao Estado português: Participar em missões militares internacionais na defesa da paz e da segurança, nomeadamente no quadro das Nações Unidas, da OTAN e da UE, integrando no planeamento nacional a evolução registada nessas organizações;” (Conselho de Ministros, 2013)

Refletindo sobre o desígnio do CEDN, as atribuições do IUM e as características dos cursos de *ESP*, poderá dizer-se que para prosseguir os objetivos de um (CEDN) se preparam, qualificam e habilitam militares portugueses (IUM) através de instrumentos (*ESP*) que contribuam para o seu sucesso.

De facto, a totalidade dos entrevistados, nacionais e estrangeiros² considera importante haver este tipo de formação, não só porque, haver a possibilidade de incrementar as competências de comunicação é sempre positivo (Deputy Chief of Staff Joint Force Trainer-VAdm Javier Gonzalez-Huix, 2016), mas também porque se constitui como relevante e significativa para os militares (Garza, 2016) (Nesheva, 2016) (Cleret, 2016) (Kiss, 2016). Por outro lado, considerando “o ensino e formação no IUM em sentido abrangente, isto é, desde os cursos de formação para ingresso, até aos cursos de qualificação e progressão na carreira, faz todo o sentido que o ensino e formação em Língua Inglesa se constitua como um elemento curricular nos diferentes ciclos de estudos e cursos de qualificação, constituindo-se como um processo transversal ao longo do percurso de ensino e formação de um oficial das FFAA.

Para tal, para além da existência de unidades curriculares de ensino e formação específica da Língua Inglesa, deverão existir, especialmente nos cursos de promoção e de qualificação unidades curriculares, designadamente as que têm relação direta com as operações militares, ministradas e trabalhadas na referida língua” (CEMGFA, 2016). Sendo “que o desenvolvimento da proficiência em Língua Inglesa não deve assentar em ações de formação *ad-hoc*, específicas para o desempenho de um determinado cargo, mas sim num processo contínuo desde o ensino para ingresso prolongando-se pela formação ao longo da carreira” (CEMGFA, 2016).

Há ainda que salientar que a posição oficial do *BILC* defende que cursos de *ESP*, convenientemente desenhados, podem proporcionar melhores resultados no desenvolvimento de competências linguísticas relacionadas com as funções a desempenhar, para além de que, frequentar este tipo de formação ao nível dos estudos superiores militares melhorará significativamente o desempenho e a performance dos oficiais.

Embora não sendo consensual que este tipo de formação deva ser ministrada no IUM, da análise estatística dos questionários aplicados (vide apêndice I), intercetada com o conteúdo das entrevistas realizadas, a esma-

² Deputy Chief of Staff Joint Force Trainer-VAdm Javier Gonzalez-Huix, ESP N; MGEN Guerra Pereira – Chefe do Gabinete do General CEMGFA; CALM Novo Palma – Marinha; CMG Rodrigues Pinto – Marinha; Dra. Peggy Garza – Chair English Language Programs Department – Partner Language Training Center Europe; PhD Gabriella Kiss – Director of Foreign Language Training Centre, National University of Public Service, Budapest, Hungary; Madame Emilie Cleret – chef du bureau langue anglaise de la direction de l’Enseignement militaire supérieur; Dra. Emilija Nesheva – State expert on foreign language training and testing, Education and Qualification Department, Human Resources Management Directorate, Bulgarian Ministry of Defence.

gadora maioria considera que sim, enumerando uma miríade de vantagens (vide apêndice J).

Questão 43: Tendo em consideração que futuramente poderá desempenhar funções em cenários ou ambientes combinados, internacionais ou multinacionais, onde a língua oficial é o Inglês, e que os módulos de *English for Specific Purposes* são desenvolvidos tendo por base as necessidades linguísticas e de comunicação em língua inglesa que decorrem das funções que um oficial desempenha em ambiente combinado e prepara os alunos para atuar comunicando com eficiência e eficácia nas suas áreas de interesse usando o inglês como instrumento para a realização de tarefas específicas que lhe são necessárias, indique se consideraria importante o IUM ministrar este tipo de formação.

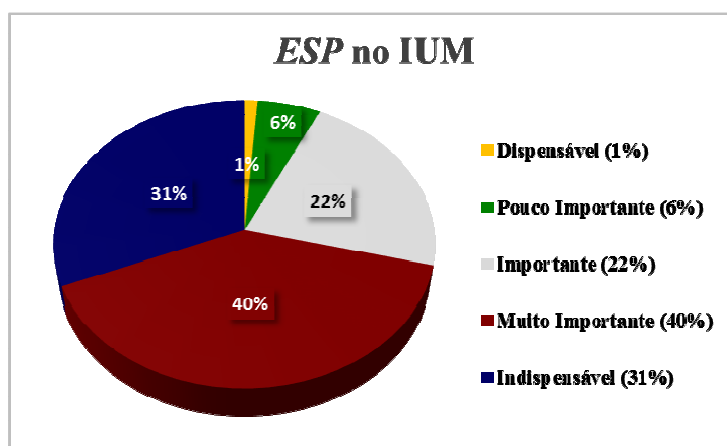


Figura 1 – Gráfico *ESP* no IUM

Fonte: Autor (Análise dos dados recolhidos no questionário).

À semelhança dos dois inquiridos que consideraram dispensável este tipo de formação no IUM e que o justificam como sendo competência dos ramos, outro dos inquiridos e o Contra-Almirante Novo Palma, embora considerem essencial haver este tipo de formação, também consideram ser competência de cada ramo. Contudo, como é visível no gráfico, mais de 70% dos inquiridos, considera ser muito importante ou indispensável haver módulos de *ESP* no IUM.

Das vantagens enumeradas destacam-se: “a normalização, o incremento da proficiência, a melhoria da interoperabilidade com parceiros em forças multinacionais, o aumento da confiança dos militares e consequentemente da imagem externa do país, complemento à formação ministrada no IUM com doutrina NATO (manuais e documentos em inglês), preenchimento de uma

lacuna das nossas FFAA, melhor preparação dos militares para funções específicas, complemento à formação em Inglês de cariz generalista ministrada nas academias, adaptação a formatos específicos de documentos e *briefings* NATO, ferramenta indispensável ao contexto global em que se desenvolvem atualmente as ações das FFAA”³.

Resumindo, dir-se-á que há efetivamente relação sinérgica entre o IUM e os cursos de *ESP*, pois ambos visam preparar e qualificar para operar e desenvolver funções com eficiência e eficácia, sendo que, foram apontadas relevantes e significativas vantagens em haver este tipo de formação no IUM.

3. Necessidades Linguísticas

Neste capítulo identificar-se-ão, genericamente, as necessidades linguísticas mais significativas e por competência, aferidas através dos questionários aplicados aos alunos a frequentar no IUM os CPOG, CEMC e CPOS.

a. Desenho do Questionário

O desenho de um questionário para aferir necessidades linguísticas com vista ao desenvolvimento de cursos de *ESP* reveste-se de significativa complexidade. De facto, não se trata da identificação de conhecimentos gramaticais e de vocabulário que os indivíduos necessitam mestrear para concluir com sucesso um qualquer módulo, de uma qualquer língua, de um qualquer curso generalista.

Um diagnóstico de necessidades linguísticas para desenvolvimento de cursos de *ESP* implica, obviamente, a identificação das funções que o público-alvo do curso terá que desempenhar. No complexo contexto militar essa identificação integra elevada quantidade de elementos e dimensões que, embora distintas, se encontram relacionadas entre si. Para além desta complexidade inegável, há que acrescentar a importância de um diagnóstico, aferição ou identificação de necessidades linguísticas que resultam no desenvolvimento de cursos ou módulos de formação que permitirão contribuir para que um militar, que em ambiente combinado está efetivamente em representação do seu país, melhore o seu desempenho e performance.

Daqui decorre que, zelo e prudência no desenvolvimento do questionário são de emprego imperativo. Um questionário bem concebido resultará numa identificação mais correta das reais necessidades linguísticas, contribuindo significativamente para o desenvolvimento de um curso ou módulo coerente, adequado e que concorra para debelar fragilidades que afetam negativamente

³ Dados recolhidos no questionário aplicado aos militares do CPOG, CEMC e CPOS.

o desempenho e performance dos militares em ambiente combinado, internacional, multinacional.

Um diagnóstico, aferição ou identificação de necessidades linguísticas como a que foi conduzida no *Head Quarters of Supreme Allied Command Transformation (HQ SACT)* por uma equipa de especialistas do *BILC*, pode focar-se e objetivamente ser dirigida para as competências específicas de comunicação, discurso e terminologia necessárias num contexto militar internacional e combinado (Garza, 2016). Através da Dra. *Peggy Garza*, foi solicitado às duas especialistas do *BILC* que conduziram a *Language Needs Analysis* no *HQ SACT*, *Julie J. Dubeau, M.A.*⁴ e *Jana Vasilj-Begovic, M.A.*⁵, o questionário que serviu de base para a identificação das necessidades linguísticas.

O questionário, aplicado a militares não nativos da Língua Inglesa e já desempenhando funções no *HQ SACT*, foi o resultado de um extensivo e aturado trabalho de pesquisa e análise das funções descritas nos *Job Description* da OTAN, as quais são desempenhadas obviamente em Inglês. De referir que as funções identificadas são comuns a quase todos os cargos da OTAN. Com base nestas funções foi desenvolvido pelas duas especialistas (*Dr. Julie e Dr. Jana*) um questionário que aferisse e identificasse as competências linguísticas, de comunicação, discurso e terminologia necessárias ao desempenho das referidas funções.

Do questionário, originalmente desenhado em inglês, foram extraídas as perguntas que foram classificadas pelo público-alvo no *HQ SACT* como “difícil” pelo menos uma vez. Esta seleção de perguntas, constantes no questionário original, foi traduzida pelo autor, adaptada público-alvo português e aos objetivos deste trabalho, e devidamente validada através da sua aplicação a uma amostra do público-alvo.

O questionário integra questões relacionadas com as quatro competências definidas no STANAG 6001, *Listening, Speaking, Reading e Writing*. Foi solicitado aos inquiridos (militares a frequentar o CPOG, CEMC e CPOS no IUM no ano letivo 2015/2016) que atribuissem uma classificação entre “muito fácil”, “fácil”, “difícil” e “muito difícil” ao desempenho em Inglês das funções descritas. O questionário completo consta do apêndice H.

⁴ Chief Standards, Foreign Languages & Associate BILC Secretary, Language Programmes, Canadian Defence Academy QC-Government of Canada.

⁵ FL Standards Officer & Associate BILC Secretary, Language Programmes, MILPERSGEN HQ, Asticou Centre Department of National Defence/Government of Canada.

b. Análise de Dados

O questionário, em português, é composto por 42 perguntas relativas ao desempenho de funções, abrangendo as quatro competências (*Listening*, *Speaking*, *Reading* e *Writing*), de classificação quantitativa (muito fácil -1; fácil - 2; difícil - 3; muito difícil - 4); uma de resposta qualificativa (dispensável, pouco importante, importante, muito importante, indispensável); e uma de descrição por extenso.

Face às normas de realização deste trabalho de investigação de que decorrem limitações significativas ao seu desenvolvimento, realizar uma análise exaustiva (pergunta a pergunta) dos dados recolhidos não é exequível. No sentido de garantir a aferição das necessidades linguísticas identificadas pelos inquiridos ao questionário, far-se-á uma análise por competências. Para este efeito, foram as questões associadas por competências, considerando o universo de 170 inquiridos, e quantificados por classificação (1,2,3,4) os números de respostas a cada pergunta, fazendo-se posteriormente a sua análise. Foram contabilizadas todas as respostas 1, por pergunta, dentro de cada competência, e daí extraída a sua percentagem por comparação com o somatório de todas as perguntas classificadas com 2, depois com 3 e por último com 4, extraíndo-se de cada somatório a respetiva percentagem.

(1) *Listening*

Do universo de perguntas do questionário relacionadas com a competência *Listening* constam funções como “Acompanhar e compreender briefings ou apresentações detalhadas sobre tópicos profissionais (militares) realizados em inglês e usando briefings padrão da NATO” ou “Compreender ordens e informações relacionadas com a área militar” e “Compreender as notícias sobre política e de cariz militar emitidas em inglês por um canal (rádio ou TV) de um país cuja língua oficial é o inglês”⁶. (vide apêndice H)

Não será invulgar que a proficiência nesta competência não seja considerada como das que maior dificuldade revela. Contudo, não será de desprezar os mais de 25% de inquiridos que classificaram como “difícil” o desempenho de funções relacionadas com o *Listening*. Independentemente deste resultado, e considerando em termos genéricos da competência *per si*, há que relevar que cerca de 63% dos inquiridos considera fácil ou muito fácil o desempenho de funções relacionadas com esta competência. (apêndice K)

⁶ Questionário aplicado aos militares do CPOG, CEMC e CPOS.

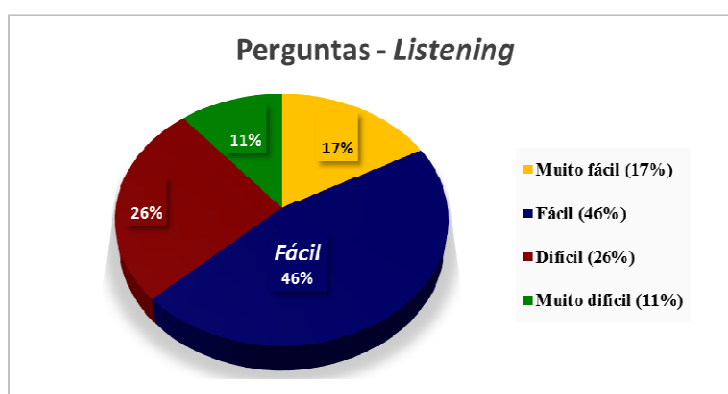


Figura 2 – Gráfico Perguntas – Listening

Fonte: Autor (Análise dos dados recolhidos no questionário).

(2) *Speaking*

Do universo de perguntas do questionário relacionadas com a competência *Speaking* constam funções como “Dar ordens e informações relacionadas com a área militar oralmente em inglês” e “Discutir, em inglês, assuntos profissionais e tópicos abstratos tais como política, economia, questões ambientais, etc, com representantes de organizações internacionais militares e não-militares.”⁷

Esta é, de facto, uma das competências que revela maiores angústias e que os dados efetivamente materializam. Embora 33% dos inquiridos considerem “fácil” o desempenho de funções nesta competência, há 57% que o consideram difícil ou muito difícil. Apenas 10% consideram muito fácil o desempenho de funções considerando a competência *Speaking*. (apêndice L) Ressalva-se que todas as perguntas do questionário correspondem a funções que os militares terão que desempenhar e que, neste caso concreto, implica efetivamente o emprego da capacidade não ensaiada de se exprimir verbalmente.

⁷ Questionário aplicado aos militares do CPOG, CEMC e CPOS.



Figura 3 – Gráfico Perguntas – *Speaking*

Fonte: Autor (Análise dos dados recolhidos no questionário).

(3) *Reading*

A competência *Reading* é, comumente, entre os utilizadores da Língua Inglesa, a que se reveste de menor dificuldade. Contudo, num contexto tão específico e técnico como é o militar, esta situação pode ser apenas aparente. Os dados que os inquiridos ao questionário revelaram indicam que, relativamente ao que é expectável que consigam fazer considerando esta competência, não será de facto das mais difíceis.

Mesmo assim, há que considerar os 25% de inquiridos que a classificaram como difícil. As funções que constam das perguntas do questionário incluem: “Ler e compreender artigos de análise política e económica, escritos em inglês” e “Ler e compreender documentos em inglês sobre temas como ética militar, política militar e de recursos humanos.”⁸

Sendo esta uma competência passiva, de receção, e que, ao usá-la, o leitor dispõe de algum tempo, não é de estranhar que 42% a considerem fácil. (apêndice M)

⁸ Questionário aplicado aos militares do CPOG, CEMC e CPOS.

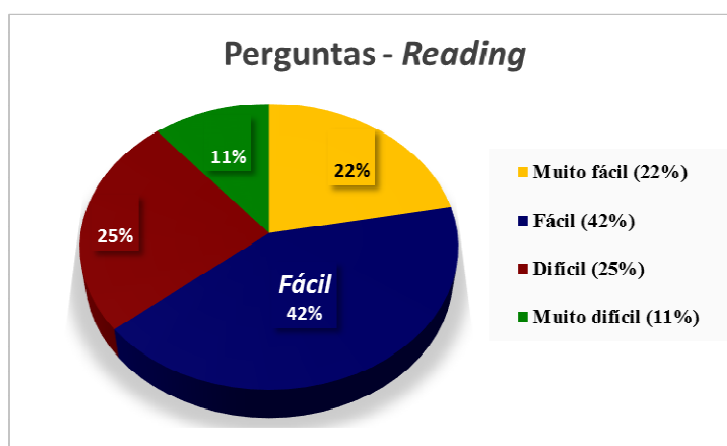


Figura 4 – Gráfico Perguntas – Reading

Fonte: Autor (Análise dos dados recolhidos no questionário).

(4) *Writing*

Paralelamente ao *Speaking*, esta também é uma competência produtiva, pelo que implica uma participação mais ativa do indivíduo. A correção gramatical e ortográfica é responsabilidade do emissor, tendo que manter em mente que o recetor terá que compreender a mensagem. Para o universo de quem desenvolve a sua atividade na área do ensino e testagem das línguas, os resultados aferidos neste questionário não serão estranhos.

De facto, à semelhança do que acontece com a outra competência de produção (*Speaking*), o universo dos inquiridos que consideram desempenhar funções escrevendo em Língua Inglesa, difícil ou muito difícil, é expressivamente superior aos que a consideram fácil ou muito fácil. Neste conjunto de perguntas incluíram-se funções como: “Produzir por escrito em inglês documentos de análise de pontos de vista e planos de implementação de novas ordens ou procedimentos.” e “Escrever em inglês artigos sobre conceitos estratégicos militares, política militar no seu país ou análise de iniciativas estratégicas”⁹

Os resultados obtidos são indicadores de que, de facto, esta competência é considerada maioritariamente mais difícil do que as de receção. Assim, apenas 10% a consideraram muito fácil, sendo que 20% a consideraram muito difícil. (apêndice N)

⁹ Questionário aplicado aos militares do CPOG, CEMC e CPOS.



Figura 5 – Gráfico Perguntas – Writing

Fonte: Autor (Análise dos dados recolhidos no questionário).

Em síntese, refere-se que os dados recolhidos, processados e posteriormente analisados, considerando o universo do total de perguntas por competência, indicam claramente que os militares portugueses sentem maiores dificuldades ou fragilidades no desempenho de funções, quando em ambiente combinado, do que decorre com recurso à Língua Inglesa, que implicam as competências de produção.

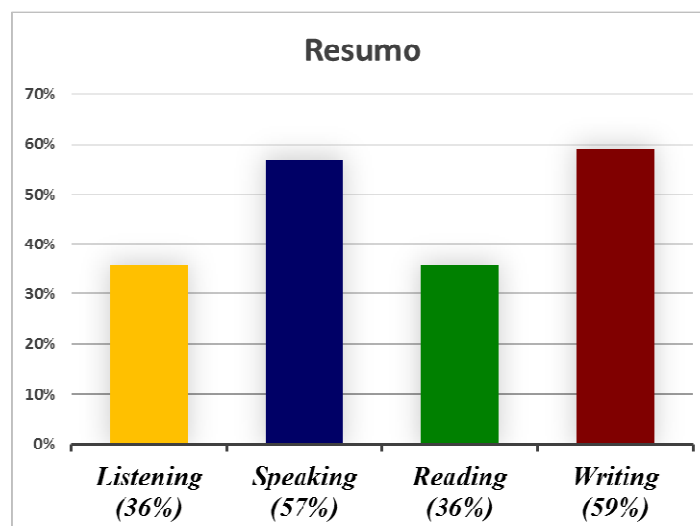


Figura 6 – Gráfico Resumo

Fonte: Autor (Análise dos dados recolhidos no questionário).

Não sendo de descurar que o somatório de perguntas da competência *Listening*, classificadas como difícil e muito difícil atinge os 36%¹⁰, à semelhança do que acontece com a competência *Reading*, os dados recolhidos expressam que *Speaking* e *Writing* são as competências onde se sentem maiores necessidades de formação complementar, adicional e específica. O somatório das perguntas de *Speaking* classificadas como difícil ou muito difícil atinge os 57%¹¹, sendo que para a competência *Writing* são de 59%¹².

A análise dos dados recolhidos revela que, a ser adequado, exequível e aceitável edificar a capacidade de ministrar cursos de *ESP* no IUM, há que considerar colmatar fragilidades nas quatro competências, sendo que se deverá dar maior relevância às competências de produção (*Speaking* e *Writing*), que na realidade envolvem uma componente mais prática do que teórica da aquisição e desenvolvimento de competências de comunicação numa língua estrangeira para o desempenho de funções (a essência dos cursos de *ESP*). Aprender a fazer, fazendo; aprender a usar, usando.

4. Modelos de *ESP*

Neste capítulo identificar-se-ão modelos de *ESP* que outros países Europeus e integrantes da OTAN utilizam para complementar a formação em Língua Inglesa ministrada aos seus militares, nomeadamente aos seus oficiais. O Grupo de Estudo do *BILC*, que em 2013 se debruçou sobre esta temática, definiu dois modelos de *ESP* que se recomenda que os países desenvolvam, no sentido de incrementar a proficiência, colmatar algumas fragilidades no desempenho de funções e contribuir para a eficiência e eficácia dos militares em ambiente combinado, concorrendo assim para o sucesso das missões da OTAN.

Foi ainda selecionado, pelo grupo de peritos da OTAN, um conjunto de conteúdos que os dois modelos de *ESP*, um para “*Staff Officers*” e outro para “*Operational Language*”, deverão incluir. O curso destinado a “*Staff Officers*” deverá incluir conteúdos como “*military writing, the military decision making process, strategies for effective participation in the meetings and conferences, and effective staff work*”¹³ (Garza, 2016). O curso de “*Operatio-*

¹⁰ Análise estatística do somatório das duas pontuações – “Difícil” e “Muito Difícil”.

¹¹ Análise estatística do somatório das duas pontuações – “Difícil” e “Muito Difícil”.

¹² Análise estatística do somatório das duas pontuações – “Difícil” e “Muito Difícil”.

¹³ Os conteúdos a incluir num qualquer curso de um língua estrangeira são sempre referenciados na língua-alvo.

nal Language” deverá ser “*mission specific and performance oriented*” (Garza, 2016). Os três países selecionados para apresentação dos seus modelos são: a Bulgária, a França e a Hungria. A Bulgária integra um dos *Partnership Training Education Center* da OTAN, ministrando cursos acreditados pela Aliança. A França pela importância dada à Língua Inglesa, apesar de uma das línguas oficiais da OTAN ser o Francês. A Hungria por ter a sua formação *ESP* certificada e acreditada pela OTAN.

a. Bulgária

(1) Enquadramento

A Bulgária, membro da OTAN desde 2004, passou por um processo de profunda reestruturação das suas FFAA para cumprir os requisitos de adesão à Aliança. De entre os requisitos constam também os requisitos de proficiência linguística. Com o apoio da OTAN e de peritos do *BILC*, o sistema de ensino e testagem de línguas estrangeiras, com especial enfoque no Inglês, foi reajustado. Desta forma, o ensino e testagem da Língua Inglesa na Bulgária está alinhado com as recomendações daquele órgão de conselho e de consulta da OTAN e, por essa razão um bom exemplo.

De facto, o ensino da Língua Inglesa é parte integrante de todos os *curricula* de todos os estabelecimentos de ensino militar (para cadetes, oficiais e sargentos), cursos de ingresso e qualificação e incluindo na *National Military University (NMU)*. É de relevar que há vários cursos de licenciatura e mestrado na área militar que são até lecionados em Inglês. Os cursos de *ESP* são uma realidade presente no ensino militar (Nesheva, 2016).

(2) Modelo de Formação

Na formação dos oficiais, faz-se uma atualização e revisão dos conhecimentos previamente estudados, uma vez que alguns já não contactam com a língua há algum tempo. Durante 120 horas frequentam um módulo de Inglês Geral, recorrendo-se aos livros *Headway* do *American Language Course (ALC)* que, como é sabido, embora se destine a aumentar a proficiência geral, têm aplicação direta de vocabulário e gramática, terminologia e cultura geral militar.

Estes módulos do ALC não serão considerados total e exclusivamente de *EGP* uma vez que, para além do geral, focam-se maioritariamente em conteúdos militares. Contudo, não foram desenvolvidos para colmatar fragilidades e necessidades diretamente relacionadas com o desempenho de funções e têm uma duração superior ao que será expectável num curso *ESP*. Estes mesmos oficiais, que estão a frequentar os cursos na *Rakovski Defense*

College, para além da referida atualização e revisão, têm também aulas de *ESP*, sendo-lhes ministradas 80 horas de *Specialized Military English*.

Há ainda módulos independentes de *ESP* na área de *Specialized Military English* que duram entre duas a três semanas consoante a área específica (vide anexo C).

b. França

(1) Enquadramento

A França, tal como Portugal, é um dos membros fundadores da OTAN. Em 1996 retirou-se da estrutura de comando militar da Aliança, por querer prosseguir um sistema de defesa independente, tendo-se reintegrado naquela estrutura de comando em abril de 2009. Embora a Língua Francesa seja uma das línguas oficiais da OTAN e também de outras OI, a França tem bem presente a importância da Língua Inglesa no seio da Aliança, não descuidando o seu ensino (Cleret, 2016).

(2) Modelo de Formação

O ensino de Língua Inglesa faz parte de todos os cursos ministrados no ensino superior militar, desde as Academias até (e inclusive) ao CPOS, CEMC e CPOG franceses (nos *Le Centre des Hautes Etudes Militaires*, e *L'Ecole de Guerre*).

A Língua Inglesa é ministrada ao longo de todo o curso e constitui-se como uma combinação de conteúdos de *EGP* e *ESP*. Especificamente para os *Hautes Etudes Militaires* o enfoque é a abordagem comunicativa centrada no aluno, numa perspetiva pedagógica transacional e transformativa.

Uma das atividades de *ESP* desenvolvida ao nível dos estudos superiores militares é o *Debating*. São constituídas equipas que se preparam ao longo do ano (setembro a junho), três horas por semana (para além das aulas que fazem parte dos seus planos de estudos), para participarem em competições de *Debating* no formato britânico (*British Parliamentary Format*) e no formato americano (*American Policy Format*).

Esta preparação inclui conteúdos como “*rhetoric, public-speaking, creative critical thinking, construction of argument, persuasion, rebuttal, research skills, critical reading*” (Cleret, 2016) (vide anexo D). É de realçar que o *Debating* obriga ao desenvolvimento de competências de comunicação, investigação e raciocínio na língua-alvo pelo que contribui significativamente para o incremento da proficiência na língua, ainda que não seja esse o seu principal objetivo.

c. Hungria

(1) Enquadramento

A Hungria integrou a OTAN em março de 1999. Portugal tem relações de cooperação em matéria de defesa nacional firmadas com a Hungria. Em matéria de operações militares, quer da OTAN quer da UE, a Hungria e Portugal têm operado lado a lado. Disto são exemplo as missões no Kosovo e no Mali.

Membro do anterior Pacto de Varsóvia até 1991, também a Hungria sofreu e tem vindo a sofrer significativas mudanças e reestruturações no seio das FFAA. O ensino da Língua Inglesa é matéria cara para este país, quer ao nível superior no Ministério da Defesa, quer no seio das estruturas das FFAA.

(2) Modelo de Formação

O *Language Training Centre* da *Faculty of Military Sciences and Military Officer Training*, da *National University of Public Service* dispõe de um largo espectro de cursos de Língua Inglesa que ministra ao pessoal do Ministério da Defesa Nacional, Estado-Maior General das FFAA, militares e civis das Forças de Defesa da Hungria.

Para além destes cursos, e em cumprimento das recomendações do ACT, a Hungria ministra cursos de ESP a alunos húngaros e internacionais - *Staff Officers' Military Terminology Course (SOMTC)*, *Military Terminology Teacher Training Seminar (MTTS)*. Este país integra ainda o *Defence Enhancement Education Programme (DEEP)*, no âmbito do qual também ministram cursos de Língua Inglesa, entre outras línguas. (Kiss, 2016)

O curso de ESP mais emblemático e relacionado com o desempenho de funções em ambiente combinado é o SOMTC que tem uma dupla função: melhorar as competências linguísticas de comunicação, familiarizando os alunos com a terminologia da OTAN e providenciando a experiência de fazer apresentações em inglês; e promover uma abordagem abrangente à estrutura da OTAN (Kiss, 2016) (vide anexo E).

Apresentados os três modelos de ESP, importa relevar que, nas pessoas de *Dra. Peggy Garza – Chair English Language Programs Department – Partner Language Training Center Europe*; *PhD Gabriella Kiss – Director of Foreign Language Training Centre, National University of Public Service, Budapest, Hungary*; *Dra. Emilie Cleret – chef du bureau langue anglaise de la direction de l'Enseignement militaire supérieur*; *Dra. Emilija Nesheva – State expert on foreign language training and testing, Education and Qualification Department, Human Resources Management Directorate, Bulgarian Ministry of Defence*, todas as instituições estão disponíveis para cooperar com Portu-

gal e com o IUM, caso seja adequado, exequível e aceitável desenvolver módulos *ESP* no IUM e assim se deseje (vide anexos B, C, D, E).

Poderá, em síntese, referir-se que qualquer um dos três modelos será aplicável ao universo do IUM, assim como, poderá selecionar-se conteúdos de cada um, adaptando-os à realidade das necessidades identificadas.

5. Meios e Recursos

Para edificar uma capacidade, considerando a doutrina de edificação de capacidades da OTAN, a qual também se poderá aplicar ao caso concreto em investigação, há que considerar o modelo da Aliança que integra DOTMLPIL.

Tabela 1 – Edificação da Capacidade de *ESP* no IUM

EDIFICAÇÃO DA CAPACIDADE DE <i>ESP</i> no IUM	
<i>Doutrina</i>	– Toda a doutrina OTAN já existente – Recomendações a Portugal que constam do <i>NATO CAPABILITY TARGETS 2013</i> – Recomendações do <i>BILC</i> – Currícula dos cursos de <i>ESP</i> de outros países – Decreto-Lei n.º 249/2015, de 28 de outubro – ANEXO, Capítulo II, Artº 3º, 1, alínea c)
<i>Organização</i>	– IUM
<i>Treino</i>	1. Trabalhos a desenvolver durante o módulo com a finalidade de aperfeiçoar conhecimentos da língua inglesa previamente adquiridos e desenvolver estratégias de comunicação no desempenho de funções contribuindo para eficiência e eficácia
<i>Meios</i>	– Salas – Computadores – Projetor – Secretárias e cadeiras – Livros – Fotocópias – Etc
<i>Liderança</i>	Formação complementar
<i>Pessoal</i>	– Docente com formação na área da Língua Inglesa, experiência no desenvolvimento e docência de módulos <i>ESP</i>
<i>Infraestruturas</i>	– IUM
<i>Interoperabilidade</i>	– Por ser um tipo de formação prática e colaborativa orientada para o desempenho de funções, contribui para o aumento da interoperabilidade

Fonte: Autor.

Em suma, são apresentados os meios e recursos necessários à edificação desta capacidade no IUM, sendo que naturalmente carece do reconhecimento da sua necessidade e aprovação superior.

CONCLUSÕES

Uma comunicação eficiente, objetiva e precisa é basilar em qualquer organização. No contexto tão exigente, técnico e particular como é o contexto militar, essa evidência é ainda mais relevante.

Ante a realidade da globalização, as competências de comunicação em Língua Inglesa constituem-se como fundamentais. O Inglês, que é a primeira língua do discurso internacional e língua oficial da maioria das OI, incluindo a OTAN, é também a língua das operações militares em ambiente combinado. Verifica-se, no entanto, que a proficiência em Inglês, *per si*, não tem garantido eficiência e eficácia na comunicação no seio da Aliança. Daqui decorre que, em teatros multinacionais, o desempenho eficiente e eficaz assenta também nas competências de comunicação em Língua Inglesa que podem ser significativamente potenciadas através de formação *ESP*.

A investigação que se apresenta teve como objetivo geral analisar a adequabilidade, exequibilidade e aceitabilidade da edificação da capacidade de formação de *ESP* no IUM. Recolheu-se e organizou-se um conjunto de informações que permitissem responder à questão central deste trabalho - Como edificar a capacidade de formação de *ESP* no IUM, como meio de desenvolver a interoperabilidade linguística dos oficiais das FFAA?

Neste estudo de caso, a análise dos dados recolhidos, através de fontes documentais, dos questionários e das entrevistas permitiu obter respostas para todas as questões e objetivos propostos inicialmente.

Conclui-se que há relação sinérgica entre o IUM e os cursos de *ESP*, pois ambos visam preparar e qualificar para operar e desenvolver funções com eficiência e eficácia, sendo que, para além de ser considerado muito importante haver este tipo de formação no IUM, foram apontadas vantagens relevantes e significativas como sejam “a normalização, o incremento da proficiência, a melhoria da interoperabilidade com parceiros em forças multinacionais, o aumento da confiança dos militares e, consequentemente, da imagem externa do país”, entre outras.

Em relação ao tipo de necessidades linguísticas a colmatar com a implementação de módulos de *ESP* no IUM, conclui-se, da análise estatística das respostas aos questionários, a desenvolver módulos de *ESP* no IUM, que terá que se atender a necessidades relacionadas com as quatro competências

(*Listening, Speaking, Reading, Writing*), mas com especial enfoque nas competências de produção.

Quanto aos modelos de formação de *ESP* potencialmente adequados ao universo do IUM, conclui-se que qualquer um dos três modelos (Bulgária, França e Hungria) será aplicável ao universo do IUM, assim como, se poderá seleccionar conteúdos de cada um, adaptando-os à realidade das necessidades identificadas.

Finalmente, identificaram-se os recursos necessários à implementação da formação *ESP* no IUM, recorrendo à abordagem DOTMLPPII usada na OTAN para a edificação de capacidades.

Após análise de todos os elementos recolhidos durante a realização deste trabalho de investigação, afigura-se seguro concluir que é **Adequada** a implementação de módulos de *ESP* no IUM pois, fica significativamente expressa a sua necessidade e indubitavelmente identificadas as suas vantagens. Este tipo de formação complementar é comumente aceite entre os especialistas internacionais da OTAN como sendo potenciadora da proficiência e alcançando resultados muito positivos.

A edificação desta capacidade no IUM é **Exequível** porque não implica grandes estruturas ou transformações. A relação custo-benefício é significativamente positiva pelo que é **Aceitável** haver módulos de *ESP* no IUM que colmatem necessidades identificadas e concorram para o incremento da proficiência na Língua Inglesa. Daqui decorre que foi alcançado o OG deste trabalho: “analisar a adequabilidade, exequibilidade e aceitabilidade da edificação da capacidade de formação de *ESP* no IUM”. Deste modo, contribuiu-se para o conhecimento identificando possíveis soluções pedagógicas que colmatem fragilidades de comunicação em Inglês com impacto direto quer no desempenho de funções em órgãos estáticos da OTAN, quer em operações da Aliança em teatros combinados.

INTRODUCTION

Portugal, founding and member state of the North Atlantic Treaty Organization (NATO), has agreed to the Terms of Reference of the Alliance which state that “English and French shall be the official languages for the entire North Atlantic Treaty Organization”. (NATO, 1949). Throughout time, English has had an appreciatively more significant expression and importance in oral and written communication. Within NATO, the publications, procedures and communication, amongst others, are produced in English language.

The participation of Portugal in multinational military operations and exercises and the appointment of Portuguese military for international positions is increasing, is more significant and relevant as a result of international commitments, the status of being one of the founding members of NATO and the present context. One can, therefore, infer that the number of missions of the Portuguese Armed Forces, in combined theaters has suffered an exponential increase.

In Portugal, serving in combined environments is objectively perceived as requiring differentiated levels of preparation and qualification. One of the tasks assigned to the Institute of Higher Military Studies (IHMS), is “to conduct, harmonize and coordinate the syllabi of the complementary training courses throughout the military career, namely promotion, qualification, specialized and refresher courses, as well as apprenticeship and internship programs to qualify for posts and functions in the Armed Forces and National Republican Guard, joint or combined forces and international organizations; (...)” (Decreto-Lei n.º 249/2015, de 28 de outubro, 2015)

It follows that, to endow the Portuguese military, namely the Officers, with complementary skills, thus contributing to increase the development of their interoperability skills, is of the utmost importance. The “combined” is comprised of diverse vectors, one of which is the use of a common language to ensure precise communication, standardized and objective, as formal as required, always taking into account the necessary efficiency and effectiveness of the performance. However, at the present time, the IHMS does not provide any type of training in English language – key factor in the preparation and qualification of the military who will perform in combined theaters.

Considering that English language proficiency is the key to interoperability amongst NATO forces and between these and the ones they operate with, the topic of this research work is timely and of great importance. The results of

this research can, significantly, contribute to enhance and increase the linguistic interoperability of the Portuguese officers since, within this scope, the suitability, feasibility and acceptability of providing English for Specific Purposes (ESP) courses at the IHMS will be assessed, and the language needs will be identified.

Considering the aforementioned, the subject of the research is the training in English language at the Institute of Higher Military Studies, based on the concept of ESP.

For this purpose, it will be considered the range of students attending the Flag Officers Course, the Joint Staff Course and the Field Grade Officers Course and diverse officers who have had the experience of serving in combined scenarios.

The general objective of this research work is to analyze the suitability, feasibility and acceptability of building the ESP training capability at the IHMS. In order to meet the General Objective, five specific objectives have been defined: (i) relate the ESP concept to the tasks assigned to the IHMS; (ii) enumerate advantages of implementing ESP courses at IHMS; (iii) identify the language needs the implementation of the ESP courses at the IHMS should address; (iv) identify ESP courses used by other European countries which may be adequate for the IHMS; (v) identify the means and resources necessary to implement ESP courses at the IHMS.

This research is comprised of bibliographic and documental search, within the scope of the topic, from sources such as NATO and IHMS documents, and diverse legislation. Other sources which have proved to be of relevancy to the research during the review of literature process were also used. In order to operationalize the research, questionnaires were applied and interviews were held. These have contributed to collect the data related to language needs, service in combined or multinational theaters, amongst others.

1. English Language and the military context

In this chapter, the relation between English language and the Armed Forces will be covered. The importance of English language in the 21st century and its importance within the national military context and within the Alliance (NATO) will be addressed.

a. English Language

English is a Germanic language from the Anglo-Saxon realms and is widely present all around the world. It is the first language of the international speech and is the official language of most International Organizations (IO). It is the third most spoken language on the planet. It is not an extrapolation to state that English language, in the 21st century, is accepted as a *lingua franca* of diverse activities. The fact is that English language is, at the present time, the language most people use in international communication.

What is English tongue (commonly referred to as English language)? In order to define tongue one has to address it as a part of the communication triad: language, speech/script and tongue. Language is the system (verbal and non-verbal) that allows communication to occur; the speech/script is the means that ensures oral and written communication; the tongue is the code each community uses to communicate (words). English is, therefore, the code that ensures the communication amongst its speakers. However, knowing which code is used to communicate does not ensure effective and efficient communication; it is necessary to know how to use the code to ensure the transmission and understanding of the message. Therefore, knowledge of and in the tongue (commonly referred to as language) is required.

b. English Language and the Armed Forces

When NATO was created, in 1949, it was established that the Alliance would have two official languages: English and French. Nevertheless, English has been the most used, the one which has had the broadest expression, and the one that has been the language of military operations.

Therefore, English language is as important to the Portuguese Armed Forces, as the integration of Portugal in IO such as NATO, United Nations and European Union (EU) is to the country. This fact is significant and relevant, since this is the official language of most of the IO that Portugal belongs to. Furthermore, it is the language of military operations, the core business of those who have embraced this "... as a military, (...) to serve the Armed Forces and fulfill the military duties. (...) defend my country and always be ready to fight for its freedom and independence, even at the cost of sacrificing my own life." (EMFAR, 2015).

NATO "Job Descriptions" establish a set of requirements both for military personnel fulfilling international positions at its headquarters, and for forces that take part in the Alliance's military operations and exercises. Amongst the requirements, one ought to highlight the linguistic requirements,

which is one of the factors assessed to evaluate interoperability capabilities when in combined scenarios.

Assuming that the military personnel of all nations meet the linguistic requirements established for the aforementioned situations, it is preoccupying that statistic data confirm that the lack of skills, or significant shortfalls in English language proficiency significantly contribute to incidents over the course of Alliance's operations (JALLC, 2010). The situation is so serious that General Philip M. Breedlove, former Supreme Allied Commander Europe, has stated in the Supreme Allied Command Annual Guidance on Education, Training, Exercises and Evaluation 2014 that "language competencies are identified as an important shortfall and actions are needed to mitigate and resolve this problem (SACEUR, 2014). From a more domestic point of view, the recommendation¹ to Portugal, stated in the NATO CAPABILITY TARGETS 2013 - Target E1101, should be emphasized.

"Language proficiency is an individual's unrehearsed, general language communication ability" using a generic knowledge of the language that has been acquired throughout time (NATO, 2014).

One can, however, complement proficiency in order to enhance it and optimize it, and simultaneously, enable the development of specific linguistic and communication skills, such as those ones required in the demanding, technical, particular, combined military context and thereby provide the military with a vast array of skills which improve and foster efficiency, effectiveness and interoperability.

NATO military operate in multinational scenarios, hence effective and efficient communication is of paramount importance and, indeed it is an interoperability requirement. Considering the combined theaters in which military operate, establishing language or linguistic requirements is fundamental. "English language, the *lingua franca* of the Alliance, even though there are two official languages, is frequently designated, by agreement amongst the nations, as the language for a specific purpose. For example, the Standardizations Agreement (STANAG) 3797 designates that the language

¹ "Ensure that all NATO Command Structure (NCS) staff and other national personnel who are routinely involved in NATO issues or deployed on NATO operations are able to communicate effectively in the English language. (...)

Ensure that all personnel earmarked for participation in the NCS and national staffs who are routinely involved with NATO issues have English language skills sufficient to meet their job descriptions which should generally be as follows (Listening, Speaking, Reading, Writing in accordance with STANAG 6001, Edition 4 (...)

"Integrate English language training into the curricula of officer and NCO education establishments and in career development programs".

used for NATO aircraft control is English” (*Deputy Chief of Staff Joint Force Trainer*-VAdm Javier Gonzalez-Huix, 2016) (see annex A).

“One of the factors that contributes to interoperability is effective communication that, in spite of all the technology, still requires the use of spoken or written words. Therefore, in order to ensure effective communication and clear message (understood by everyone), one needs the sender and the receiver to use a common language. (...)”

Since our defense is ensured within the Alliance and the younger generations have clearly opted for English as a second language, one cannot escape from this reality. English language proficiency plays a very important, perhaps even a critical role in ensuring interoperability of our capabilities within NATO.” (CEMGFA, 2016) (Annex G)

Efficiency and effectiveness in a combined environment also depends on being able to communicate in English language. Weaknesses in English language proficiency will directly limit communication. “In a more complex and unpredictable situation such as the conduct of war and tactics, more uncertain, miscommunication cannot happen (Palma, 2016) (Annex F).

In a high risk and emergency situation, defense policymaking, joint and combined forces employment, on a multinational scenario, not being able to communicate, understand or make yourself understood is beyond harmful; in fact, in an extreme situation, lives may depend on it.

Former Supreme Allied Commander Europe General Philip M. Breedlove also considers English language vital to military since it is key to interoperability. Military communicate in English and poor communication is detrimental to the success of NATO missions.

Briefly, English language proficiency is vital to the Armed Forces and to military. However, proficiency, *per se*, has not ensured efficient and effective communication within the Alliance; significant incidents related to English language proficiency shortfalls have occurred and actions have been undertaken to mitigate and resolve this problem.

2. English for Specific Purposes and the IHMS

This chapter covers ESP: the origin; how it is perceived amongst the authors and experts in languages; its features and its importance to the military context. The relationship between this concept (ESP) and the syllabi of the IHMS courses, their commonalities, advantages and potential synergies one should take into consideration will also be addressed.

a. English for Specific Purposes

At the end of World War II, ESP was separated from English for General Purposes (EGP) (Hutchinson & Waters, 1987) as a result of the need to adjust the traditional language teaching methods to the emerging challenges. These challenges, related to the expansion of the scientific, technical and economic activities, brought the teaching and the new sort of students before very precise and specific learning objectives.

It was in the late sixties, however, that English became widely used in science and technology.

Assuming the premise that the type of language one uses varies according to the context, one can conclude that there are significant differences in the type of language one uses for diverse activities. It is, therefore, paramount to adjust the methods, lexicon, semantics, etc. to the needs of the learners. These needs will be defined in accordance with the specific discourse features of each area (Hutchinson & Waters, 1987).

In the 1980's ESP was defined as to be in contrast to EGP. ESP comprised some absolute features: designed to meet specific needs of the learner; related in content (i.e. in its themes and topics) to particular disciplines, occupations and activities; centered on the language appropriate to those activities in syntax, lexis, discourse, semantics, etc., and analysis of this discourse (Strevens, 1988).

Dudley-Evans and St. John state that the distinction between ESP and EGP is the practical, observable and well defined results. Though teaching English for specific purposes reflects the concepts and activities related to the subject, it is not necessarily confined to the specific content.

These two authors identify three absolute features and four variable features of ESP. It is certain that ESP will address the students' specific needs, it is an approach to the methodology and activities related to the discipline, the focus is on language, skills, discourse, and genre suitable for the activities and functions of the students. However, it is not clear that ESP is necessarily related to just a specific discipline, uses different methodologies, or is exclusive of adults. It is also not certain that ESP is suitable just for advanced or intermediate level students (Dudley-Evans, 1998).

In a particularly important note on ESP, one must acknowledge the advantages and benefits associated with this area of teaching. Dudley-Evans e St. John (1998) affirm that specificity and motivation are the main advantages. The short term courses, as usually ESP courses are (focused on learners needs, thus maximizing time), and the relevance of the learning outcomes

and the effective outcomes experienced by the students, increase learners' motivation.

Considering the context in which this research work is developed and emphasizing that the debate on the definition of ESP is yet to be closed, one has to realize that the linguists and language scholars community within the military context consider that "the purpose of an English for Specific Purposes (ESP) course is to enable learners to function adequately in a target situation, that is, the situation in which the learners will use the language they are learning" (Silva Joyce, et al., 2015).

Hence, it is not inaccurate to state that, in the military context, ESP will be a complement to EGP and, contrasting with the latter, designed to meet the specific language needs resulting from the assessment of the operational and tactical reality wherein the learners will operate using the language.

Dra. Peggy Garza, 40 years of experience in the field of teaching English to international military personnel, with particular expertise in testing and assessment, ESP and teacher training, currently the Chair of the English Language Programs Department at the Partner Language Training Center Europe (PLTCE) of the George C Marshall Center (GCMC) for Security Studies, member of the team that developed the online English Language Training Enhancement Course (ELTEC) for NATO staff officers, and BILC Secretary from 1997-2008 and BILC Secretary again from 2014-2016, states in her interview to the author that "ESP courses are aimed at teaching the specific language and communication skills that learners will need in order to be effective in their professional work" (Annex B).

The question arises, however, as to whether being proficient in a language, in this case in English, is sufficient to ensure the military personnel efficiency and effectiveness in a multinational context.

"It is BILC's position that properly designed ESP courses could provide more favorable results in developing learners' job-related language competencies." (Garza, 2016)

This subject is so important that in 2013, "the theme of the BILC Conference was *NATO Speak: English in Multinational Settings*. A BILC Study Group was tasked with defining "NATO Speak" and formulating recommendations for integrating "NATO Speak" into language training programs. The Study Group identified two categories of courses: one for staff officers and one for operational language. Clearly in both cases, the recommended content is customized to the specific target language use situation." (Garza, 2016).

According to experts, experienced teachers, military and civilians serving in high responsibility international posts, it is imperative to address the gaps and overcome the communication competence shortfalls within the

military context. One of the approaches one might consider to address these issues, could be to develop and deliver properly designed ESP courses.

b. The Institute of Higher Military Studies

The IHMS results from the military higher education reform and is an example of cooperation amongst the Armed Forces and the National Guard. This reform has provided an opportunity to rationalize resources and to produce knowledge in the scope of military sciences and, moreover, to encourage the excellence of the higher military education in observance of the military principles and values, foundation of the Military Institution (MDN, 2015).

The IHMS is “a public higher education institution for military studies which provides training and education to the officers of the Armed Forces and the National Republican Guard throughout their careers, enabling them to perform command and staff duties within their own branches, combined joint forces and within national or international institutions/organizations. The Institute strives to establish itself as a paradigm of quality amid being a Security and Defense national and international military higher education reference.” (Instituto Universitário Militar, 2016).

Considering the context and framework of this work, and for its specific purpose, the research focused on the Flag Officers Course (FOC), the Joint Staff Course (JSC) and the Field Grade Officers Course (FGOC); and their syllabi were analyzed thereof.

(1) Flag Officers Course (FOC)

The aim of the FOC is “to prepare nominated Captains and Colonels to perform functions in high level Command, Direction or Staff positions in high echelons. The main objectives of the course are: provide information in order to improve and promote the reflection and discussion which enables the students to produce relevant knowledge at the conceptual, doctrinal and systemic levels in order to complement their career-long education; develop the knowledge of Security and Defense problems, especially in what concerns National Defense from a political-strategic perspective; develop and refine communication, analysis, synthesis and argumentation skills in order to acquire a global and sustained prospective vision that, together with an interpersonal relationship dimension, may contribute to the quality of performances in top management positions and the highest level of the Armed Forces hierarchy.” (Instituto Universitário Militar, 2016) The Flag Officers Course comprises a diverse range of subjects related to three major areas of knowledge which are set out in Appendix A.

(2) Joint Staff Course (JSC)

“The Joint Staff Course aims to qualify senior officers from the Armed Forces and National Republican Guard with an advanced education in the employment of military forces at the operational and strategic levels, namely within national and international Joint Staffs, the Armed Forces, high echelons of National Defense, as well as within national and international organizations.” (Instituto Universitário Militar, 2016) The fields of study, subjects and scientific areas covered are set out in Appendix B.

(3) Field Grade Officers Course (FGOC)

The Field Grade Officers Course supports the training of Navy First lieutenants, Army, Air Force and National Republican Guard captains providing them with the skills and military technical expertise required to perform functions as senior officers. (Instituto Universitário Militar, 2016) The scientific areas, syllabus and course units are set out in Appendixes C, D, E, F, G.

c. Synergies between ESP and the IHMS, advantages of ESP at the IHMS

One of the tasks assigned to the Institute of Higher Military Studies (IHMS), is “to conduct, harmonize and coordinate the syllabi of the complementary training courses throughout the military career, namely promotion, qualification, specialized and refresher courses, as well as apprenticeship and internship programs to qualify for posts and functions in the Armed Forces and National Republican Guard, joint or combined forces and international organizations; (...)” (Decreto-Lei n.º 249/2015, de 28 de outubro, 2015)

The purpose of the aforementioned courses is to prepare the officers to perform functions: FOC – “...may contribute to the quality of performances in top management positions and the highest level of the Armed Forces hierarchy.” (Appendix A); JSC – “(...) advanced education in the employment of military forces at the operational and strategic levels, namely within national and international Joint Staffs (...)” (Appendix B); FGOC – “(...) providing them with the skills and military technical expertise required to perform functions as senior officers (...)” (Appendixes C to G).

The purpose of the ESP courses is to prepare the students to more efficiently and effectively operate and perform their functions, providing them with the necessary linguistic and communication skills required for those duties or functions. There are, indeed incontrovertible synergies, similarities and complementarities between ESP and the education in the IHMS since both have the ultimate purpose of preparing for performance.

The achievement of those goals is, moreover, aligned with the National Defense Strategic Concept (NDSC) which establishes as one of the structural national objectives “in the national security and defense policy framework, ensure the development of the capability to counter the most probable risks and threats and to fulfill international commitments, including the employment of the Armed Forces in international peace missions.” (...) The same document (NDSC) also states: “(...) Adjust national security and defense policy to strategic environment, that the military element is paramount in supporting of foreign policy. One of the priority missions of the Armed Forces is to contribute, as an instrument of the state, to international security, namely through participating in international military peace missions which guarantee the external recognition of Portugal as an international security producer. (...) it is the Portuguese state’s responsibility: To participate in international military missions for the preservation of peace and security, namely within the UN, NATO and EU framework, by incorporating the developments made by those organizations into the national planning;” (Conselho de Ministros, 2013)

Reflecting on the intent of the NDSC, the tasks assigned to the Institute of Higher Military Studies (IHMS) and the features of the ESP courses, one may state that to achieve the goals of the first (NDSC), one prepares and qualifies the Portuguese military (IHMS) using instruments (ESP) that contribute to their success.

In actual fact, all the interviewees, Portuguese and foreigners², consider that it is important to provide this type of training (ESP), not only because “having the possibility to improve communication skills is always a benefit” (Deputy Chief of Staff Joint Force Trainer-VAdm Javier Gonzalez-Huix, 2016), but also because it is highly important for the military (Garza, 2016) (Nesheva, 2016) (Cleret, 2016) (Kiss, 2016). In addition, considering “training and education at the IHMS from a broader perspective, from admission training to qualification and promotion courses, it makes perfect sense that English training is part of the syllabi of the diverse cycles of study

² Deputy Chief of Staff Joint Force Trainer-VAdm Javier Gonzalez-Huix, ESP N; MGEN Guerra Pereira – Chefe do Gabinete do General CEMGFA; CALM Novo Palma – Marinha; CMG Rodrigues Pinto – Marinha; Dra. Peggy Garza – Chair English Language Programs Department – Partner Language Training Center Europe; PhD Gabriella Kiss – Director of Foreign Language Training Centre, National University of Public Service, Budapest, Hungary; Madame Emilie Cleret - chef du bureau langue anglaise de la direction de l’Enseignement militaire supérieur; Dra. Emilija Nesheva – State expert on foreign language training and testing, Education and Qualification Department, Human Resources Management Directorate, Bulgarian Ministry of Defence.

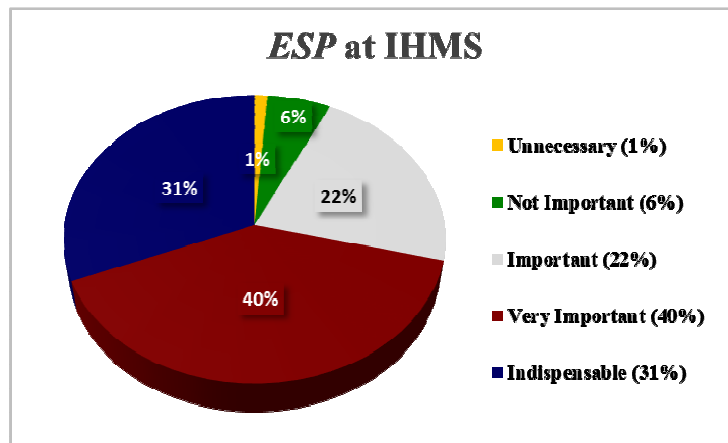
and qualification courses. It should be a process across the board, throughout the training and education of an officer of the Armed Forces.

For such, besides specific English language training and education course units, “there ought to be course units, particularly for the qualification and promotion courses, taught and developed in English, mainly the units directly related to military operations. The development and increase in English proficiency should not be based on *ad-hoc* training, dedicated to the performance of one particular post; it ought to be a sustained process extending from admission courses into training and education throughout the career.” (CEMGFA, 2016).

One has, yet, to emphasize BILC’s official position which defends that “properly designed ESP courses could provide more favorable results in developing learners’ job-related language competencies, moreover, ESP courses offered at the level of higher military studies would definitely enhance and build on the officers’ foundation in English and contribute to improve their performance.” (Garza, 2016)

Even though it is not unanimous that this type of training (ESP) should be delivered at the IHMS, the statistical analysis of the answers to question 43 of the questionnaire Appendix I), crossed with the content of the interviews, indicates that the overwhelming majority of the military advocates it. The military from the FOC, JSC and FGOC who answered the questionnaire, have also enumerated a myriad of advantages in support of such theory. (Appendix J)

“Question 43: Considering that, in the near future, you may be assigned to a post where you will have to perform your duties in combined, international or multinational scenarios or environment, where English is the official language; and that the design of the English for Specific Purposes (ESP) courses is based on the specific language and communication skills that result from the functions an officer is expected to perform in a combined environment; and that ESP prepares the students to perform, communicating efficiently and effectively in the target language (English) in their fields of expertise, state the degree of importance you would assign to having this type of training (ESP) at the IHMS.”



Graphic 1 –ESP at IHMS

Source: Author (Statistical analysis of the questionnaire data).

Two of the military who answered the questionnaire have considered this type of training (ESP) at the IHMS unnecessary because, in their opinion, it is a responsibility of the services (Navy, Army, Air Force). Notwithstanding that one other respondent and Rear Admiral Novo Palma consider this training to be a responsibility of the services, they also consider it to be essential. However, as shown in the graphic, over 70% of the respondents consider very important or indispensable the IHMS to deliver ESP courses.

The following are some of the advantages enumerated in the questionnaire: “standardization; increase in proficiency; interoperability improvement when in multinational environment; increase in the level of self-confidence of the military, thus improving the external image of the country; complementary to the training delivered by the IHMS on NATO doctrine (publications and documents written in English); fulfilling an existing gap within the Portuguese Armed Forces; better preparation of the military to perform specific functions; complementary to EGP which is taught at the “Academies”; become acquainted with NATO specific document and briefing formats; considering the global context wherein the Armed Forces operate, it is an indispensable tool.”³.

Summarizing this chapter, one may state that there are, indeed, synergies between the Institute of Higher Military Studies and the English for Specific Purposes courses since both aim at preparing and qualifying to

³ Data collected from the questionnaire applied to the military attending FOC, JSC, FGOC at the IHMS.

efficiently and effectively operate and perform duties, tasks and functions. Significant and relevant advantages were stated in support of having this type of training at the Institute.

3. Language Needs

The general language needs, notwithstanding the foremost ones, will be identified in this chapter. The assessment, focused on each skill, results from the analysis of the data collected from the questionnaire applied to the military attending the FOC, JSC and the FGOC at the IHMS will be presented.

a. Questionnaire development

The design of a questionnaire to identify language needs in order to properly develop an ESP course is highly complex. It is not a mere identification of grammar structures and vocabulary that the students have to master in order to successfully complete a general language course.

A language needs analysis, for the purpose of developing ESP courses, entails the identification of the functions and tasks the learners are expected to perform in the target language. Within the complex military context, this identification encompasses an appreciable number of elements and dimensions which are different but related to each other. Apart from the aforementioned undisputed complexity, one ought to highlight the importance of a correct needs analysis, assessment or identification in order to properly develop and design these ESP courses, since these courses will contribute to improve the performance of military personnel that, when in combined environments, are, in fact, representing of their countries.

Hence, diligence and caution are imperative when designing the language needs questionnaire. A properly designed questionnaire will ensure a correct identification of the real needs, thus significantly contributing to coherently develop an appropriate and proper course aimed at overcoming the shortfalls which compromise the performance of the military operating in a combined, international or multinational environment.

“A needs analysis, such as the one conducted at Head Quarters of Supreme Allied Command Transformation (HQ SACT) by a BILC team, can zero in on the specific communication skills, discourse and terminology needed for combined and international military contexts.” (Garza, 2016). The author requested Dr. Peggy Garza the Language Needs Analysis Questionnaire

developed and conducted at the HQ SACT by Julie J. Dubeau, M.A.⁴ e Jana Vasilj-Begovic, M.A.⁵.

The questionnaire, which was applied to non-English native speaker military personnel serving at the HQ SACT, was the result of extensive and thorough research work and identification of tasks and functions of the NATO Job Descriptions. These functions and tasks are obviously performed in English and are common to most NATO posts. Dr. Julie e Dr. Jana based the questions of their language needs analysis on the functions and tasks in order to assess and identify the required language and communication skills, discourse and terminology needed for performing them.

From the original questionnaire, designed in English, the questions graded by the target audience at the HQ SACT as “difficult” at least once, were selected. This selection of questions was then translated into Portuguese, adjusted to the Portuguese target audience and to the purpose of this research, and validated by applying it to a sample of the target audience.

The questionnaire comprises questions related to the four skills stated in STANAG 6001, *Listening, Speaking, Reading e Writing*. The target audience (military attending the FOC, JST and FGOC at the IHMS school year 2015/2016) was requested to grade the degree of difficulty of the performance of the functions and tasks, given the fact that they were to be performed in English. The questionnaire is Appendix H.

b. Data Analysis

The questionnaire, in Portuguese, comprises 43 questions related to performance encompassing the four skills (*Listening, Speaking, Reading e Writing*). Forty of the questions were to be scored according to the following: “Very Easy: 1”; “Easy: 2”; “Difficult: 3”; “Very Difficult: 4”. One of the questions (the one mentioned in the previous chapter) was to be graded according to the importance of having ESP at the IHMS: “Unnecessary”; “Not important”; “Important”; “Very important” and “Indispensable”. The last question requested the target audience to enumerate advantages of having ESP courses at the Institute of Higher Military Studies.

The rules of the Institute of Higher Military Studies for this type of research work impose a range of constraints, thus restraining an extended data

⁴ Chief Standards, Foreign Languages & Associate BILC Secretary, Language Programmes, Canadian Defence Academy QC-Government of Canada.

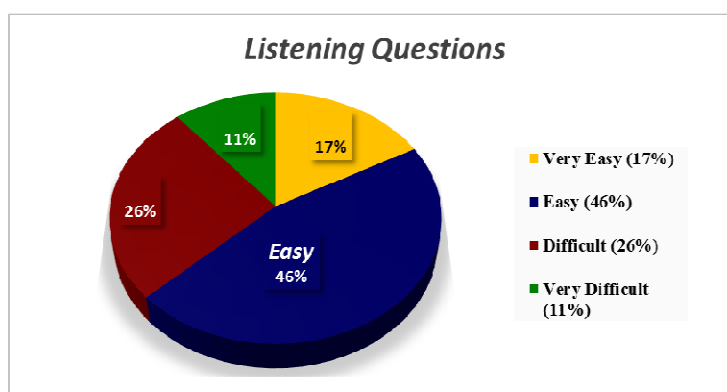
⁵ FL Standards Officer & Associate BILC Secretary, Language Programmes, MIL-PERSGEN HQ, Asticou Centre Department of National Defence/Government of Canada.

analysis. For the purpose of ensuring the assessment of the language needs identified by the respondents, the analysis is focused on the skills (*Listening, Speaking, Reading e Writing*). To accomplish this purpose, the questions were sorted into skills; it was also calculated the sum of answers to each question according to the scores they were graded with - for each question it was calculated the number of respondents who graded it with 1 (Very Easy), 2 (Easy) and so forth; from the total sum of each grade (1,2,3,4) per question and considering the number of 170 respondents, the statistical analysis was performed and the percentage of each score was calculated.

(1) Listening

The following are examples of the questionnaire questions related to the *Listening* skill: “Follow detailed and comprehensive presentations on specific professional topics (military) where NATO standard briefings are used”; “Understand straightforward and detailed instructions or orders related to the military Field”; “Understand daily news for political/military information, broadcasted by a (English native) radio station or television channel in English”⁶. (Appendix H)

It is expected this skill (*Listening*) not to be considered as difficult as others. However, one should not disregard the 26% who graded the performance of tasks related to *Listening* as “Difficult”. Nonetheless, considering the overall results, 63% of the respondents considered the performance related to the *Listening* skill as “Very Easy” or “Easy”. (Appendix K)



Graphic 2 – *Listening Questions*

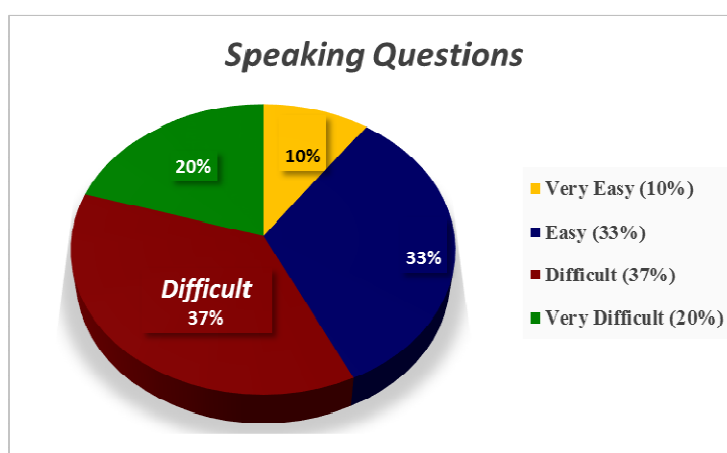
Source: Author (Statistical analysis of the questionnaire data).

⁶ Questionnaire applied to the military attending FOC, JSC, FGOC at the IHMS.

(2) Speaking

The following are examples of the questionnaire questions related to the *Speaking* skill: “Give straightforward and detailed instructions or orders related to the military Field”; “Discuss, in English, professional and abstract topics such as politics, economics, environmental issues etc., with representatives of military and non-military international organizations.”⁷

Speaking is, indeed, one of the most distressing skills, which is clearly shown by the data. Albeit the 33% who considered the performance of tasks related to *Speaking* “Easy”, 57% graded it as “Difficult” or “Very Difficult”. Only 10% graded it “Very Easy”. (Appendix L) It ought to be emphasized that the questions related to *Speaking* tasks are, for a fact, tasks the military are expected to perform when in a combine or multinational environment and require the aforementioned unrehearsed ability to speak.



Graphic 3 – Speaking Questions

Source: Author (Statistical analysis of the questionnaire data).

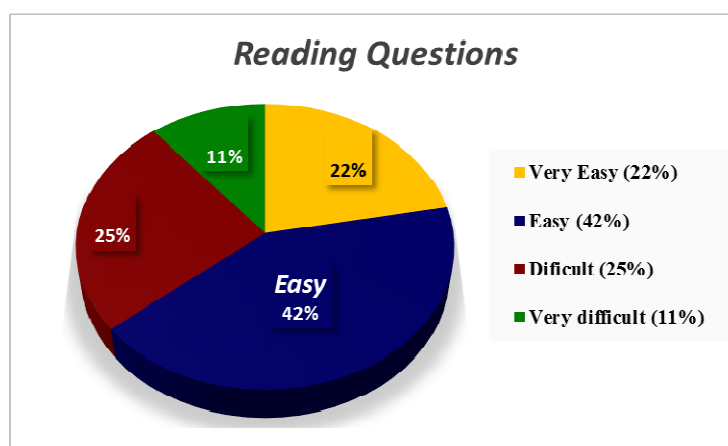
(3) Reading

The users of English language commonly perceive *Reading* as the least difficult skill. However, in such a specific and technical context as the military context, this easiness may be no more than a misconception. The data from the questionnaire show that, regarding performance of tasks and functions related to *Reading*, this skill is not, in fact, the most difficult one.

⁷ Questionnaire applied to the military attending FOC, JSC, FGOC at the IHMS.

Despite perceptions, 25% of the respondents graded the performance related to this skill as “Difficult”. For this skill, the questionnaire includes questions such as: “Read and understand literature (written in English) about political and economic analysis;” “Read and understand documents (written in English) on abstract topics, such as doctrines, military ethics, policies, political warfare, human resources, etc.”⁸

Being this a receptive skill, perceived as not being time sensitive, 42% considered the performance of tasks related to *Reading*, “Easy”, as expected. (Appendix M)



Graphic 4 – Reading Questions

Source: Author (Statistical analysis of the questionnaire data).

(4) Writing

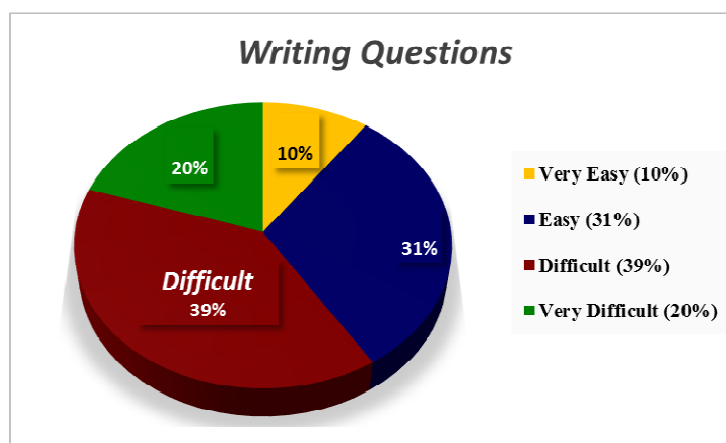
The *Writing* skill, as *Speaking*, is a productive skill, thus demanding active participation. It is the sender’s responsibility to ensure grammar and spelling accuracy inasmuch as the receiver has to understand the message. For those engaged in language teaching and testing, the findings of this research, for the *Writing* skill, are not surprising.

Concurrently with the other productive skill (*Speaking*), performing tasks and functions related to *Writing*, was considered “Difficult” or “Very Difficult” by a significant higher number of military who answered the questionnaire than the ones who considered it “Easy” or “Very Easy”. The set of questions related to the *Writing* skill included: “Produce, in English, articles, papers on themes, such as military strategic concepts/initiatives and military policy in your country.”⁹

⁸ Questionnaire applied to the military attending FOC, JSC, FGOc at the IHMS.

⁹ Questionnaire applied to the military attending FOC, JSC, FGOc at the IHMS.

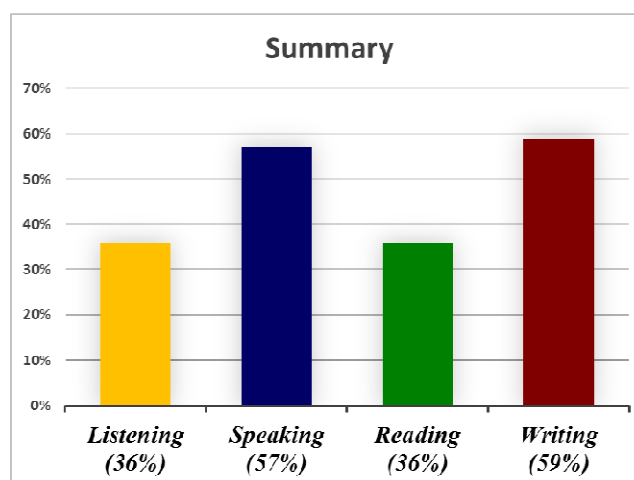
The findings show that, indeed, this skill is largely considered more difficult than the receptive ones. Therefore, only 10% of the respondents considered *Writing* “Very Easy”, whereas 20% considered it “Very Difficult”. (Appendix N)



Graphic 5 – *Writing Questions*

Source: Author (Statistical analysis of the questionnaire data).

In summary: the collected, processed and subsequently analyzed data (considering the total number of questions, scores and respondents) show undoubtedly that Portuguese military consider the performance (in English) of tasks and functions related to productive skills more difficult than the ones related to the receptive skills.



Graphic 6 – *Summary*

Source: Author (Statistical analysis of the questionnaire data).

One must not disregard the 36%¹⁰ that, concurrently with the *Reading* skill, considered *Listening* “Difficult” and “Very Difficult”, albeit the 57%¹¹ and 59%¹² who considered *Speaking* and *Writing* likewise. The data obtained from the research is evidence of the need for additional, complementary and specific English training and education (mainly speaking and writing).

The analysis of the data indicates that, if building the teaching ESP capability at the IHMS is suitable, feasible and acceptable, the needs resulting from weaknesses and shortfalls in all skills will have to be addressed; notwithstanding the fact that the performance related to the productive skills was considered more difficult, hence the specific training in *Speaking* and *Writing* more necessary. The training in these skills (*Speaking* and *Writing*) involves a more practical than theoretical approach – the foundation of ESP courses. Learn how to do by doing; learn how to use by using.

4. ESP Courses

In this chapter one will present ESP courses that other European NATO countries have. These ESP courses provide their military, namely their officers, with additional and complementary training. In 2013, a BILC Study-Group that addressed this topic, identified two ESP courses which contribute to increase English language and communication proficiency. BILC also recommended that countries develop this type of specific purpose English training since it helps overcome shortfalls, mitigates weaknesses and increases efficiency and effectiveness of the military serving in combined scenarios, thus contributing to the success of NATO missions and operations.

The NATO experts from BILC selected a range of contents which were to be included in the two ESP courses – “*Staff Officers*” and “*Operational Language*”. The “*Staff Officers*” course should include: military writing; the military decision making process; strategies for effective participation in the meetings and conferences; and effective staff work.” (Garza, 2016) The “*Operational Language*” course should be “mission specific and performance oriented” (Garza, 2016)

The courses which will be presented are from the specific English training provided by Bulgaria, France and Hungary. Bulgaria has a NATO

¹⁰ Statistical analysis of the sum of both scores.

¹¹ Statistical analysis of the sum of both scores.

¹² Statistical analysis of the sum of both scores.

Partnership Training and Education Center and, therefore their courses are NATO accredited. France gives significant importance to English language training, notwithstanding its status as the Atlantic Alliance's second language. Hungary delivers NATO accredited ESP courses for staff officers.

a. Bulgaria

(1) Framework

Bulgaria became a member of NATO in 2004 and, in order to meet the Alliance's requirements, went through a restructuring process. Language proficiency is part of the requirements NATO establishes. Bulgaria, supported by NATO and BILC experts, adjusted and modernized the English training and testing system. The Bulgarian training and testing system, which is in accordance with the consultative and advisory body BILC, is, therefore, a good example.

In fact, "English language training is held in all military educational institutions as part of the syllabus of the officers, the cadets and the sergeants in qualification courses in distant learning modules on the site of the National Military University (NMU)." It should be emphasized that "there are a number of Bachelor's and Master's programs held in English". (Nesheva, 2016) ESP courses are a reality within the military training.

(2) English Training

Officers English training include refreshment of knowledge acquired previously, since some may not have been in contact with the language for some time. (120 lessons *Refresher General English*). Bulgaria uses *American Language Course (ALC)* and *Headway* books. The *ALC* books, besides helping increase proficiency, also cover military vocabulary, grammar, terminology and culture.

ALC is not plain EGP since it covers various military contents. However, this course was not designed to address specific needs directly associated with performing tasks and functions. Furthermore, they are longer than ESP courses usually are. The officer attending the *Refresher General English* courses at *Rakovski Defense College* also attend ESP - 80 lessons *Specialized Military English*. For the specialized English language qualification courses the military attend Military English course which are two to three weeks long. (Annex C)

b. France

(1) Framework

France, as Portugal, is a founding member of NATO. In 1966, this country withdrew from the NATO Integrated Military Command Structures, in pursuit of an independent defense model. France returned to that Command Structure in April 2009. Although French is also a NATO and other IO official language, France is well aware of the importance of English within the Alliance. It has not, therefore, neglected the training and education in that language.

(2) English Training

English is part of the curriculum of the higher military studies including the French Field Grade Officers Course, Joint Staff Course and the Promotion Course General Officer (*Le Centre des Hautes Etudes Militaires, e L'Ecole de Guerre*).

This language is taught according to an all-course long approach and is a blend of general English and English for specific purposes.

In Higher Military Education, France is very focused on using communicative student-centered approaches, mainly transaction and transformative pedagogy.

One of the ESP activities performed by the military attending courses at the level of higher military studies is *Debating*. The officers who are part of the *Debating Team* start their training at the end of September and finish at the end of June. They work with a professional debate coach 3 hours per week (in addition to regular classes of the courses they are attending). The aim is to prepare the students for *Debating* competitions both in the *British Parliamentary Format* and in the *American Policy Format*.

This training includes contents such as “*rhetoric, public-speaking, creative critical thinking, construction of argument, persuasion, rebuttal, research skills, critical reading*” (Cleret, 2016) (Annex D). It is important to emphasize that *Debating* develops a diverse set of skills in the target language – communication, research, reasoning, thus contributing to increase proficiency – even though it not its foremost purpose.

c. Hungary

(1) Framework

Hungary has been a NATO member since 1999. Portugal has cooperation relations with this country, within the national defense sphere. These

two countries have participated together in NATO and EU missions and military operations: Kosovo and Mali.

Member of the former “Warsaw Pact”, Hungary also restructured its Armed Forces before becoming a full member of NATO. English language training within the Ministry of Defense and the Armed Forces is paramount for this country.

(2) English Training

The *Language Training Centre* of the *Faculty of Military Sciences and Military Officer Training, National University of Public Service* provides a wide range of English language training courses; personnel from the Ministry of Defense, General Staff, military and civilians from the Hungarian Defense Forces are their primary students.

In addition to these courses, and fulfilling NATO ACT orders concerning language instruction, Hungary provides their military, as well as foreign military, with ESP courses – *Staff Officers’ Military Terminology Course (SOMTC)*, *Military Terminology Teacher Training Seminar (MTTTS)*. Hungary is part of the *Defence Enhancement Education Programme (DEEP)*, in the framework of which they can provide foreign students, representing a number of countries, with language education. (Kiss, 2016)

One of the most exalted courses of the *National University of Public Service*, Budapest, is the ESP course which covers and addresses the skills in English language, communication, military terminology, etc., military need to master to more efficiently and effectively perform when in combined environments: SOMTC. This course has two concurrent purposes: improve proficiency in language and communication skills by familiarizing the students with NATO terminology and public presentation opportunities; and by fostering a comprehensive approach to NATO structure. (Kiss, 2016) (Annex D)

After the introduction of the three ESP training models, it is paramount to emphasize that Dra. Peggy Garza – Chair English Language Programs Department – Partner Language Training Center Europe; PhD Gabriella Kiss – Director of Foreign Language Training Centre, National University of Public Service, Budapest, Hungary; Dra. Emilie Cleret – chef du bureau langue anglaise de la direction de l’Enseignement militaire supérieur; Dra. Emilija Nesheva – State expert on foreign language training and testing, Education and Qualification Department, Human Resources Management Directorate, Bulgarian Ministry of Defense, and their respective institutions are willing to cooperate with Portugal and with the IHMS if building the ESP capability at the IHMS is suitable, feasible and acceptable and desired for. (Annexes B, C, D, E).

To summarize, one might state that any of the three training models is suitable for the IHMS context. Selecting contents from each course and adjust them to the needs identified in the questionnaire, is also a possibility.

5. Means and Resources

Considering NATO capability building doctrine which is objectively suitable for the specific purpose of this research, the DOTMLPFI model was selected.

Table 1 – ESP at the IHMS Capability Building

ESP at the IHMS CAPABILITY BUILDING	
<i>Doctrine</i>	- Existing NATO doctrine - <i>NATO CAPABILITY TARGETS 2013</i> recommendations to Portugal - <i>BILC</i> recommendations - Syllabi of <i>ESP</i> courses from other countries - Decreto-Lei n.º 249/2015, de 28 de outubro – ANEXO, Capítulo II, Artº 3º, 1, alínea c)
<i>Organization</i>	- IHMS
<i>Training</i>	2. Assignments (during the <i>ESP</i> courses) that contribute: to improve the English language knowledge previously acquired; and to develop communication strategies and efficient and effective performance
<i>Materiel</i>	- Classrooms - Computers - Projector - Desks and chairs - Books - Photocopies - Etc
<i>Leadership and Education</i>	Complementary training and education
<i>Personnel</i>	- English language teacher, experienced in developing and teaching <i>ESP</i> courses
<i>Facilities</i>	- IHMS
<i>Interoperability</i>	- Being a practical and collaborative training, performance oriented, it contributes to increase interoperability

Source: Author.

The means and resources necessary to build the *ESP* capability at IHMS are identified. Building this capability is feasible, pending the acknowledgment of its need and official assent.

CONCLUSIONS

Efficient and effective communication is the bedrock of any organization. Within a demanding, technical and particular context, such as the military's, this concept is dreadfully significant.

Before the reality of globalization, English language and communication skills are fundamental. English is the first language of the international speech and is the official language of most of the IO, including NATO; it is also the language of military combined operations. However, it has been noticed that proficiency *per se* has not been sufficient to ensure efficient and effective communication within NATO.

It follows that, in multinational environments, efficient and effective performance also requires English language communication skills which can be significantly improved by attending ESP courses.

The main purpose of this research was to assess suitability, feasibility and acceptability of building the ESP capability at the IHMS. A diverse and wide range of information and data was collected in order to address the core question: "How to build the ESP capability at the IHMS as a means of increasing linguistic interoperability of the officers from the Armed Forces?"

In this case study, the data collected from documental sources, the questionnaires and the interviews, were processed and analyzed thus permitting to address all the initial questions and objectives.

It was concluded that there are synergies between ESP courses and the IHMS, since they both aim at preparing and qualifying for efficiently and effectively performing. Data show that the military consider important to attend ESP training at the IHMS. There are advantages to providing ESP courses at the IHMS such as: "standardization; increase in proficiency; interoperability improvement when in multinational environment; increase in the level of self-confidence of the military, thus improving the external image of the country."

Concerning the linguistic needs the ESP courses at the IHMS are to address, it was concluded that, according to the statistical analysis of the data collected from the questionnaires, the ESP courses ought to cover all four skills (*Listening, Speaking, Reading, Writing*), notwithstanding the focus on the productive skills.

Not only are the three ESP courses (Bulgaria, France, Hungary) suitable for the IHMS, but one can also select contents from each of the courses and adjust them to meet the needs identified from the questionnaire.

Finally, the means and resources needed to build the ESP capability at the IHMS were identified. NATO's approach to capability building process – DOTMLPFI – was used.

Following the thorough analysis of all the data collected throughout this research it is safe to conclude that building the ESP capability at the IHMS is *Suitable*, its need was unequivocally expressed and significant advantages were enumerated. It is widely accepted amongst international NATO experts that this type of complementary language training helps increase language proficiency and can provide more favorable results in developing learners' job-related language competencies.

Building the ESP capability at the IHMS is *Feasible* because it does not require significant structures or changes. The cost benefit ratio is positive, thus permitting the conclusion that ESP at the IHMS is *Acceptable*, provided that it addresses the needs identified from the questionnaire data and simultaneously increase language proficiency. The general objective of this research work "to analyze the suitability, feasibility and acceptability of building the capability ESP training at the IHMS" was achieved.

This research work contributes to knowledge since it presents pedagogic solutions to overcome shortfalls and mitigate weaknesses in English language communication which directly affect the performance of military serving in NATO posts or in NATO military combined operations.

BIBLIOGRAFIA / BIBLIOGRAPHY

- Basturkmen, H., 2010. *Developing courses in English for specific purposes*. Londres: Palgrave Macmillan.. Londres: Palgrave Macmillan.
- MGen Guerra Pereira., 2016. *Chefe do Gabinete do General CEMGFA* [Entrevista] (maio 2016).
- Cleret, E., 2016. *Chef du Bureau Langue Anglaise de la Direction de l'Enseignement Militaire Supérieur* [Entrevista] (13 junho 2016).
- Conselho de Ministros, 2013. *Resolução do Conselho de Ministros n.º 19*. s.l.:s.n.
- Decreto-Lei n.º 249/2015, de 28 de outubro, 2015. s.l.:s.n.
- VAdm Javier Gonzalez-Huix, E. N., 2016. *Deputy Chief of Staff Joint Force Trainer* [Entrevista] 2016.
- Dudley-Evans, T., 1998. *Developments in English for Specific Purposes*. Cambridge: Cambridge University Press.
- EMFAR, 2015. *Estatuto dos Militares das Forças Armadas*. s.l.:s.n.
- Garza, D. P., 2016. *Chair English Language Programs Department - Partner Language Training Center Europe* [Entrevista] (maio 2016).
- Hutchinson, T. & Waters, A., 1987. *English for Specific Purposes - A Learning-Centered Approach*. s.l.:Cambridge University Press.
- IESM, 2012. *Norma de Execução Académica nº 004*. s.l.:s.n.
- Instituto Universitário Militar, 2016. <http://www.iesm.pt/s/index.php/pt/home/missao> Acedido em 20 de maio de 2016, s.l.: s.n.
- JALLC, N. J. A. a. L. L. C., 2010. *Joint Analysis and Lessons Learned Centre, Analysis of Interoperability Shortfalls in Current NATO-Led Operations*, s.l.: s.n.
- Johns, A. M. & Dudley-Evans, T., 1998. *English for Specific Purposes: International in Scope, Specific in Purpose*. s.l.:TESOL.
- Kiss, D. P. G., 2016. *Director of Foreign Language Training Centre, National University of Public Service, Budapest, Hungary* [Entrevista] (abril 2016).
- Krzanowski, M. & Day, J., 2011. *Teaching English for Specific Purposes: An Introduction*. s.l.:Cambridge University Press.

- Mackay, R. & Mountford, A., 1978. *English for specific purposes*. London: Longman.
- MDN, 2015. *Decreto-Lei n.º 249/2015 de 28 de outubro*. s.l.:s.n.
- NATO, 1949. *Terms of Reference*, s.l.: s.n.
- NATO, 2010. *Analysis of Interoperability Shortfalls in Current NATO-Led Operations – A Report by NATO's Joint Analysis and Lessons Learned Centre, 31 May 2010*, Lisboa: s.n.
- NATO, 2014. *ATrainP-5 Language Proficiency Levels*, s.l.: s.n.
- Nesheva, D. E., 2016. *State expert on foreign language training and testing, Education and Qualification Department, Human Resources Management Directorate, Bulgarian Ministry of Defence* [Entrevista] (maio 2016).
- Nunan, D., 2004. *Task-based language teaching*. Cambridge: Cambridge University. Cambridge: Cambridge University.
- Palma, C.-A. N., 2016. *Diretor de Pessoal da Marinha* [Entrevista] (05 fevereiro 2016).
- Pinto, C. d. M.-e.-G. R., 2016. *Chefe da Repartição de Gestão de Pessoal - Marinha* [Entrevista] (fevereiro 2016).
- SACEUR, 2014. *Supreme Allied Command Annual Guidance on Education, Training, Exercises and Evaluation 2014*, s.l.: NATO.
- SACEUR & SACT, 2013. *EDUCATION AND TRAINING DIRECTIVE (Bi-SC DIRECTIVE NUMBER 75-2)*. s.l.:NATO.
- Silva Joyce, H. d., Thomson, E. A. & contributors, 2015. *Language in Uniform: Language Analysis and Training for Defence and Policing Purposes*, Lady Stephenson Library, Newcastle upon Tyne, NE6 2PA, UK: Cambridge Scholars Publishing.
- Strevens, P., 1988. *ESP after twenty years: A re-appraisal*. s.l.:SEAMEO Regional Language Centre.
- Tony, D.-E. & M.J., S. J., 1998. *Developments in English for specific purposes: A Multidisciplinary Approach*. Cambridge: Cambridge University Press.

Anexo A

Entrevista ao VALM Gonzalex-Hiux Deputy Chief of Staff Joint Force Trainer

O Vice-Almirante Gonzalez-Huix assumiu o cargo de *Deputy Chief of Staff Joint Force Trainer* no ACT em Junho de 2013. É um especialista em submarinos e comunicações. Foi o *DCOS Operations* na operação *Unified Protector* (2013) e *DCOS Operations* no *HQ MC NAPLES, Italia* (2011-2013). Foi também o *Chief of Staff* na *COMSTANAVFORMED* entre 2002 e 2003 durante a operação *Active Endeavour*. Recebeu várias condecorações de que se destacam a Cruz de Mérito Naval *Cross, Navy Prize of Uruguay*, Cruz de Mérito do Exército, Medalhas da NATO (artigo 5 e não-artigo 5) e a Medalha de Prata da Defesa da República Francesa.



Questão 1:

Na sua opinião qual o papel e a importância que a proficiência em Língua Inglesa tem na interoperabilidade no seio da NATO e porquê?

Ser capaz de comunicar eficientemente é um pré-requisito essencial para a interoperabilidade, daí que a proficiência em Língua Inglesa seja de vital importância. O Inglês é a língua franca militar da NATO e uma das duas línguas oficiais da Aliança, juntamente com o Francês. Devido ao contexto multinacional da NATO, definir níveis de proficiência linguística em Inglês e Francês foi objetivo de um dos primeiros Acordos de Estandardização (*STANAG*) da NATO. Um *STANAG* é um *standard*/padrão militar internacional, criado pela NATO para definir e estabelecer processos, procedimentos, termos e condições para procedimentos militares ou técnicos comuns entre as nações membro da NATO. Os níveis de proficiência linguística estão agora refletidos nos *Job Descriptions* da NATO e, em alguns casos, uma língua específica, para determinados fins específicos, pode ser acordada entre as nações. Por exemplo, o *STANAG 3797* estabelece o Inglês como a língua a ser usada no controlo aéreo de aeronaves da NATO.

Questão 2:

De acordo com vários especialistas em línguas, “o objetivo de um curso de “English for Specific Purposes” (ESP) é preparar os alunos para

desempenharem adequadamente as suas tarefas numa determinada situação alvo, isto é, na situação em que os alunos irão efetivamente usar a língua estrangeira que estão a aprender.” (Silva Joyce, et al., 2015).

Tendo em consideração a definição de “English for Specific Purposes”, de Joyce Silva, consideraria uma mais-valia importante implementar este tipo de formação no Instituto Universitário Militar, desenvolvendo-a para atender às necessidades linguísticas resultantes da análise das funções e tarefas que seja expectável os oficiais virem a desempenhar em ambiente combinado ou internacional? Porquê?

Como mencionado na minha resposta à tua primeira questão, a NATO especifica o nível de proficiência linguística necessário a um indivíduo para operar num determinado cargo da NATO, ou por outro lado, desempenhar uma determinada tarefa apoiando a NATO como por exemplo controlar aeronaves da NATO. Em última análise, é responsabilidade individual de cada nação, assegurar que o seu pessoal que serve a NATO tenha atingido o nível de proficiência linguística requerido. A forma como estes níveis são atingidos é, consequentemente, uma decisão de cada nação. Na minha perspetiva, qualquer oportunidade que um indivíduo tenha para desenvolver mais as suas competências numa língua da qual não é nativo, especialmente se essa língua for o Inglês, é benéfico, deve ser considerado e encorajado. Eu procuraria um equilíbrio entre a aprendizagem de uma língua e a aquisição de novas competências e conhecimentos relacionados com tarefas/funções específicas do trabalho. Seria difícil recomendar que as nações, unilateralmente, definissem que os cursos de estudos superiores militares, como são os que identificaste (Curso de Promoção a Oficial Superior, Curso de Estado-Maior Conjunto e Curso de Promoção a Oficial General) tenham uma componente de língua inglesa, sem haver uma pesquisa e investigação séria que a suporte. A minha preocupação aqui é que, é requerido aos indivíduos que frequentam estes cursos que aprendam tarefas específicas e atinjam objetivos de aprendizagem que derivam daquelas tarefas. Temos que assegurar que atingir os objetivos de aprendizagem pretendidos não é comprometido devido ao indivíduo não “funcionar” numa língua. Em suma, um Curso de Planeamento Operacional tem objetivos específicos que os indivíduos têm que atingir. Não atingir os objetivos não deve acontecer por esse indivíduo estar ao mesmo tempo a tentar aprender uma língua estrangeira.

Agradeço genuinamente as perguntas relacionadas com este tópico tão importante. Como referi anteriormente, a proficiência linguística é um fator chave para a NATO, especialmente para interoperabilidade. Encorajo-te

definitivamente a seguir esta linha de investigação. Gostaria também de te agradecer por teres trazido isto à minha atenção.

Javier Gonzalez-Huix, VAdm, ESP N
Deputy Chief of Staff Joint Force Trainer

Vice Admiral Gonzalez-Huix assumed the position of the ACT Deputy Chief of Staff Joint Force Trainer in June 2013. He is a submarine and communications specialist. In the past he served as the DCOS Operations for Operation Unified Protector (2013) and the DCOS Operations at HQ MC NAPLES, Italy (2011-2013). He was also the Chief of Staff to COM-STANAVFORMED between 2002 and 2003 during Operation Active Endeavour. He was awarded with the Naval Merit Cross, the Navy Prize of Uruguay, the Army Merit Cross, the NATO Medals (article 5 and non-article 5) and the Silver Defence Medal of the French Republic.

Question 1:

In your opinion, what is the role and importance of English language proficiency for interoperability within NATO? Why?

Being able to communicate effectively is an essential prerequisite to interoperability; therefore English language proficiency is of vital importance. English is the military lingua franca of NATO, and it is one of the two official languages of the Alliance, along with French. Given NATO's multinational context, establishing English and French language proficiency levels was the focus of one of NATO's first Standardization Agreements (STANAGs). A STANAG is an international military standard created by NATO in order to establish processes, procedures, terms and conditions for common military or technical procedures or equipment between NATO member nations. Language proficiency levels are now reflected within NATO Job Descriptions and in some cases a specific language may be agreed among nations for specific purposes. As an example, STANAG 3797 establishes English as the language to be used when controlling NATO aircraft.

Question 2:

Please consider the following: according to several language experts, the purpose of an English for Specific Purposes (ESP) course is to enable learners to function adequately in a target situation, that is, the situation in which the learners will use the language they are learning (Silva Joyce, et al., 2015).

Would you consider it beneficial to implement, at the level of higher military studies, ESP courses designed to address the language needs resulting from the analysis of the tasks and functions the officers are expected to perform when in a combined or international scenario? Why?

As mentioned in my response to your first question, NATO specifies the necessary language proficiency level an individual requires in order to be employed within a specific NATO position or to otherwise perform a specific task supporting NATO, such as the controlling aircraft example. Ultimately, it is each individual nation's responsibility to ensure their personnel provided to NATO have reached the required language proficiency level. How to achieve these language proficiency levels is, as a result, a decision of each nation. From my perspective any opportunity to further develop an individual's linguistic abilities in a non-native language, especially if it is English, is beneficial and should be considered and encouraged. I would seek a proper balance of learning a language and the acquisition of new skills and knowledge related to job specific tasks. It would be difficult recommending that nations unilaterally direct that courses supporting higher military studies, such as the qualification courses you identified (Field Grade Officers Course, Joint Staff Course and the Promotion Course General Officer), have an English component without some sound research to support this. My main concern here is that individuals completing these courses are required to learn specific tasks and achieve the learning objectives that stem from these tasks. We need to ensure that achieving intended learning objectives is not compromised by a lack of functionality in a language. In short, an Operational Planning Course has specific objectives that individuals must achieve. Failing to achieve the objectives should not occur as a result of concurrently attempting to learn a new language.

I genuinely appreciate the questions concerning this very important topic. As I mentioned earlier, language proficiency is a critical enabler for NATO and especially for interoperability. I most certainly encourage you to continue this important line of research. I would also like to thank you for bringing this forward to my attention.

Javier Gonzalez-Huix, VAdm, ESP N
Deputy Chief of Staff Joint Force Trainer

Anexo B

Entrevista a Peggy Garza Partner Language Training Center Europe

Peggy Garza é a Chefe do *English Language Programs Department* no *Partner Language Training Center Europe (PLTCE)* desde 2000. Antes a sua chegada ao *Marshall Center* era a Chefe do Curriculum Division no DLIELC em San Antonio, TX, onde supervisionou mais de 50 profissionais da área *English as a Second Language (ESL)* e apoiou o pessoal envolvido em todos os aspectos de desenvolvimento curricular e testagem *ESL*.



Garza está diretamente associada, desde 1995, ao *Bureau for International Language Co-ordination (BILC)*, o órgão de conselho da NATO para as questões das línguas; foi Secretária do *BILC* de 1997 a 2008 e é atualmente Secretária Associada do *BILC* para os programas de testagem. É membro do *BILC Working Group on Testing* que é responsável pelas iniciativas dos países NATO e *Partners for Peace (PfP)*, relacionadas com a testagem, incluindo as atualizações dos *standards* da proficiência linguística vertidos no *STANAG 6001*.

Peggy Garza é membro do *Teachers of English to Speakers of Other Languages (TESOL)* desde 1976 e fez inúmeras apresentações nas Convenções *TESOL* sobre tópicos como *English for Specific Purposes*, testagem, desenvolvimento curricular e formação de formadores; também é membro de uma equipa multinacional que está a desenvolver cursos de Língua Inglesa online, como membro do *PfP Consortium's Advanced Distributed Learning Working Group*.

Tem um M.A. em *Teaching English as a Second Language* da *State University of New York* em *Albany* e um M.B.A. da *University of Texas* em *San Antonio*.

Questão 1:

Pode dizer-nos qual a sua experiência da área do ensino do Inglês, BILC, Partner Language Training Center Europe, etc.?

Eu tenho 40 anos de experiência na área do ensino de Inglês a militares internacionais, com especial enfoque na testagem e aferição, *English for Specific Purposes (ESP)* e formação de formadores. Sou atualmente a Chefe do *English Language Programs Department* no *Partner Language Training*

Center Europe (PLTCE) do George C. Marshall Center (GCMC) for Security Studies. O Departamento de Inglês tem as seguintes funções:

- ministrar cursos de ESP/English for Academic Purposes (EAP) a profissionais de segurança que vão frequentar cursos de contra-terrorismo, estudos avançados de segurança, combate ao crime organizado transnacional no George C. Marshall Center;
- ministrar cursos de competências de comunicação ao nível de executivos para grupos específicos de profissionais incluindo diplomatas do Kosovo e militares e civis da área da segurança da Ucrânia e Georgia;
- oferecer desenvolvimento profissional à comunidade do BILC, especificamente testadores, professores e gestores dos programas de línguas.

Sou membro da equipa que desenvolveu o *English Language Training Enhancement Course (ELTEC) online*, para *staff officers* da NATO.

Questão 2:

Na sua opinião qual o papel e a importância da proficiência em Língua Inglesa para a interoperabilidade no seio da NATO? Porquê?

A comunicação numa língua comum é essencial para as operações da NATO, atividades e trabalho de estado-maior. Sem uma língua comum, a missão da NATO não pode ser levada a cabo. No *BILC* dizemos que “a língua é essencial para a interoperabilidade”.

Embora o francês e o inglês sejam ambas línguas oficiais da NATO, o Inglês é considerado a língua das operações da NATO. Espera-se que as 28 nações da NATO e os seus inúmeros parceiros desenvolvam a capacidade linguística em Inglês das suas forças armadas de modo a promover uma maior interoperabilidade no seio da Aliança.

Contudo, atingir um nível suficiente de proficiência linguística em Inglês tem-se revelado um enorme desafio. De facto, em 2010, o relatório do *Joint Analysis Lessons Learned (JALLC)* da NATO sobre deficiências na interoperabilidade, identificou “as competências linguísticas em Inglês nos níveis de *staff*” como sendo a deficiência mais significativa.

Questão 3:

Por favor considere o seguinte: de acordo com vários peritos em línguas, o objetivo de um curso de English for Specific Purposes (ESP) é habilitar

os alunos a operar adequadamente numa situação alvo, isto é, na situação em que os alunos irão usar a língua que estão a aprender (Silva Joyce, et al., 2015).

De acordo com a sua experiência profissional, considera que os cursos de ESP são úteis e podem ser mesmo aconselháveis, como forma de contribuir para incrementar a proficiência linguística? Porquê?

Os cursos de *ESP* têm como finalidade ensinar as competências linguísticas e de comunicação que os alunos irão necessitar de modo a serem eficientes no seu trabalho.

Assim, a questão será se os cursos de *ESP* poderão ser mais eficientes do que os cursos de inglês geral na preparação dos alunos para as suas futuras funções em ambiente multinacional. A posição do *BILC* é que cursos de *ESP* adequadamente desenvolvidos podem dar melhores resultados no desenvolvimento das competências linguísticas relacionadas com o desempenho de funções. Em 2013, o tema da conferência anual do *BILC* foi *NATO Speak: English in Multinational Settings*. Um Grupo de Estudo do *BILC* teve como tarefa definir “*NATO Speak*” e elaborar recomendações para a sua integração nos programas de Língua Inglesa. Este Grupo de Estudo identificou duas categorias de cursos: um para “*staff officers*” e outro para “*operational language*”. Para além disto, o Grupo identificou que o curso para “*staff officers*” deveria incluir conteúdos como: “*military writing, the military decision making process, strategies for effective participation in the meetings and conferences, and effective staff work*”; enquanto que o curso para “*operational language*” deveria ser específico para a missão e orientado para o desempenho de funções. Claro que em ambos os casos recomenda-se que o conteúdo seja selecionado considerando especificamente a situação alvo em que os alunos irão usar a língua.

Questão 4:

Consideraria importante e até benéfico implementar, ao nível dos estudos superiores militares, cursos de ESP desenvolvidos para dar resposta às necessidades resultantes da análise das funções e tarefas que é expectável que os oficiais tenham que desempenhar em ambiente combinado ou internacional, como complement ao conhecimento que já tenham da língua? Porquê?

Os cursos de *ESP*, ministrados ao nível dos estudos superiores militares, poderão contribuir significativamente para melhorar e incrementar as competências dos oficiais em Língua Inglesa, assentando nos seus conhecimentos prévios na língua. Uma análise de necessidades como a que foi conduzida por uma equipa do *BILC* no *HQ SACT*, pode focar-se especificamente nas competências de comunicação, linguagem e terminologia necessárias no contexto de cenários militares combinados e internacionais. Uma investiga-

ção mais aprofundada poderá determinar se os oficiais portugueses já dominam estas competências e se os cursos de *ESP* serão benéficos. Mais, os cursos de *ESP* podem ter uma eficácia significativa e ser muito motivantes uma vez que os oficiais veem a relação direta entre o que aprendem em sala de aula e o que terão que fazer (em Inglês) no seu trabalho.

Questão 5:

Se necessário e/ou solicitado, a Peggy (BILC, George Marshall Center) estariam disponíveis para desenvolver uma parceria para participar no desenvolvimento de um curso destes noutro país?

Eu teria todo o gosto em apoiar esta iniciativa. Sugiro que faça esta proposta a outros membros do *BILC* para aferir se eles também estariam interessados numa parceria para este efeito.

Peggy Garza
PLTCE

Peggy Garza has been the Chair of the English Language Programs Department at the Partner Language Training Center Europe (PLTCE) since 2000 and is an employee of the Defense Language Institute English Language Center (DLIELC). Prior to her arrival at the Marshall Center, she was the Chief of the Curriculum Division at DLIELC in San Antonio, TX, supervising more than 50 English as a Second Language (ESL) professionals and support staff involved in all aspects of ESL curriculum development and testing. She has been directly associated with the Bureau for International Language Co-ordination (BILC), a NATO advisory body for language training matters, since 1995; served as the BILC Secretary from 1997-2008, and is currently the Associate BILC Secretary for Testing Programs. She is a member of the BILC Working Group on Testing which is responsible for NATO/PfP testing initiatives including any updates of the NATO STANAG 6001 language proficiency standards.

Ms. Garza has been a member of Teachers of English to Speakers of Other Languages (TESOL) since 1976 and has given numerous presentations at TESOL Conventions on topics such as English for Specific Purposes, testing, curriculum development, and teacher training. She also collaborates with a multinational team to develop online English language courses as a member of the PfP Consortium's Advanced Distributed Learning Working Group.

She has a M.A. in Teaching English as a Second Language from the State University of New York at Albany and an M.B.A. from the University of Texas in San Antonio.

Question 1:

Could you state your experience within this field of English teaching, BILC, Partner Language Training Center Europe, etc.?

I have 40 years of experience in the field of teaching English to international military personnel, with particular expertise in testing and assessment, ESP and teacher training. I am currently the Chair of the English Language Programs Department at the Partner Language Training Center Europe (PLTCE) of the George C Marshall Center (GCMC) for Security Studies. The English Department has these functions:

- to conduct ESP/EAP courses for security professionals who will be attending content courses at the GCMC in counter-terrorism, advanced security studies and counter-transnational organized crime
- to provide courses in executive-level communication skills for particular groups of professionals, including diplomats from Kosovo and military and civilian security-sector professionals from Ukraine and Georgia.
- to offer professional development for the BILC community, specifically for language testers, teachers and program managers.

I am a member of the team that developed the online English Language Training Enhancement Course (ELTEC) for NATO staff officers. I was the BILC Secretary from 1997-2008 and have served as BILC Secretary again from 2014-2016.

Question 2:

In your opinion, what is the role and importance of English Language proficiency in interoperability within NATO? Why?

Communication in a common language is essential to NATO operations, activities and staff work. Without a common language, NATO's mission cannot be accomplished. In BILC we say "Language is key to interoperability". Although French and English are NATO's two official languages, English is considered NATO's operational language. NATO's 28 nations and numerous partners are expected to develop an English language capability in their national armed forces in order to foster greater interoperability within the Alliance. However, achieving a sufficient level English language proficiency continues to be an enormous challenge. In fact, the 2010

Joint Analysis Lessons Learned (JALLC) report on NATO interoperability shortfalls, identified the number one shortfall as “English language skills at staff levels”.

Question 3:

Please consider the following: according to several language experts, the purpose of an English for Specific Purposes (ESP) course is to enable learners to function adequately in a target situation, that is, the situation in which the learners will use the language they are learning (Silva Joyce, et al., 2015).

According to your professional experience, do you consider ESP courses helpful and even advisable as a form of contributing to improve language proficiency? Why?

ESP courses are aimed at teaching the specific language and communication skills that learners will need in order to be effective in their professional work. So, the question should be whether ESP course are more effective than general language courses in preparing learners for their future multinational assignments. It is BILC's position that properly designed ESP courses could provide more favorable results in developing learners' job-related language competencies. In 2013, the theme of the BILC Conference was NATO Speak: English in Multinational Settings. A BILC Study Group was tasked with defining “NATO Speak” and formulating recommendations for integrating “NATO Speak” into language training programs. The Study Group identified two categories of courses: one for staff officers and one for operational language. Additionally, the group recommended different content for these two types of courses. The group concluded that language courses for staff officers should include: military writing, the military decision making process, strategies for effective participation in the meetings and conferences, and effective staff work; whereas the content for the operational language courses should be mission specific and performance oriented. Clearly in both cases, the recommended content is customized to the specific target language use situation.

Question 4:

Would you consider important and beneficial to implement, at the level of higher military studies, ESP courses designed to address the language needs resulting from the analysis of the tasks and functions the officers are expected to perform when in a combined or international scenario, as a complement to the knowledge of the language they already have? Why?

ESP courses offered at the level of higher military studies would definitely enhance and build on the officers' foundation in English. A needs analysis, such as the one conducted at HQ SACT by a BILC team, can zero in on the specific communication skills, discourse and terminology needed for combined and international military contexts. Further research should also determine whether Portuguese officers have already mastered these language competencies or whether ESP courses would be beneficial. Moreover, ESP courses can have significant face validity and be highly motivating when officers see the direct relationship between what they learn in the classroom and what they will be required to do later in their jobs.

Question 5:

If needed and / or requested, would you (BILC, George Marshall Center, Peggy Garza) be available to develop a partnership to participate in the development of a similar course in another country?

I would be happy to provide support to this initiative. I suggest you share your proposal with other members of the BILC community to see if they would also be interested in partnering.

Peggy Garza
PLTCE

Anexo C

Entrevista a Emilija Nesheva Bulgária

Emilija Nesheva é uma perita do estado no Departamento de Educação e Qualificação na Direção de Gestão de Recursos Humanos do Ministério da Defesa da Bulgária. É responsável pela formação de línguas estrangeiras e testagem de acordo com o STANAG 6001 da NATO nas instituições militares de educação na Bulgária. Antes de ocupar este cargo, Emilija Nesheva foi professora de Inglês e testadora e chefe da Secção de Testagem no Ministério da Defesa. É membro da *English Teachers Association* da Bulgária e fez apresentações sobre diversos tópicos como ESP, testagem, gestão de programas de línguas e formação de formadores. Emilija Nesheva tem um M.A. em *English Philology* da *St. Kliment Ohridski University* em Sófia.



Questão 1:

Pode dizer-nos qual a sua experiência na área do ensino do Inglês a militares?

Fui professora de Inglês de militares durante 5 anos, e membro da equipa de testagem *STANAG* 6001 da Bulgária durante 6 anos. Desde há 5 anos que sou a responsável pelos programas de formação e testagem de línguas estrangeiras nas Forças Armadas da Bulgária.

Questão 2:

Na sua opinião qual o papel e a importância da proficiência em Língua Inglesa para a interoperabilidade no seio da NATO? Porquê?

A proficiência em Língua Inglesa é crucial para a interoperabilidade no seio da NATO. Há situações em que não ter conhecimentos suficientes na língua pode colocar vidas em perigo.

Questão 3:

O Inglês faz parte do curriculum dos Cursos de Promoção a Oficial Superior, Cursos de Estado-Maior Conjunto e Cursos de Promoção a Oficial

General na Bulgária? Se faz parte: é ministrado General English ou English for Specific Purposes, durante todo o curso ou usam uma abordagem modular?

A formação em Língua Inglesa é ministrada em todas as instituições militares de educação como parte dos planos de estudo dos oficiais, cadetes e sargentos, nos cursos de qualificação, e em módulos de ensino à distância disponíveis na página da *National Military University (NMU)*.

O número mínimo de horas de formação em Língua Inglesa é o seguinte:

- cadetes da *NMU* e da Escola Naval – 720 aulas – o requisito de proficiência linguística em Inglês no fim do curso é SLP 2222; há diversas licenciaturas e mestrados ministrados em Inglês; os cadetes da Escola Naval quando terminam o curso também têm um exame de “*specialized naval military English*”;
- alunos nas escolas de sargentos -120 aulas;
- oficiais – alunos da *Rakovski Defense College* – 200 aulas (120 aulas de *Refresher General English* e 80 aulas de *specialized military English*); na admissão à *Rakovski Defense College* o requisito de Inglês é SLP 2222, no fim do curso o mínimo é SLP 2+22+2.

Nos cursos de qualificação nas unidades militares onde há pessoal nomeado para integrar a estrutura ou operações da NATO também é ministrada formação em Língua Inglesa. Nas próprias unidades há centros de formação de línguas.

Questão 4:

Pode dizer-nos, em termos genéricos, como são os cursos ou a formação (população-alvo, conteúdos, duração, organização, etc.)?

Para os cursos de qualificação em *General English*:

Nº	Name	type	Textbook	duration
1	Preparatory level	non-intensive	ALC Book 1-10	480 lessons/10 months
2	Preparatory level	intensive	ALC Book 1-10	480 lessons/16 weeks
3	Level 1	intensive	ALC Book 11-20; North Star 3	480 lessons/16 weeks
4	Level 2	intensive	ALC Book 21-30; North Star 4	480 lessons/16 weeks
5	Level 3	intensive	ALC Book 31-34; North Star 5	480 lessons/16 weeks
6	Refresher preparatory level	intensive	Headway Elementary	120 lessons/4 weeks
7	Refresher level 1	intensive	Headway Pre-Intermediate	120 lessons/4 weeks

Nº	Name	type	Textbook	duration
8	Refresher level 2	intensive	Headway Intermediate/Upper-Intermediate	120 lessons/4 weeks
9	Refresher level 3	intensive	Headway Advanced	120 lessons/4 weeks
10	Course level 2	distant	materials developed for the course	24 weeks
11	Course level 3	distant	materials developed for the course	24 weeks
12	Course refresher level 1	distant	materials developed for the course	6 weeks
13	Course refresher level 2	distant	materials developed for the course	6 weeks
14	Course refresher level 3	distant	materials developed for the course	6 weeks

Para os cursos de qualificação em *specialized English*:

Nº	Name	Type	Textbook	duration
1	Military English courses	Intensive	textbooks on military topics	2/3 weeks

Questão 5:

Se necessário e/ou solicitado, estariam disponíveis para desenvolver uma parceria para participar no desenvolvimento de cursos semelhantes noutro país?

Sim, com prazer.

Emilija Nesheva

Emilija Nesheva is a State expert in the Education and Qualification Department of the Human Resources Management Directorate of the Bulgarian Ministry of Defense. She is responsible for the foreign language training and NATO STANAG 6001 testing in the military educational institutions in Bulgaria. Before being at this position, Ms. Nesheva was an English language teacher, NATO STANAG 6001 tester and Head of the Sector for NATO STANAG 6001 Testing in the MoD. Ms. Nesheva is a member of Bulgarian English Teachers Association (IATEFL affiliate) and has given presentations on the topics of ESP, testing, program administration, and teacher training. She has a M.A. in English Philology from St. Kliment Ohridski University in Sofia.

Question 1:***Could you state your experience teaching English to military?***

I have been an English language teacher to military for 5 years, then 6 years – member and head of the Bulgarian STANAG 6001 Testing Team and for 5 years now I have been responsible for the foreign language training and testing in the Bulgarian Armed Forces.

Question 2:***In your opinion, what is the role and importance of English Language proficiency in interoperability within NATO? Why?***

English Language proficiency is crucial for the interoperability within NATO. There are situations when not knowing the language can be even life threatening.

Question 3:***Is English part of the curriculum of the Bulgarian Field Grade Officers Course, Joint Staff Course and the Flag Officers Course? If it is: General English or English for Specific Purposes, all course long or modular approach?***

English language training is held in all military educational institutions as part of the syllabus of the officers, the cadets and the sergeants + in qualification courses + in distant learning modules on the site of the National Military University (NMU).

The minimum credit hours for English training are the following:

- cadets in the NMU and the Naval Academy (NA) – 720 lessons at graduation they are required to have SLP 2222 in English; there are a number of Bachelor's and Master's programs held in English; the graduates of the NA have also a state exam in specialized naval military English;
- students in the schools for sergeants -120 lessons;
- officers - students at the Rakovski Defense College is 200 lessons (120 lessons Refresher General English and 80 lessons specialized military English); min SLP 2222 in English is required for admission at the College and min SLP 2+22+2 at graduation.

English language training is held also in qualification courses in the military units where there are personnel planned to participate in NATO structures and operations. In the units there are specially designated and organized English language learning centers.

Question 4:

Could you let us know, generally, how the course or training is (target population, general content, length, organization, etc.)?

For the studies of the cadets and the officers, who study at the National Defence, the contents and length is mentioned above.

For the general English language qualification courses:

Nº	Name	type	Textbook	duration
1	Preparatory level	non-intensive	ALC Book 1-10	480 lessons/10 months
2	Preparatory level	intensive	ALC Book 1-10	480 lessons/16 weeks
3	Level 1	intensive	ALC Book 11-20; North Star 3	480 lessons/16 weeks
4	Level 2	intensive	ALC Book 21-30; North Star 4	480 lessons/16 weeks
5	Level 3	intensive	ALC Book 31-34; North Star 5	480 lessons/16 weeks
6	Refresher preparatory level	intensive	Headway Elementary	120 lessons/4 weeks
7	Refresher level 1	intensive	Headway Pre-Intermediate	120 lessons/4 weeks
8	Refresher level 2	intensive	Headway Intermediate/Upper-Intermediate	120 lessons/4 weeks
9	Refresher level 3	intensive	Headway Advanced	120 lessons/4 weeks
10	Course level 2	distant	materials developed for the course	24 weeks
11	Course level 3	distant	materials developed for the course	24 weeks
12	Course refresher level 1	distant	materials developed for the course	6 weeks
13	Course refresher level 2	distant	materials developed for the course	6 weeks
14	Course refresher level 3	distant	materials developed for the course	6 weeks

For the specialized English language qualification courses:

Nº	Name	type	Textbook	duration
1	Military English courses	intensive	textbooks on military topics	2/3 weeks

Question 5:

If requested, would you be available to develop a partnership to participate in the development of a similar course in another country?

Yes, with pleasure.

Emilija Nesheva

Anexo D

Entrevista a Emilie Cleret França

Emilie Cleret é a Chefe do *Bureau Langue Anglaise de la Direction de l'Enseignement Militaire Supérieur*. Criou o Departamento que agora chefia e é responsável por desenhar os cursos de Inglês para *Le Centre des Hautes Études Militaires* e para *l'Ecole de Guerre*. Emilie Cleret é a gestora da equipa de ensino, sendo também responsável pelo seu recrutamento. Ms Cleret tem uma longa experiência de ensino de Inglês a militares.



Questão 1:

Pode dizer-nos qual a sua experiência na área do ensino do Inglês a militares, nomeadamente na École de Guerre?

Durante quatro anos lectionei numa Academia do Exército Francês a *Non-commissioned Officers (NCO's)*. Em setembro de 2010 fui contratada para criar o Departamento de Língua Inglesa do qual agora sou chefe.

Desenho os cursos de Inglês para duas academias:

- *Le Centre des Hautes Études Militaires*,
- *L'Ecole de Guerre*.

Sou responsável pelo recrutamento e gestora da equipa de professores e leciono apenas no *Centre des Hautes Études Militaires*.

Questão 2:

Na sua opinião qual o papel e importância da proficiência em Língua Inglesa para a interoperabilidade no seio da NATO? Porquê?

O papel e importância da proficiência em Língua Inglesa para a interoperabilidade no seio da NATO é absolutamente crucial. Embora a NATO tenha duas línguas oficiais – Inglês e Francês – temos que ter presente que a língua usada para comunicar é o Inglês. Com 28 nações membro, é vital que todas acordem níveis padrão de modo a serem eficientes no terreno e ao nível de estado-maior.

Questão 3:

O Inglês faz parte do curriculum dos Cursos de Promoção a Oficial Superior, Cursos de Estado-Maior Conjunto e Cursos de Promoção a Oficial General na Bulgária? Se faz parte: é ministrado General English ou English for Specific Purposes, durante todo o curso ou usam uma abordagem modular?

O Inglês faz parte dos planos de estudo de todos os cursos mencionados. É uma combinação de *General English* e *English for Specific Purposes* e é lecionado durante todo o curso. Nos Estudos Superiores Militares estamos muito focados em utilizar uma abordagem comunicativa centrada no aluno, maioritariamente uma pedagogia transacional e transformativa.

Questão 4:

Sei que têm pelo menos um curso que inclui atividades para fins específicos – as Debating Teams. Pode dizer-nos, em termos genéricos, como são os cursos ou a formação (população-alvo, conteúdos, duração, organização, etc.)?

Não estamos focados no domínio da língua para formar a equipa de debate. Estamos mais focados no potencial que os oficiais têm para desenvolver as competências necessárias para participar num debate (retórica, falar em público, pensamento crítico criativo, construção de argumentos, persuasão, competências para rebater argumentos, leitura crítica, etc.). Se os oficiais tiverem esse potencial é muito fácil melhorar o domínio da língua porque o desafio do debate é extremamente motivador.

Para identificar os oficiais que têm potencial, organizamos audições em que eles podem participar voluntariamente.

Os oficiais trabalham com um treinador de debate profissional, 3 horas por semana; nas vésperas das competições mais importantes, nos Estados Unidos e no Reino Unido, temos sessões extra. Viajamos duas vezes ao Reino Unido e uma aos Estados Unidos para competir. Os oficiais iniciam o seu treino no fim de setembro e acabam no fim de junho, mesmo antes de serem destacados para os seus novos cargos.

É importante referir que o debate desenvolve um extraordinário leque de competências. Assim, este tipo de atividade é agora parte das aulas de Inglês, e, desta forma, todos os oficiais têm a possibilidade de a praticar. Contudo, apenas 12 têm o treino intensivo para as integrar as competições.

Questão 5:

Se necessário e/ou solicitado, estariam disponíveis para desenvolver uma parceria para participar no desenvolvimento de um curso destes noutro país?

Estaríamos muito interessados em desenvolver parcerias para participar no desenvolvimento de cursos semelhantes noutro país. Temos apenas que ter em consideração que temos pouco pessoal pelo que teríamos que como desenvolver essa potencial parceria.

Emilie Cleret

Emilie Cleret is the Head of the *Bureau Langue Anglaise de la Direction de l'Enseignement Militaire Supérieur*. She created the Bureau she is now the leads. She is responsible for designing the English Language courses for Le Centre des Hautes Études Militaires and for l'Ecole de Guerre. Emilie Cleret is the manager of the teaching team and she is also responsible for the recruitment. Ms Cleret has a long experience teaching English to military.

Question 1:

Could you state your experience teaching English to the military, namely at the École de Guerre?

I taught for four years in a French Army basic training academy for NCOs from 2006 to 2010. I was recruited on September 1st, 2010 to create the English Department I now head.

I design the English courses for two academies:

- Le Centre des Hautes Études Militaires – the French National War College,
- L'Ecole de Guerre – the French Command and Staff College.

I recruit and manage the teaching team. I only teach in the Centre des Hautes Études Militaires.

Question 2:

In your opinion, what is the role and importance of English Language proficiency in interoperability within NATO? Why?

The role and importance of English Language proficiency in interoperability within NATO is absolutely crucial. Although NATO has two official languages – English and French – one can only note that the language used to communicate is English. With 28 member states, it is vital that all states agree on standard levels in order to be effective in the field and at staff level.

Question 3:

Is English part of the curriculum of the French Field Grade Officers Course, Joint Staff Course and the Flag Officers Course? If it is: General English or English for Specific Purposes, all course long or modular approach?

English is part of the curriculum of the courses mentioned above. It is a blend of General English and English for Specific Purposes. It is an all-course long approach.

In Higher Military Education, we are very focused on using communicative student-centred approaches, mainly transaction and transformative pedagogy.

Question 4:

I know you have, at least, one course that includes activities for specific purposes (the Debating Teams). Could you let us know, generally, how that course is (target population, general content, length, organization, etc.)?

We are not focused on the command of language to put together the debate team. We focused more on the potential the officers have to develop the necessary skills for debating (rhetoric, public-speaking, creative critical thinking, construction of argument, persuasion, rebuttal, research skills, critical reading etc...). If the officers have that potential, it is very easy to improve their command of language because the debating challenges create extraordinary motivation.

To spot the officers who have that potential, we organise auditions to which they can participate on a voluntary basis.

The officers work with a professional debate coach 3 hours per week and we add extra sessions during the run-up to major competitions in the US or the UK. We travel twice to the UK to compete and we travel once or twice per year to the US.

The officers start their training at the end of September and finish at the end of June, just before they join their next assignment.

It is important to note that debating develops an extraordinary set of skills. Therefore, all the officers are now introduced to it and practice it in class. However, only 12 of them get the intensive training to compete.

Question 5:

If requested, would you be available to develop a partnership to participate in the development of a similar course in another country?

We would be very interested in developing partnerships to participate in the development of a similar course in another country. The only issue to

take into consideration is that we are understaffed so we should have to think very carefully on how we can manage a potential partnership.

Emilie Cleret

Anexo E

Entrevista à Professora Doutora Gabriella Kiss
Hungria

Gabriella KISS, PhD é a Chefe do *Foreign Language Training Centre of the Faculty of Military Sciences and Officers' Training, National University of Public Service*. Licenciou-se na University of Pécs e em 1999 integrou a equipa de professores de Língua Inglesa da *Zrínyi Miklós National Defence University (ZMNDU)*, Budapest. Completou o Doutoramento em 2009 e em 2010 e concorreu ao cargo de Diretor na *Language Institution, ZMNDU*, instituição que chefia até hoje.



Questão 1:

Pode dizer-nos qual a sua experiência na área do ensino do Inglês a militares, nomeadamente na National University of Public Service?

Sou professora de Inglês na *National Defence University* (predecessora da *National University of Public Service- NUPS*) desde 1999. Tenho um leque variado de experiência educacional desde lecionar de acordo com os requisitos de Processo de Bolonha (*BSc, MSc, PhD*) até à frequência de inúmeros cursos. Este facto também me ajuda na minha carreira uma vez que como líder tenho que estar a par dos desafios, requisitos, tarefas e obrigações que o meu Centro tem que fazer face. Realizamos a nossa formação e testagem de acordo com os requisitos do STANAG 6001 e estamos acreditados pela NATO.

Questão 2:

Na sua opinião qual o papel e importância da proficiência em Língua Inglesa para a interoperabilidade no seio da NATO? Porquê?

Nem será necessário referir que no mundo da globalização em que as ameaças de terrorismo e agitação local e regional são iminentes, um país responsável e as suas forças armadas não se podem dar ao luxo de deixar de fazer parte de alianças como a NATO. De modo a garantir a colaboração adequada e a interoperabilidade, a proficiência em Língua Inglesa é um dos elementos e requisitos vitais. Neste sentido, sendo o Inglês uma língua especial com uma terminologia e linguagem militar única, só com um grupo de formadores especializado é possível ensiná-la. O Inglês é a língua oficial da

NATO (para além do Francês que é menos usado) e, sendo usada em todas as operações militares, a necessidade de estabelecer padrões e melhorar a proficiência de todos os participantes é óbvia.

O mundo tem vindo a passar por um processo de transformação ao longo dos anos. Este processo põe-nos face a uma sociedade coletiva mas com uma cultura diversificada. Quer seja baseado na raça, etnia, idade, género, religião, aptidões físicas, orientação sexual ou estatuto socio-económico, o mais provável é acabarmos num ambiente organizacional culturalmente diversificado. Com esta diversidade há um grande potencial para benefícios mas também para problemas. Muitas destes problemas consistem em dificuldades na forma de comunicar, de resolver problemas e conflitos no seio de grupos em que as pessoas têm valores, crenças, perspetivas, estilos de trabalho e comunicação significativamente diferentes. De modo a ultrapassar estes potenciais problemas e focarmo-nos nos potenciais benefícios, cada um de nós tem que melhorar a sua capacidade para entender as diferenças culturais, comunicar eficazmente e resolver conflitos com aqueles que são diferentes de nós.

Com uma diversidade cultural tão grande e a necessidade de muito estudo para se ser perito em apenas uma cultura, como se pode restringir e identificar o foco correto para gerar competências num militar?

Em nenhum outro é mais evidente o seu valor do que no trabalho com um segmento do corpo de alunos: oficiais internacionais. De facto, a relação com os locais tornou-se tão crucial que frequentemente o sucesso das missões é significativamente afetado pela capacidade dos militares interagirem com os indivíduos das comunidades locais.

Questão 3:

O Inglês faz parte do curriculum dos Cursos de Promoção a Oficial Superior, Cursos de Estado-Maior Conjunto e Cursos de Promoção a Oficial General na Bulgária? Se faz parte: é ministrado General English ou English for Specific Purposes, durante todo o curso ou usam uma abordagem modular?

Áreas de ensino do Foreign Language Training Center:

O *Language Training Centre of Faculty of Military Sciences and Military Officer Training, National University of Public Service* proporciona diversificados serviços. O Centro leciona alunos da licenciatura e prepara-os para os exames de línguas de nível intermédio e avançado de acordo com os seus requisitos. Também dá cursos de línguas a pessoal do Ministério da Defesa e Estado-Maior General das Forças Armadas em que oficiais, sargentos e pessoal civil das Forças Armadas Húngaras podem elevar a sua proficiência numa

língua estrangeira; simultaneamente cumprimos com os requisitos do *Allied Command Transformation (ACT)* no que se refere à formação de línguas – *Staff Officers' Military Terminology Course (SOMTC)* e *Military Terminology Teacher Training Seminar (MTTTS)*. Também fazemos parte do the *Defence Enhancement Education Programme (DEEP)*, e no âmbito deste programa podemos proporcionar formação na área das línguas a alunos estrangeiros.

O nosso Centro também leciona húngaro como língua estrangeira a alunos internacionais. Depois de completarem dois semestres em regime intensivo, estes alunos integram o Curso de Estado-Maior onde a língua usada é o húngaro.

Questão 4:

Sei que têm pelo menos um curso que foi desenvolvido para fins específicos – Staff Officers Military Terminology Course – desenhado para dar resposta às necessidades linguísticas de um oficial em serviço na NATO. Pode dizer-nos, em termos genéricos, como é cursos (população-alvo, conteúdos, duração, organização, etc.)?

Staff Officers' Military Terminology Course (SOMTC) Description

Acreditação NATO:

A capacidade de comunicar em ambiente NATO é um requisito vital para a cooperação entre a NATO e os países seus parceiros. Este curso, que foi desenvolvido para promover essa capacidade, prepara os *Staff Officers* e elementos civis da Defesa, selecionados para prover cargos no quartéis-generais multinacionais. Este curso também pode ser útil para os professores de Inglês que lecionam a militares.

O curso tem um duplo objetivo:

- melhorar as competências em “língua militar”, familiarizar os alunos com a terminologia NATO e proporcionar alguma experiência para falar em público;
- proporcionar um conhecimento abrangente da estrutura da NATO, permitindo assim que os alunos entendam o presente e os desenvolvimentos futuros no seio da Aliança.

A formação foca-se na participação ativa dos alunos e baseia-se na abordagem modular: a dificuldade e complexidade dos materiais bem como das tarefas aumenta todos os dias. O curriculum foi desenvolvido para alcançar dois objetivos: trabalho em equipa e comunicação e entendimento comum.

ESTRUTURA DO CURSO

Briefings de peritos

Todas as manhãs elementos da Defesa da Hungria (militares e civis), peritos nas matérias a tartar, fazem *briefings* sobre esses mesmos tópicos. No início do curso é fornecido aos alunos um “Cenário de Crise Internacional” em desenvolvimento. As mudanças nesse Cenário têm uma relação lógica com os *briefings* apresentados e são a base das tarefas a serem desenvolvidas pelas equipas, da parte da tarde.

Aulas de Língua Inglesa

De modo a incrementar as competências linguísticas dos militares em curso e a praticar com novos materiais, há aulas específicas de Inglês, de manhã e à tarde. Uma vez que o contexto (militar/NATO) é vital na definição das palavras e fraseologia em Inglês, o material selecionado tem estreita ligação aos tópicos abrangidos nos *briefings*. As palavras são explicadas tendo em conta o contexto (militar/NATO), sendo fornecidos sinónimos e explicações simples em vez de definições completas.

Briefings dos alunos

Com base nos *briefings* da manhã e nas alterações no “Cenário de Crise”, cada equipa prepara um *briefing* de 10 minutos. Os alunos trabalham com um rígido condicionamento de tempo de modo a incentivá-los, realçar as suas melhores qualidades e encorajar o trabalho em equipa. Os *briefings* são apresentados por um dos elementos da equipa perante toda a turma, professores e mentores e são sujeitos à avaliação e crítica.

Os materiais fornecidos aos alunos (livros de trabalho, glossário de abreviaturas, vocabulário e expressões) têm como base as publicações NATO *Allied Publications AAP 6* and *AAP 15*, *NATO HANDBOOK* entre outra documentação NATO. Exercícios e vocabulário são baseados em *Standard English*, embora para efeitos de clareza de explicação também seja, por vezes, usado Inglês informal. São usadas as mais recentes tecnologias e estratégias pedagógicas para proporcionar aos alunos o contacto com os mais recentes nesta área.

Atividades extracurriculares:

- Programas culturais
- Noite nacional
- Jantar de despedida – Cerimónia de entrega de Diplomas

Esta atividades proporcionam aos alunos oportunidades excelentes para continuar a troca de experiências e conversas num ambiente informal.

O requisito é SLP 3232.

Questão 5:

Este curso – SOMTC – é acreditado pela NATO. Se necessário e/ou solicitado, estariam disponíveis para desenvolver uma parceria para participar no desenvolvimento de um curso destes noutro país?

Absolutamente. Seria uma honra e um prazer colaborar num projeto desses. Estou altamente convencida que poderia ser um indutor de benefícios e sucesso mútuo.

Aguardo entusiasmada a oportunidade de colaborar com a vossa muito prestigiada Instituição, especialmente porque sei da tua extrema dedicação e esforços para concretizar interoperabilidade linguística.

Gabriella KISS, PhD

Dr. Gabriella KISS, PhD is the Head of the Foreign Language Training Centre of the Faculty of Military Sciences and Officers' Training, National University of Public Service. She received her degree from the University of Pécs and eventually earned her spot as an English language teacher in 1999 at Zrínyi Miklós National Defence University, Budapest. In addition to teaching, she successfully completed her PhD studies in 2009. In 2010 she competed for the position of the director at the Language Institution, ZMNDU and has been leading this institution ever since.

Question 1:

Could you state your experience teaching English to military, namely at the National University of Public Service?

I have been teaching English as a foreign language at the National Defence University (predecessor of NUPS) since 1999. I have had a wide range of educational experience, from educating in accordance with the requirements of Bologna Process (BSc, MSc, PhD) to countless forms of courses. That also helps me in my career as a leader being aware of all the challenges, requirements, tasks and duties my Centre is to face. We measure

up to STANAG education and testing (accredited, widely acknowledged), circumscribed by the NATO institutions.

Question 2:

In your opinion, what is the role and importance of English Language proficiency in interoperability within NATO? Why?

That goes without saying that in today's globalised world where threats of terrorism and local/regional unrest are imminent, a responsible country and military forces can't afford to drop out of alliance with NATO or Partner Countries. For the sake of the proper collaboration and interoperability, English language proficiency is one of the vital elements and requirements that can guarantee the smooth cooperation. In this case English as a Special Language with its unique terminology and military way of language can be obtained only within a framework of specialised educators. English is the official (besides French, less used) language of NATO and all the military operations, so standardising and making advances to each and every participant are evident.

Over the years, the world has undergone a transformation process in which it has become a particular omnibus form of culturally diverse societies. Whether it is based on race, ethnicity, age, gender, religion, physical abilities, sexual orientation or socio-economic status, you are more likely than ever to find yourself in a culturally diverse organisational setting. With this diversity comes the potential for great benefits as well as potential problems. Many of these problems consist of difficulties in the form of communicating, problem solving and resolving conflicts within diverse groups where people have significantly different values, beliefs, perspective, work styles and communication styles. In order to overcome these potential problems and to draw upon the possible benefits, each of us must enhance our ability to understand cultural differences, and to effectively communicate and resolve conflicts with those who are different from ourselves.

With so many diverse cultures and enormous amount of study required to become expert on any given one, how do we narrow the field to find the right focus for generating skills in soldiers?

Nowhere is the value more apparent than in the work with one segment of the student body: the international officers. In fact, engagement with local populaces has become so crucial that mission success is often significantly affected by soldiers' ability to interact with local individuals and communities.

Question 3:

Is English part of the curriculum of the Hungarian Field Grade Officers Course, Joint Staff Course and the Flag Officers Course? If it is: General English or English for Specific Purposes, all course long or modular approach?

Training Areas of FLTC:

The Language Training Centre of Faculty of Military Sciences and Military Officer Training, National University of Public Service provides a wide range of services. The Centre instructs full-time BSc students and prepares them for the intermediate and advanced level specialist language exams set in compliance with the qualification requirements. It also arranges language courses for the Ministry of Defence (MoD) and the General Staff, where officers, NCOs and other employees of the Hungarian Defence Forces (HDF) can acquire a high level of foreign language proficiency, as well as fulfilling NATO ACT orders concerning language instruction (Staff Officers' Military Terminology Course (SOMTC), Military Terminology Teacher Training Seminar (MTTTS)). As well as we are participant in the Defence Enhancement Education Programme (DEEP), in the framework of which we can offer language education for foreign students representing a number of countries.

Our Centre is also requested to prepare international participants for Hungarian as a Foreign Language, after accomplishing the language requirements (2 Academic Semesters, intensive), they are to participate at the General Staff Course conducted in Hungarian.

Question 4:

I know you have, at least, one course that was developed for specific purposes – Staff Officers Military Terminology Course – designed to address the needs of an officer serving in NATO. Could you let us know, generally, how that course is (target population, general content, length, organization, etc.)

Staff Officers' Military Terminology Course Description**NATO Accreditation:**

The ability to communicate within a NATO environment is a vital prerequisite for cooperation between NATO and the Partner Nations, and this course is designed to promote that ability. It prepares Staff Officers and civilian defence officials selected by their parent services to fill staff positions in Multinational Headquarters. English language teachers currently employed at military training establishments would also find the content useful.

The course has a dual purpose:

- enhance the students' military language skills, familiarise them with NATO terminology and provide them some public speaking experience;
- provide a comprehensive understanding of NATO's structure, thereby enable the students to understand present and future developments within the Alliance.

Training focuses on the active participation of students and is based on the Building Block approach: the difficulty and complexity of material and team tasks increase each day. The curriculum is first and foremost designed to achieve MLTCOE's ultimate goals: Teamwork, Communication and Common Understanding.

COURSE STRUCTURE

Topical Briefings

Every morning subject matter experts of the Hungarian defence establishment present detailed briefings on one of the subjects above. Early in the course the students are also presented with a developing international crisis-scenario. Changes in the scenario have a logical connection to the topical briefings, and form the basis of the afternoon team tasks.

Language Sessions

In order to improve the participants' language skills and to practice new material, language classes are conducted every morning and afternoon. Since context (military/NATO) is vitally important in the definition of English words and phrases, the material covered is closely tied to the topical lectures. Words are explained in context, and frequently synonyms or simple explanations are provided instead of a full definition.

Afternoon Briefings

Based on the morning's topical briefings and the changes in the crisis-scenario, each team prepares a 10-minute briefing. The students must work under a serious time constraint, in order to challenge them, bring out their best qualities and encourage teamwork. The briefings are presented to the whole class and faculty by one of the team members, and are thoroughly critiqued.

Printed materials provided to students (workbook and glossaries of abbreviations, vocabulary and expressions) are based on *Allied Publications AAP 6* and *AAP 15*, on the *NATO HANDBOOK* and on other relevant NATO publications and documents. Exercises and vocabulary are based on Standard English. In some cases, e.g. to illustrate examples more vividly, informal English is used. Both exercises and vocabulary make use of the latest learning and teaching technologies/strategies to provide the student with the latest developments in these subjects.

Extracurricular activities:

- Cultural programmes (city tour, trip to the countryside)
- National evening
- Farewell dinner – graduation ceremony

These activities provide the trainees with excellent opportunities to continue discussions and exchange of experience in an informal way. Since teacher training is a never ending story the designers of the course wish to use most of the two weeks, which is a very limited timeframe for teacher training, for the personal development of trainees. Such networking can result in the trainees' maintaining communication and can even have a positive impact on their material design activities and further career.

An SLP 3232 is required.

Question 5:

The SOMTC is NATO accredited. If requested, would you be available to develop a partnership to participate in the development of a similar course in another country?

Definitely, that would be an honour and privilege to cooperate in a project like that. I am strongly convinced that could induce mutual benefits and success.

Looking forward to collaborating with your highly appreciated Institution, especially being aware of your utmost dedication and efforts in realising language interoperability.

Gabriella KISS, PhD

Anexo F

Entrevista ao CALM Novo Palma

O Contra-almirante Novo Palma, Diretor do Pessoal da Marinha¹ ingressou na Escola Naval em 1978 e concluiu o curso de Marinha em 1983.



O CALM Palma tem uma vasta experiência em ambiente combinado. É especializado em navegação e participou em diversos exercícios e missões da NATO, integrando também forças da Aliança e da UEO. Prestou serviço em diversas unidades da Marinha, embarcado e em terra entre as quais a fragata Corte Real onde foi Imediato e mais tarde Comandante. Comandou a Força Naval Portuguesa, a Força de Reação Imediata e a Força Naval Europeia para a Somália.

Completo diversos cursos e estágios na Marinha e no estrangeiro entre os quais o *Maritime Warfare Course*, na Royal Navy.

Questão 1:

Sr. Almirante, poderia partilhar connosco a sua experiência em ambiente combinado?

Eu, em ambiente combinado tive, de facto, muitas experiências. (...) tive, de facto, contacto com outras marinhas, com outros povos e com outras culturas. No meu caso, até foi um pouco mais alargada devido à experiência de participar na *Sea Training Association*, nas regatas, (...) tive também a experiência da viagem de volta ao mundo no navio escola “Sagres” em que as capacidades de comunicação em língua estrangeira, em inglês, são muito necessárias e evidentes. (...)

Continuei a minha vida nas fragatas onde, efetivamente, a necessidade de comunicação em língua inglesa, em concreto no âmbito operacional e tático, está sempre presente. (...) tive a experiência de ser oficial de operações de uma fragata integrada numa força da *NATO*, em ambiente operacional e de crise, nomeadamente na Jugoslávia. (...) como *Staff XO* da *STANAVFOR-LANT*, em que o nosso navio era o navio que estava a comandar a força, com o Comodoro Melo Gomes embarcado e, em que eu tinha, em concreto, a responsabilidade de coordenar e dirigir as reuniões dos imediatos em todos os portos, portanto, também, de fazer passar as ordens do Comodoro,

¹ Atualmente, Vice-Almirante Superintendente do Pessoal da Marinha.

nomeadamente em relação à organização administrativa da força e aquilo que é a coordenação da atividade interna dos navios (...), e com um *staff* multinacional embarcado.

(...) participei em diversas reuniões *NATO*, uma das quais, em 2004, foi também uma experiência muito intensa, apesar de muito curta; foram 40 minutos em que fui chamado a intervir para defender a posição de Portugal. Estava sentado ao lado do Diretor-Geral de Política de Defesa Nacional no *Defense Review Committee* da *NATO*, que estava a fazer a apreciação da posição portuguesa no *Force Goals Cycle* de 2004. (...) Portanto, foram 40 minutos, em que do outro lado eu tinha o Adjunto do Secretário-Geral da *NATO* e os embaixadores da *NATO* e em que, eu estive a argumentar relativamente à posição portuguesa no que se referia a cada um dos *Force Goals* que não queríamos aceitar, e explicar porque é que não queríamos aceitar. Tudo isso teve que ser feito, obviamente, em inglês.

(...)

Depois, embarcado em 2013 no NRP Álvares Cabral, fui Comandante da EUNAVFOR, uma força multinacional, em que, obviamente, a língua base da comunicação era o inglês; eu tinha um *staff* multinacional sob as minhas ordens e tinha que me exprimir de uma forma praticamente contínua no dia-a-dia em inglês: fosse para escrever as diretivas, em que o comandante também tem que participar; fosse para falar em *fora de chats* em texto e, ou, mesmo em fonia; conferências com o comandante da operação, que estava sediado em Londres, e com quem eu tinha que conferenciar relativamente ao que estava a acontecer, nomeadamente na condução de ações táticas.

Antes disto, fui Chefe da Divisão de Planeamento do Estado-Maior da Armada, e que, na altura integrava as relações internacionais; tudo o que era conversações entre Estados-Maiores, reuniões, conferências, *briefings*, etc., eram conduzidos em inglês. As conversações de Estado-Maior, fosse com russos, franceses, ingleses, alemães ou holandeses eram sempre em inglês, pelo que a necessidade de ser proficiente nesta língua esteve sempre muito presente e é, de facto, essencial nas relações internacionais. Assim, como pode perceber, o inglês é essencial para a nossa presença Aliança e em outros *fora*.

Da minha experiência neste âmbito, ao longo de 30 anos, tenho sentido que temos evoluído pouco naquilo que seria expectável. Não vou fazer uma apreciação sobre se estamos melhor ou pior do que já estivemos, mas, sinto que, passados 30 anos, eu esperaria que estivéssemos muito melhor. Sinto hoje dificuldades que não eram expectáveis nesta altura pois já se identificou há muitos anos a importância e necessidade do inglês. Apercebo-me hoje, também decorrente da minha experiência internacional, mesmo nos

oficiais da Marinha, de Escola Naval, de fragilidades e vulnerabilidades na língua inglesa, que não deveriam estar presentes.

Questão 2:

E essas fragilidades e vulnerabilidades, da sua experiência, são a que nível?

Algumas são do *listening*, algumas do *reading* também, mas essencialmente ao nível da expressão. Expressão do que não é o ensaiado. Isto é, aquela expressão que vai para além do procedimento radiotelefónico, da tática (dispara o torpedo) etc.. Quando entramos no nível de troca de conceitos e ideias... aí é que começa a haver dificuldades muito grandes. E, de facto, não só dificuldades na expressão, são também dificuldades na compreensão. Estas fragilidades que provocam menor eficácia e eficiência, numa situação mais complexa e mais imprevisível como é a condução da tática e da guerra, mais incerta, não podem acontecer. De facto, quando temos fragilidades ao nível da língua inglesa, temos menor e mais difícil compreensão das coisas e, mais dificuldades em chegar aos nossos destinatários.

(...)

Questão 3:

Senhor Almirante, na sua opinião, essas fragilidades que pôde testemunhar, terão mais a ver com falta de proficiência, ou com falta de conhecimento de vocabulário e gramática relacionados com o contexto militar, que é muito específico e muito técnico, com muitos acrónimos, numa língua que não é a nossa, neste caso o inglês?

Eu julgo que são as duas; tenho dificuldade em dizer que é mais uma ou outra. Eu explico porquê: se nós estivermos num ambiente operacional, na condução de operações, mais próximo do espectro mais intenso da guerra, temos situações mais conhecidas no que se refere aplicação da doutrina: estamos a empregar armas, a movimentar forças, a dispô-las, estamos a fazer reconhecimento, estamos a caracterizar situações e tudo isto é muito padronizado, aquilo que é preciso fazer é muito simples.

Contudo, nós hoje estamos presentes em cenários muito complexos, em que temos muitas missões, com a intervenção e a cooperação de diversos atores em ambientes e unidades de esforço em detrimento da mais familiar unidade de comando. São disso exemplo, as missões relacionadas com as questões da pirataria, do tráfico de pessoas, do tráfico de materiais ilegais, do tráfico de estupefacientes, e tudo isto ocorre em ambientes internacionais. Neste tipo de situações colocam-se outras questões muito importantes e de

grande responsabilidade, nomeadamente, as questões de natureza jurídica, do direito internacional, do direito nacional dos vários intervenientes em que a palavra que é dita ou escrita tem um peso muito significativo: se é *should*, *must*, ou *ought to*, e em que nós, mesmo em português, às vezes, temos dificuldades. Para além de que, sabendo que da nossa a expressão e comunicação poderá haver implicações de ordem jurídica, somos e temos que ser mesmo muito cuidadosos. Assim, ao entrarmos numa arena internacional ainda mais complexa, temos essa grande dificuldade. Esta é, claramente, uma das áreas.

Outra das áreas, tem a ver com uma aceleração e uma simplificação, empobrecimento até, da comunicação que, de facto, está hoje presente na nossa vida. Nesta área, eu, de facto, vejo mais dificuldades, também. Não estamos perante uma leitura ou uma comunicação erudita, ao nível *Shakespeare*, mas, estamos perante um tipo de comunicação resultante de uma sociedade que acelerou muito com *sms*, com *emoji*, com uma comunicação cada vez mais rápida, mais simplificada, quer na gramática quer na própria construção das frases em que se cortam artigos, se abreviam palavras, etc.. Isto também acontece na linguagem operacional e, por vezes, acaba por empobrecer demasiado a comunicação. Quando estas situações estão associadas à expressão e comunicação verbal, resultam simplificações demasiado exageradas e que podem criar dificuldades de compreensão.

Questão 4:

O Sr. Almirante pensa que, atualmente, e face ao contexto militar em que operamos, complexo e particular, é suficiente ser proficiente em inglês em termos gerais, ou seria benéfico para os nossos militares, em complemento a essa formação geral em inglês, terem uma preparação mais específica, orientada para o desempenho de funções e prepará-los para o exercício dessas mesmas funções na língua alvo em que vão ter que operar?

Não tenho qualquer dúvida que todos nós temos que trabalhar mais a língua inglesa, temos que aprofundar o nosso conhecimento da língua e elevar o nível de proficiência. Contudo, isso requer tempo e não é em 5 ou 6 meses que se eleva significativamente esse nível; é necessário haver um trabalho diário, um esforço orientado e feito ao longo da vida. Não chega ler jornais internacionais, ouvir notícias em inglês, é preciso muito mais do que isso, é preciso formação.

Questão 5:

E pensa que, como complemento à formação de inglês geral, seria benéfico os nossos militares frequentarem, no Instituto Universitário Militar,

por exemplo nos cursos de promoção e qualificação, módulos de inglês, especificamente desenvolvidos para colmatar necessidades que decorrem das funções que seja expectável que eles venham a desempenhar em ambiente combinado – o conceito de English for Specific Purposes (ESP)?

Não tenho qualquer dúvida de que haver esse tipo de formação específica, orientada para o exercício de funções numa língua como o inglês, desenvolvida para colmatar essas necessidades e que contribua para a melhorar a interoperabilidade, é essencial, é mesmo indispensável. Contudo, tenho sérias dúvidas de que deva ser feito no IUM e não nos ramos. Deve ser uma competência dos ramos. Para além de que, edificar uma nova capacidade é complexo e demora tempo e, numa altura em que estamos perante grandes transformações, temos que ser cautelosos, até porque os recursos são escassos. De qualquer forma, há que consolidar o que cada ramo tem na área da formação em língua inglesa. Temos que congreguar os esforços nos ramos, até mesmo partilhando e criando sinergias. Assim, e nesta fase, embora seja essencial ter este tipo de formação *ESP*, penso que o adequado seria proporcioná-la nos ramos – é mais ágil e as estruturas já existem.

Rear Admiral Novo Palma, the Director of Human Resources in the Navy² joined the Naval Academy in 1978, having graduated in 1983.

Rear Admiral Palma has a vast experience serving in combined environments. He is specialized in Navigation and participated in several NATO exercises and missions. He also took part in diverse forces of the Alliance and Western European Union. He served in several units of the Navy, aboard and ashore among which Corte-Real frigate where he was the Executive Officer and later the Commanding Officer. He was also the Commander of the Portuguese Naval Force, the Immediate Reaction Force and the European Naval Force Somalia.

Rear Admiral Palma completed several courses and trainings in the Portuguese Navy and abroad such as the *Maritime Warfare Course*, Royal Navy.

Question 1:

Sir, could you share with us your experience within combined environment?

² Currently Vice-Admiral Superintendent of Human Resources – Navy.

In fact, I have had many experiences in combined environments. (...) I have had contact with other Navies, other populaces and other cultures. In my personal case, this experience was even broader because of my participation in the *Sea Training Association*, in the regattas, (...) I have also had the experience of sailing around the world aboard the Portuguese training ship “*Sagres*” where the English language communication skills are obvious and highly necessary. (...)

My career as a Navy officer continued aboard frigates, where the need to communicate in English language, specifically within the operational and tactical scope, is, indeed, always present. (...) I was the operations officer of a frigate which was part of a NATO force operating during a crisis, namely in Yugoslavia. (...) as a Staff XO of STANAVFORLANT, when ours was the Flag ship and Commodore Melo Gomes was aboard, I had the responsibility to coordinate and direct the XO’s meetings at the ports we visited, convey the orders of the Commodore related to the administrative organization of the force, all the internal activity of the ships (...) and with a multinational staff aboard. (...) I took part in several NATO meetings, one of which, in 2004, was also a very intense experience, even though it was very short; during a period of 40 minutes I was called to defend the position of Portugal. I was at the *Defense Review Committee of NATO*, and next to me was the Portuguese Director of National Defense Policy. The Portuguese position on the 2004 *Force Goals Cycle* was being assessed. (...) It was, therefore, 40 minutes where I had, on the other side, the NATO Assistant Secretary General and the Ambassadors to NATO and I was putting forward the arguments for the Portuguese position on each *Force Goal* we didn’t want to accept. All of this had to be explained in English.

While commanding the frigate *Álvares Cabral*, I was also the EUNAVFOR commander, a multinational force, where the language of communication was obviously English; I had a multinational staff under my command and I had to speak in English, on a daily basis: whether to write the directives, a task the Commander has to be part of; or to communicate through text or voice chat-room *fora*; conferences with the Commander of the operation who was in London and whom I had to speak to, regarding what was happening, namely the conduct of tactical actions.

I also served as the Head of the Planning Division at the Navy Staff, which, at the time, included the area of international relations; all the Staff Talks, meetings, conferences, briefings, etc, were performed in English. Regardless of the nations involved in the Staff Talks - Russians, French, British, Germans or Dutch - the meetings were always in English. Therefore it was necessary to be proficient in that language. In fact, English is essential

within the scope of international relations. As you can perceive, English language is essential to our presence in the Alliance and in other *fora*.

Over 30 years of experience within this sphere, it is my feeling that we have evolved little where it was expected to evolve more. I am not going to make judgments on whether we are better or worse than we used to be. However, I would have expected that 30 years later we would be much better than we actually are. I observe certain shortfalls today that should have been already overcome because the need and importance of English was identified a long time ago. I realise today, due to my international experience, that even the Naval Academy Navy officers have shortfalls and weaknesses in English that they should not have.

Question 2:

According to your experience, those shortfalls and weaknesses are related to which skills?

Some are related to Listening, some are related to Reading, but mainly related to the productive skills. Producing (written or spoken) what is not rehearsed. Producing (written or spoken) beyond the radio procedure, tactics (fire the torpedo) etc.. When we enter the level of exchanging concepts and ideas... that is where the shortfalls are significant.

In fact, the difficulties are not only in producing but also in understanding. These shortfalls and weaknesses result in a decrease in efficiency and effectiveness which cannot occur in a more complex, unpredictable and uncertain situation such as the conduct of tactics and war. Indeed, when we have weaknesses in English language, things are less understood and less understandable; it is more difficult for us to get the message across to our receivers.

(...)

Question 3:

Sir, the weaknesses in English that you witnessed were related to the lack of proficiency or to poor military vocabulary and grammar, which is very specific and technical, and incorporates a lot of acronyms?

I think it is both; it is hard to pinpoint one or the other. Let me explain why: if we are in an operational environment, conducting operations, close to the most intense spectrum of the war, we experience situations which are more usual applying the doctrine: we are employing weapons, moving and positioning of forces, conducting reconnaissance, and all of this is standardised, what one needs to do is rather simple.

However, nowadays, we face very complex scenarios, many missions in which diverse players intervene and cooperate within certain environments and effort units of effort to the detriment of the most familiar unit of command. Missions related to piracy, human trafficking, illegal materials trafficking, drug trafficking are examples of the aforementioned, and all of those situations occur in international environments. In those situations, there are other very important and of high responsibility issues to consider: issues related to the law, international law and national law of the several cooperating nations and for which the spoken and written word is of the utmost importance. Sometimes, even in our own native language, it is difficult to decide whether one has to use the verb *should*, *must*, or *ought to*. Furthermore, we know that of our words and our communication there might be legal consequences, therefore we are and we indeed have to be very careful. When in an international arena even more complex we face that difficulty. Clearly, this is one of the areas.

Other of the areas is related to the acceleration, simplification and impoverishment of communication. I also observe difficulties within this area. We are not before erudite communication, *Shakespeare* level. We are experiencing a kind of communication that is the result of a society which has accelerated by using text messages, emoji, fast and simplified communication in grammar and sentence structure where articles are cut, words are shortened, etc..

This also happens when using operational language. When these situations are associated with productive skills and verbal communication it may result in an over simplification thus creating understanding difficulties.

Questio 4:

Do you think that, considering the military context in which we operate, complex and unique, being proficient is enough? Do you think that providing more specific, performance oriented English language training in order to prepare the military considering the situation in which they will actually use the language, would be beneficial?

I have no doubts that we all need to improve our performance, enhance our knowledge of English language and increase our proficiency. It requires time to achieve those goals and 5 or 6 months is not enough to significantly increase the proficiency level; it is necessary to work hard and daily; it is a life long oriented effort. Reading international newspapers and listening to English news broadcast is not enough; it requires a lot more than that, it requires training.

Question 5:

Do you think that, at the Institute of Higher Military Studies, as a complement to General English training the military attend at the Academies, it would be beneficial to attend English Courses designed to address the needs that result from the tasks and functions they are expected to perform in the future – English for Specific Purposes?

There is no doubt in my mind that this kind of specific language training, performance oriented, designed to address the needs you mention, contributing to interoperability is essential, even indispensable. However it is my belief that it should be provided by the Services. It should be a responsibility of the Services. Building a new capability is complex and it takes time. Considering the transformations we are now facing, we have to be cautious because we have few resources. Anyway, we have to consolidate the English language training each Service provides by combining efforts and even sharing and developing synergies. As a conclusion I would state that it is essential to provide this kind of ESP training; it is my belief that it should be provided by the Services – it is faster and the structures already exist.

Anexo G

Entrevista ao MGEN Guerra Pereira

O MGEN Rui Davide Guerra Pereira é o Chefe do Gabinete do Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas. Ao longo da sua carreira, prestou serviço em várias Unidades, Estabelecimentos e Órgãos do Exército e das Forças Armadas. Entre outras funções foi Adjunto do Exército e Assessor do General Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, Diretor do Curso de Estado-Maior do Exército e do Curso de Estado-Maior Conjunto e Coordenador da Área de Ensino Específica do Exército. Tem uma vasta experiência em ambiente combinado tendo participado em missões internacionais da NATO como a *Stabilisation Force* na Bósnia Herzegovina. Foi Adjunto do Exército e de Chairman do Painel e Grupo de Projeto de Forças de Operações Especiais da UE na Missão Militar de Portugal na OTAN e na UE, na Bélgica.



Questão 1:

Sr. General, na sua opinião qual o papel e a importância que a proficiência em língua inglesa tem na interoperabilidade no seio da NATO e porquê?

A interoperabilidade constitui um dos vetores que integram uma capacidade militar, para que se considere como pronta ou disponível. Sem este vetor garantido, qualquer capacidade terá condicionamentos, ou mesmo nalguns casos limitações, para poder ser empregue. Uma capacidade em que não seja garantido o vetor da interoperabilidade só poderá ser empregue de forma isolada para o cumprimento de missões muito específicas no objetivo e no tempo.

Um dos elementos que contribui para o vetor interoperabilidade é a capacidade de comunicação que, apesar de todas as possibilidades tecnológicas atuais, continua a exigir o uso da palavra, falada ou escrita. Assim, para que haja comunicação é necessário que emissor e recetor usem uma linguagem comum, para que a mensagem seja compreendida.

No caso da NATO, apenas são consideradas duas línguas oficiais, a inglesa e a francesa. No entanto, uma larga maioria dos países aliados usam a língua inglesa como a mais comum.

Assim, considerando que a nossa defesa se garante no seio da Aliança, bem como o facto de que em Portugal, as gerações mais recentes optaram

claramente pela língua inglesa, como segunda língua, não há como fugir à realidade.

A proficiência em língua inglesa assume desta forma um papel de grande importância, talvez mesmo de importância crucial, para que possamos garantir a interoperabilidade das nossas capacidades militares no seio da NATO.

Questão 2:

De acordo com vários especialistas em línguas, “o objetivo de um curso de “English for Specific Purposes” (ESP) é preparar os alunos para desempenharem adequadamente as suas tarefas numa determinada situação alvo, isto é, na situação em que os alunos irão efetivamente usar a língua estrangeira que estão a aprender.” (Silva Joyce, et al., 2015)

Tendo em consideração a definição de “English for Specific Purposes”, de Joyce Silva, consideraria uma mais-valia importante implementar este tipo de formação no Instituto Universitário Militar, desenvolvendo-a para atender às necessidades linguísticas resultantes da análise das funções e tarefas que seja expectável os oficiais virem a desempenhar em ambiente combinado ou internacional? Porquê?

A definição apresentada é clara e objetiva.

Como atrás referido, a proficiência em língua inglesa desempenha um papel muito importante, senão mesmo nalguns casos crucial, para que seja garantida a interoperabilidade das nossas capacidades militares no seio da NATO.

Nesse sentido, a formação em língua inglesa não é apenas uma mais-valia, mas sim uma necessidade.

Há no entanto que considerar o ensino e formação no Instituto Universitário Militar em sentido abrangente, isto é, desde os cursos de formação para ingresso, até aos cursos de qualificação e progressão na carreira.

Assim, faz todo o sentido que o ensino e formação em língua inglesa se constitua como um elemento curricular nos diferentes ciclos de estudos e cursos de qualificação, constituindo-se como um processo transversal ao longo do percurso de ensino e formação de um oficial das Forças Armadas. Para tal, para além da existência de unidades curriculares de ensino e formação específica da língua inglesa, deverão existir, especialmente nos cursos de promoção e de qualificação unidades curriculares, designadamente as que têm relação direta com as operações militares, ministradas e trabalhadas na referida língua.

Considera-se pois que o desenvolvimento da proficiência em língua inglesa não deve assentar em ações de formação ad-hoc, específicas para o

desempenho de um determinado cargo, mas sim num processo contínuo desde o ensino para ingresso prolongando-se pela formação ao longo da carreira.

Guerra Pereira
MGEN

MGEN Rui Davide Guerra Pereira is the Chief of Cabinet to the Chief of General Staff of the Portuguese Armed Forces. Throughout his career he served in diverse units, establishments and bodies of the Portuguese Army and Armed Forces. Among other duties MGEN Pereira served as Army Aide and Advisor to the Chief of General Staff of the Portuguese Armed Forces, Director of the Army Field Grade Officers Course and the Joint Staff Course, Coordinator of the Army Education Area. He has a vast experience serving in combined environments having participated in several NATO international missions such as the *Stabilisation Force* in Bosnia and Herzegovina. He also served as Army Advisor and Chairman of the Experts Panel and Project Group on Special Operations Forces of the European Union (EU) at the Portuguese Military Mission to the NATO and EU in Belgium.

Question 1:

In your opinion, what is the role and importance of English language proficiency for interoperability within NATO? Why?

In order to certify a capability as ready and available, one verifies diverse vectors. One of these vectors is interoperability. Without ensuring interoperability, the employment of a capability may be highly conditioned and in some cases there might be limitations to its employment. A capability which does not ensure interoperability can only be employed in a isolated way to perform purpose and time specific missions.

One of the vectors of interoperability is the ability to communicate which, despite all the current technological possibilities, still requires the use of words, written or spoken. Therefore, communication entails the sender and the receiver to use a common language so that the message is understood.

NATO has two official languages, English and French. None the less, English is the most used by the majority of the allies.

Considering that our defence is ensured within the Alliance, and that Portugal and the younger generations have clearly opted for English as a second language, one cannot escape from this reality.

English language proficiency plays, therefore, a role of the utmost importance, perhaps even of crucial importance to ensure the interoperability of our military capabilities within NATO.

Question 2:

According to several language experts, the purpose of an English for Specific Purposes (ESP) course is to enable learners to function adequately in a target situation, that is, the situation in which the learners will use the language they are learning (Silva Joyce, et al., 2015).

Would you consider it beneficial to implement, at the level of higher military studies, ESP courses designed to address the language needs resulting from the analysis of the tasks and functions the officers are expected to perform when in a combined or international scenario? Why?

The definition is clear and objective.

As mentioned above, English language proficiency plays a role of the utmost importance, perhaps even of crucial importance to ensure the interoperability of our military capabilities within NATO, and therein training in English language is not just added value but a necessity.

One has to consider the training and education at the Institute of Higher Military Studies in a broad sense: from training for admission to qualification and promotion courses.

It makes perfect the sense that training and education in English language be part of the syllabi of the different study cycles and qualification courses; this training and education in English language should be a transversal process throughout the training and education of an Officer of the Portuguese Armed Forces. To this end, besides specific English language course units within training and education, there ought to be, particularly for the promotion and qualification courses, different subjects taught in English, namely the ones which are directly related to military operations.

Consequently, the development of English language proficiency should not be based on ad hoc training, specific for a job or position but rather it ought to be a sustained process extending from admission courses into training and education throughout the career.

Guerra Pereira
MGEN

Apêndice A

Plano de Estudos do Curso de Promoção a Oficial General

FINALIDADE E OBJETIVOS

O Curso de Promoção a Oficial General (CPOG) está organizado de acordo com o estipulado no Decreto-Lei n.º 161/2005, de 22 de setembro, republicado através do Decreto-lei n.º 27/2010 de 31 de março, e no Estatuto do IESM, publicado através do Decreto-lei n.º 28/2010 de 31 de março, tendo por finalidade complementar a preparação dos Capitães-de mar-e-guerra e dos Coronéis nomeados para o curso para o exercício das funções inerentes aos altos cargos de Comando, Direção e Estado-Maior, no mais elevado escalão. O CPOG constitui condição especial de promoção a Oficial General.

O CPOG tem como principais objetivos:

- Disponibilizar informação, fomentar a reflexão e promover a discussão que permitam aos Oficiais Auditores produzir conhecimento acrescido aos níveis conceptual, doutrinário e sistémico, tendo em vista complementar a sua formação ao longo da carreira;
- Desenvolver o entendimento comum dos problemas da segurança e da defesa, muito em especial no que respeita à atividade de Defesa Nacional, enquadrando-os numa perspetiva essencialmente político-estratégica.
- Desenvolver e aperfeiçoar capacidades de comunicação, análise, síntese e argumentação, tendo em vista aprofundar uma visão global e prospetiva sustentada que, em conjugação com uma dimensão de relacionamento interpessoal, possa contribuir para a qualidade no desempenho de cargos de gestão de topo e da mais elevada hierarquia das Forças Armadas.

ENQUADRAMENTO LEGAL

Pelo estabelecido no Estatuto dos Militares das Forças Armadas (EMFAR), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 236/99, de 25 de Junho, e republicado e renumerado pelo Decreto-Lei n.º 197-A/2003, de 30 de Agosto, nomeadamente na alínea a), do artigo 243º e na alínea a) do artigo 245º, o Curso Promoção a Oficial General, constitui condição especial de promoção a Oficial General.

ESTRUTURA DO CURSO

O Curso compreende uma componente formativa comum e conjunta frequentada pelos três ramos das Forças Armadas e uma componente formativa específica de cada ramo.

O Plano de Estudos relativo à componente formativa específica de cada ramo, bem como os respetivos regimes de avaliação, são definidos pelo Chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas (CEMGFA) sob proposta dos Chefes de Estado-Maior de cada ramo das Forças Armadas, precedido de pareceres do conselho científico e do conselho pedagógico do IESM.

O Plano de Estudos relativo à componente formativa comum e conjunta, bem como o respetivo regime de avaliação, são definidos pelo Diretor do Instituto de Estudos Superiores Militares, precedido de pareceres do conselho científico e do conselho pedagógico do IESM.

O CPOG compreende um conjunto de matérias relativas a três grandes áreas do conhecimento: Estratégia, Administração e Operações.

À frequência do Curso de Promoção a Oficial General correspondem 60 unidades de crédito (ECTS).

FLAG OFFICERS COURSE

AIM

The Flag Officers Course aims to prepare nominated Captains and Colonels to perform functions in high level Command, Direction or Staff positions in high echelons.

COURSE OBJECTIVES

- Provide information in order to improve and promote the reflection and discussion which enables the students to produce relevant knowledge at the conceptual, doctrinal and systemic levels in order to complement their career-long education;
- Develop the knowledge of Security and Defence problems, especially in what concerns National Defence from a political-strategic perspective.
- Develop and refine communication, analysis, synthesis and argumentation skills in order to acquire a global and sustained prospective vision that, together with an interpersonal relationship

dimension, may contribute to the quality of performances in top management positions and the highest level of the Armed Forces hierarchy.

COURSE STRUCTURE

The Flag Officers Course comprises a joint component education to be attended by the three branches officers and a specific education component for each branch;

The course includes a number of matters comprising three main scientific areas: Strategy, Administration and Military Operations;

The course is organized in accordance with the European Credits Trading System (ECTS). The total number of credits required to complete the course is 60 ECTS.

Apêndice B

Plano de Estudos do Curso de Estado Maior Conjunto

FINALIDADE E OBJETIVOS

O Curso de Estado-Maior Conjunto (CEMC) tem por finalidade qualificar oficiais superiores das Forças Armadas (FA) e da Guarda Nacional Republicana (GNR) para o desempenho de funções ao nível operacional e estratégico, em estados-maiores conjuntos nacionais e internacionais, nas estruturas superiores das Forças Armadas e da Defesa Nacional, e em organizações nacionais e internacionais.

O CEMC é dirigido primariamente aos oficiais superiores das FA e GNR que demonstrem possuir elevado potencial, comprovado no desempenho de funções ou cargos, ao longo da carreira. O curso poderá ser frequentado por oficiais da Guarda Nacional Republicana (GNR) e por oficiais de Países Amigos e Aliados, de postos similares, nos termos do regime de acesso superiormente definido.

O CEMC destina-se a proporcionar uma formação avançada na área das Ciências Militares, num domínio onde se encontram três linhas de estudo:

- A atualização do pensamento estratégico perante uma realidade das relações internacionais complexa e difusa, tendo em vista o planeamento estratégico nacional;
- A gestão de recursos afetos à segurança e defesa nacional numa perspetiva de otimização do seu emprego;
- O planeamento e gestão operacional no que respeita à programação, preparação e emprego de forças e capacidades militares em operações conjuntas e combinadas, numa abordagem integrada com os restantes instrumentos do poder nacional.

ENQUADRAMENTO LEGAL

O Curso de Estado-Maior Conjunto (CEMC) está organizado de acordo com o estipulado no Decreto-Lei n.º 161/2005, de 22 de setembro, republicado através do Decreto-Lei n.º 28/2010, de 31 de março, e no Estatuto do IESM, publicado em Anexo II ao mesmo Decreto-lei.

O n.º 3 do artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 161/2005, de 22 de Setembro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 28/2010, de 31 de Março consagra que o IESM, precedendo autorização do CEMGFA, mediante solicitação do chefe do estado-maior

de cada ramo das Forças Armadas ou do comandante-geral da GNR, pode ministrar cursos de formação específica e outras ações de formação.

ESTRUTURA DO CURSO

O Curso de Estado-Maior Conjunto compreende 17 unidades curriculares, em diversas áreas científicas. À frequência do Curso de Estado-Maior Conjunto correspondem 60 unidades de crédito (ECTS).

JOINT STAFF COURSE

AIM

The Joint Staff Course (CEMC) aims to qualify senior officers from the Armed Forces and National Republican Guard (Guarda Nacional Republicana) with an advanced education in the employment of military forces at the operational and strategic levels, namely within national and international Joint Staffs, the Armed Forces, high echelons of National Defence, as well as within national and international organizations.

COURSE OBJECTIVES

- The Joint Staff Course is intended to provide advanced preparation in Military Sciences, specifically in three main focus areas:
- The update of the strategic thinking in a context of complex and diffuse international relationships, in order to outline the national strategic planning;
- The management of resources allocated to national security and defence in a perspective of its optimized employment;
- The planning and operational management with regard to programming, preparation and employment of military forces and capabilities in combined and joint operations, in an integrated approach to other instruments of national power.

COURSE STRUCTURE

The Joint Staff Course set comprises 17 course units in five scientific areas: Military Operations, Study of Crisis and Armed Conflicts, Human Behavior in Military Context, Policy Sciences and Management Sciences.

The course is organized in accordance with the European Credits Trading System (ECTS). The total number of ECTS required to complete the course is 60.

Apêndice C

Plano de Estudos do Curso de Promoção a Oficial Superior Marinha

FINALIDADE

O Curso de Promoção a Oficial Superior (CPOS) contribui para a preparação dos Primeiros-tenentes da Marinha, com vista a conferir-lhes as competências e conhecimentos técnico militares necessários para o desempenho de cargos e exercício de funções como oficiais superiores.

ENQUADRAMENTO LEGAL

Pelo estabelecido no Estatuto dos Militares das Forças Armadas (EMFAR), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 236/99, de 25 de Junho, e republicado e renumerado pelo Decreto-Lei n.º 197-A/2003, de 30 de Agosto, nomeadamente na alínea b), do n.º 1 do artigo 218º e na alínea b), do artigo 233º, o Curso Promoção a Oficial Superior de Marinha (CPOS – M) constitui condição especial de promoção ao posto de capitão-tenente.

Com a publicação do Decreto-Lei n.º 37/2008, de 5 de Março, são adaptados ao ensino superior militar (ESM) os princípios constantes do Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de Março, o qual, juntamente com legislação posterior, vem enformar, no ordenamento jurídico do ensino superior em Portugal, os princípios do Processo de Bolonha e todas as medidas normativas decorrentes que lhe seguiram e que regulam o ensino superior no espaço europeu.

Na sequência da aplicação destes princípios à formação militar desenvolvida no IESM, enquanto estabelecimento de ensino superior público universitário militar (EESPUM), a formação comum, conjunta, específica e complementar proporcionada no CPOS aos Oficiais da Marinha, do Exército, da Força Aérea e da Guarda Nacional Republicana adequa-se às exigências do ensino superior universitário, sem prejuízo da especificidade do ensino militar e da finalidade da sua aplicação ao universo dos oficiais dela destinatários.

ESTRUTURA DO CURSO

O CPOS da Marinha compreende 16 unidades curriculares, em diversas áreas científicas, articuladas em duas componentes formativas – componente formativa específica, apenas frequentada pelos alunos da Marinha, e componente formativa comum e conjunta, lecionada em conjunto a todos os

alunos do CPOS (Marinha, Exército, Força Aérea e Guarda Nacional Republicana).

À frequência do CPOS correspondem 60 unidades de crédito (ECTS), resultantes da soma de créditos obtidos na componente de formação específica da Marinha (32 ECTS) e na componente comum e conjunta (28 ECTS).

FIELD GRADE OFFICERS COURSE NAVY

AIM

The Field Grade Officers Course (CPOS) – Navy supports the training of Navy First lieutenants providing them with the skills and military technical expertise required to perform functions as senior officers.

COURSE STRUCTURE

The Field Grade Officers Course - Navy comprises 17 course units in various scientific areas, organized around two training components: a specific training component attended only by Navy students, and a common and joint training component, taught jointly to all students of the Field Grade Officers Course - CPOS (Navy, Army, Air Force and Guarda Nacional Republicana - National Republican Guard);

The course is organized in accordance with the European Credits Trading System (ECTS). The total number of credits required to complete the course is 60 ECTS (32 ECTS allocated to the specific Navy training component, plus 28 ECTS allocated to the common and joint component).

Apêndice D

Plano de Estudos do Curso de Promoção a Oficial Superior Exército Armas e Serviços

FINALIDADE E OBJETIVOS

O Curso de Promoção a Oficial Superior (CPOS) contribui para a preparação dos Capitães do Exército, com vista a conferir-lhes as competências e conhecimentos técnico militares necessários para o desempenho de cargos e exercício de funções como oficiais superiores.

ENQUADRAMENTO LEGAL

Pelo estabelecido no Estatuto dos Militares das Forças Armadas (EMFAR), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 236/99, de 25 de Junho, e republicado e renumerado pelo Decreto-Lei n.º 197-A/2003, de 30 de Agosto, nomeadamente na alínea a), do n.º 1 do artigo 240º e nas alíneas b) e c), do artigo 245º, o Curso Promoção a Oficial Superior das Armas (CPOS/A), constitui condição especial de promoção ao posto de Major.

Com a publicação do Decreto-Lei n.º 37/2008, de 5 de Março, são adaptados ao ensino superior militar (ESM) os princípios constantes do Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de Março, o qual, juntamente com legislação posterior, vem enformar, no ordenamento jurídico do ensino superior em Portugal, os princípios do Processo de Bolonha e todas as medidas normativas decorrentes que lhe seguiram e que regulam o ensino superior no espaço europeu.

Na sequência da aplicação destes princípios à formação militar desenvolvida no IESM, enquanto estabelecimento de ensino superior público universitário militar (EESPUM), a formação comum, conjunta, específica e complementar proporcionada no CPOS aos Oficiais da Marinha, do Exército, da Força Aérea e da Guarda Nacional Republicana adequa-se às exigências do ensino superior universitário, sem prejuízo da especificidade do ensino militar e da finalidade da sua aplicação ao universo dos oficiais dela destinatários.

ESTRUTURA DO CURSO

O CPOS Exército Armas e Serviços compreende 17 unidades curriculares, em diversas áreas científicas, articuladas em duas componentes formativas – componente formativa específica, apenas frequentada pelos alunos do Exército, e componente formativa comum e conjunta, lecionada em conjunto

a todos os alunos do CPOS (Marinha, Exército, Força Aérea e Guarda Nacional Republicana).

À frequência do CPOS correspondem 60 unidades de crédito (ECTS), resultantes da soma de créditos obtidos na componente de formação específica do Exército (32 ECTS) e na componente comum e conjunta (28 ECTS).

FIELD GRADE OFFICERS COURSE ARMY - Armed services and Services

AIM

The Field Grade Officers Course – Army (CPOS) supports the training of Army Captains providing them with the skills and military technical expertise needed to perform functions as senior officers.

COURSE STRUCTURE

The Field Grade Officers Course - Army comprises 17 curricular units in various scientific areas organized around two training components – a specific training component attended by Army students only, a common and joint training component taught jointly to all students of the Field Grade Officers Course - CPOS (Navy, Army, Air Force and Guarda Nacional Republicana (National Republican Guard)).

The course is organized in accordance with the European Credits Trading System (ECTS). The total number of credits required to complete the course is 60 ECTS (32 ECTS allocated to the specific Army training component and 28 ECTS allocated to the common and joint component).

Apêndice E

Plano de Estudos do Curso de Promoção a Oficial Superior Força Aérea

FINALIDADE

O Curso de Promoção a Oficial Superior (CPOS) contribui para a preparação dos Capitães da Força Aérea, com vista a conferir-lhes as competências e conhecimentos técnico militares necessários para o desempenho de cargos e exercício de funções como oficiais superiores.

ENQUADRAMENTO LEGAL

Pelo estabelecido no Estatuto dos Militares das Forças Armadas (EMFAR), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 236/99, de 25 de Junho, e republicado e renumerado pelo Decreto-Lei n.º 197-A/2003, de 30 de Agosto, nomeadamente na alínea d), do n.º 4 do artigo 253º, alínea b), do n.º 4 do artigo 254º, alínea b), no n.º 4 do artigo 255º e na alínea b), do artigo 259º, o Curso Promoção a Oficial Superior da Força Aérea (CPOS - FA), constitui condição especial de promoção ao posto de Major.

Com a publicação do Decreto-Lei n.º 37/2008, de 5 de Março, são adaptados ao ensino superior militar (ESM) os princípios constantes do Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de Março, o qual, juntamente com legislação posterior, vem enformar, no ordenamento jurídico do ensino superior em Portugal, os princípios do Processo de Bolonha e todas as medidas normativas decorrentes que lhe seguiram e que regulam o ensino superior no espaço europeu.

Na sequência da aplicação destes princípios à formação militar desenvolvida no IESM, enquanto estabelecimento de ensino superior público universitário militar (EESPUM), a formação comum, conjunta, específica e complementar proporcionada no CPOS aos Oficiais da Marinha, do Exército, da Força Aérea e da Guarda Nacional Republicana adequa-se às exigências do ensino superior universitário, sem prejuízo da especificidade do ensino militar e da finalidade da sua aplicação ao universo dos oficiais dela destinatários.

ESTRUTURA DO CURSO

O CPOS da Força Aérea compreende 18 unidades curriculares, em diversas áreas científicas, articuladas em duas componentes formativas – componente formativa específica, apenas frequentada pelos alunos da Força

Aérea, e componente formativa comum e conjunta, lecionada em conjunto a todos os alunos do CPOS (Marinha, Exército, Força Aérea e Guarda Nacional Republicana).

À frequência do CPOS correspondem 60 unidades de crédito (ECTS), resultantes da soma de créditos obtidos na componente de formação específica da Força Aérea (32 ECTS) e na componente comum e conjunta (28 ECTS).

FIELD GRADE OFFICERS COURSE AIR FORCE

AIM

The Field Grade Officers Course – Air Force (CPOS) supports the training of Air Force Captains providing them with the skills and military technical expertise needed to perform duties as senior officers.

COURSE STRUCTURE

The course comprises 18 course units, in various scientific areas, organized in two training components – a specific training component attended by Air Force students only, and a common and joint training component taught jointly to all students of the Field Grade Officers Course - CPOS (Navy, Army, Air Force and National Republican Guard).

The course is organized in accordance with the European Credits Trading System (ECTS). The total number of credits required to complete the course is 60 ECTS (32 ECTS allocated to the specific branch training component and 28 ECTS allocated to the common and joint component).

Apêndice F

Plano de Estudos do Curso de Promoção a Oficial Superior Exército Serviço de Saúde e Serviços Técnicos

FINALIDADE E OBJECTIVOS

O Curso de Promoção a Oficial Superior (CPOS) contribui para a preparação dos Capitães do Exército, com vista a conferir-lhes as competências e conhecimentos técnico militares necessários para o desempenho de cargos e exercício de funções como oficiais superiores.

ENQUADRAMENTO LEGAL

Pelo estabelecido no Estatuto dos Militares das Forças Armadas (EMFAR), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 236/99, de 25 de Junho, e republicado e renumerado pelo Decreto-Lei n.º 197-A/2003, de 30 de Agosto, nomeadamente na alínea a), do n.º 1 do artigo 240º e nas alíneas b) e c), do artigo 245º, o Curso Promoção a Oficial Superior das Armas (CPOS/A), constitui condição especial de promoção ao posto de Major.

Com a publicação do Decreto-Lei n.º 37/2008, de 5 de Março, são adaptados ao ensino superior militar (ESM) os princípios constantes do Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de Março, o qual, juntamente com legislação posterior, vem enformar, no ordenamento jurídico do ensino superior em Portugal, os princípios do Processo de Bolonha e todas as medidas normativas decorrentes que lhe seguiram e que regulam o ensino superior no espaço europeu.

Na sequência da aplicação destes princípios à formação militar desenvolvida no IESM, enquanto estabelecimento de ensino superior público universitário militar (EESPUM), a formação comum, conjunta, específica e complementar proporcionada no CPOS aos Oficiais da Marinha, do Exército, da Força Aérea e da Guarda Nacional Republicana adequa-se às exigências do ensino superior universitário, sem prejuízo da especificidade do ensino militar e da finalidade da sua aplicação ao universo dos oficiais dela destinatários.

ESTRUTURA DO CURSO

O CPOS Exército Serviço de Saúde e Serviços Técnicos compreende 14 unidades curriculares, em diversas áreas científicas, articuladas em duas componentes formativas – componente formativa específica, apenas frequentada pelos alunos do Exército, e componente formativa comum e conjunta,

leccionada em conjunto a todos os alunos do CPOS (Marinha, Exército, Força Aérea e Guarda Nacional Republicana).

À frequência do CPOS correspondem 48 unidades de crédito (ECTS), resultantes da soma de créditos obtidos na componente de formação específica do Exército (20 ECTS) e na componente formativa comum e conjunta (28 ECTS).

FIELD GRADE OFFICERS COURSE

ARMY

Army Health and Technical Services

AIM

The Health and Technical Services Field Grade Officers Course – Army (CPOS) supports the training of Army Captains providing them the skills and military technical expertise needed to perform functions as senior officers.

COURSE STRUCTURE

The Field Grade Officers Course (CPOS) - Army Health and Technical Services comprises 14 course units in various scientific areas, organized around two training components – a specific training component attended by students of the Army Health and Technical Services Officers only, and a common and joint training component taught jointly to all students of the CPOS (Navy, Army, Air Force and National Guard).

The course is organized in accordance with the European Credits Trading System (ECTS). The total number of credits required to complete the course is 48 ECTS (20 ECTS allocated to the specific Army training component and 28 ECTS allocated to the common and joint component).

Apêndice G

Plano de Estudos do Curso de Promoção a Oficial Superior Guarda Nacional Republicana (GNR)

FINALIDADE

O Curso de Promoção a Oficial Superior contribui para a preparação dos capitães da Guarda Nacional Republicana, com vista a conferir-lhes as competências e conhecimentos técnico militares necessários para o desempenho de cargos e exercício de funções como oficiais superiores.

ENQUADRAMENTO LEGAL

Nos termos da conjugação do n.º 2 do Artigo 145.º com a alínea b), do n.º 2, do Artigo 146.º, e a alínea a), do Artigo 208.º, do Estatuto dos Militares da Guarda Nacional Republicana (EMGNR), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 297/2009, de 14 de Outubro, o Curso de Promoção a Oficial Superior da Guarda Nacional Republicana (CPOS - GNR) constitui condição especial de promoção ao posto de Major.

Com a publicação do Decreto-Lei n.º 37/2008, de 5 de Março, são adaptados ao ensino superior militar (ESM) os princípios constantes do Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de Março, o qual, juntamente com legislação posterior, vem enformar, no ordenamento jurídico do ensino superior em Portugal, os princípios do Processo de Bolonha e todas as medidas normativas decorrentes que lhe seguiram e que regulam o ensino superior no espaço europeu.

Na sequência da aplicação destes princípios à formação militar desenvolvida no IESM, enquanto estabelecimento de ensino superior público universitário militar (EESPUM), a formação comum, conjunta, específica e complementar proporcionada no CPOS da Guarda Nacional Republicana adequa-se às exigências do ensino superior universitário, sem prejuízo da especificidade do ensino militar e da finalidade da sua aplicação ao universo dos oficiais dela destinatários.

ESTRUTURA DO CURSO

O CPOS GNR Administração Militar compreendem 20 unidades curriculares, em diversas áreas científicas, articuladas em duas componentes formativas – componente formativa específica, apenas frequentada pelos alunos da GNR, e componente formativa comum e conjunta, lecionada em conjunto

a todos os alunos do CPOS (Marinha, Exército, Força Aérea e Guarda Nacional Republicana).

À frequência do CPOS correspondem 60 unidades de crédito (ECTS), resultantes da soma de créditos obtidos na componente de formação específica da Guarda Nacional Republicana (32 ECTS) e na componente comum e conjunta (28 ECTS).

FIELD GRADE OFFICERS COURSE NATIONAL REPUBLICAN GUARD

AIM

The Field Grade Officers Course (CPOS) – National Republican Guard (GNR - Guarda Nacional Republicana) supports the training of GNR Captains providing them the skills and military technical expertise needed to perform duties as senior officers.

COURSE STRUCTURE

The Field Grade Officers Course (CPOS) – GNR comprises 21 course units in various scientific areas, organized around two training components – a specific training component attended only by GNR students, and a common and joint training component taught jointly to all students of the CPOS (Navy, Army, Air Force and GNR). The course is organized in accordance with the European Credits Trading System (ECTS). The total number of credits required to complete the course is 60 ECTS (32 ECTS credits allocated to the specific GNR training component and 28 ECTS credits allocated to the common and joint component).

The course is organized in accordance with the European Credits Trading System (ECTS). The total number of credits required to complete the course is 60 ECTS (32 ECTS credits allocated to the specific GNR training component and 28 ECTS credits allocated to the common and joint component).

Apêndice H

Questionário

English for Specific Purposes no IUM

No âmbito do Curso de Promoção a Oficial Superior 2015-2016, que decorre no Instituto Universitário Militar (IUM), está a ser realizado um Trabalho de Investigação subordinado ao tema “*English for Specific Purposes* no Instituto Universitário Militar”.

Solicita-se a sua preciosa colaboração no preenchimento do presente inquérito por questionário, NLT 28 de março de 2016. Este inquérito por questionário é um instrumento central da recolha de dados para a realização do meu trabalho.

As suas respostas são muito importantes!

Por favor responda a todas as questões, com rigor e sinceridade.

De realçar que:

- O inquérito por questionário tem fins exclusivamente académicos e é garantido o anonimato e a confidencialidade das respostas sendo os resultados do inquérito tratados de forma agregada, não sendo permitida qualquer identificação pessoal.
- Os dados sociográficos requeridos servem única e exclusivamente para a caracterização da amostra.
- Se não forem dadas outras instruções, deverá assinalar a resposta que melhor corresponda à sua posição face à questão que lhe é colocada.
- Deverá demorar cerca de 15' a responder a todas as perguntas.
- Depois de responder a todas as perguntas clique "submeter" para enviar o inquérito.

Permita-me que enfatize que a sua participação é de extrema importância para que se conheçam as necessidades linguísticas que deverão ser consideradas ao desenvolver módulos de formação de *English for Specific Purposes* no IUM.

Ciente de que posso contar com a sua preciosa colaboração, apresento-lhe os meus sinceros agradecimentos e coloco-me à sua disposição para o esclarecimento adicional de qualquer dúvida que possa surgir, através dos seguintes contactos:

- E-mail: estela.magalhaes.parreira@gmail.com ; parreira.ecfm@iesm.pt

- Tlm: 918 820 591

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!

Estela Magalhães Parreira

CTEN ST ELING

CPOS M 2015/2016

- A. Indique o Ramo das Forças Armadas ou Força de Segurança a que pertence
- B. Indique o Curso que frequenta atualmente no Instituto Universitário Militar

PONTO PRÉVIO

English for Specific Purposes é um conceito definido sucintamente por ensino da Língua Inglesa através de módulos de formação de curta duração, sendo o seu “objetivo preparar os alunos para desempenharem adequadamente as suas tarefas numa determinada situação alvo, isto é, na situação em que os alunos irão efetivamente usar a língua estrangeira que estão a aprender.” (Silva Joyce, et al., 2015, in *Language in Uniform*).

INSTRUÇÕES

Tendo em consideração que futuramente poderá desempenhar funções em cenários ou ambientes combinados, ou em organizações ou instituições internacionais ou multinacionais, onde a língua oficial é o Inglês, indique o GRAU DE DIFICULDADE que para si teria levar a cabo as tarefas descritas desempenhando-as em LÍNGUA INGLESA.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 1: Realizar em inglês (verbalmente) briefings ou apresentações detalhadas sobre tópicos profissionais (militares) tais como atualizações, mudança de política, novas diretivas ou estratégias, propostas de alteração de linhas de ação.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 2: Realizar em inglês (verbalmente) briefings ou apresentações detalhadas sobre tópicos profissionais (militares) usando briefings padrão da NATO.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 3: Realizar verbalmente em inglês, inopinadamente, um *debriefing* sobre uma missão, operação, incidente ou ponto de situação.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 4: Fazer oralmente (inglês) a sua apresentação pessoal ou apresentação de outras pessoas, indicando o percurso profissional, experiência, etc..

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 5: Dar ordens e informações relacionadas com a área militar oralmente em inglês.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 6: Participar ativamente, em língua inglesa, numa reunião ou discussão com nativos da língua inglesa, sobre assuntos especificamente militares tais como funções estratégicas, planeamento operacional, política de pessoal, equipamento militar, etc..

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 7: Intervir, em língua inglesa, em reuniões ou briefings desenvolvendo argumentos de apoio ou defesa de ou em favor de decisões ou pontos de vista de cariz geral ou de cariz especificamente militar.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 8: Intervir, em língua inglesa, em reuniões ou briefings desenvolvendo argumentos contra ou em objeção a decisões ou pontos de vista de cariz geral ou de cariz especificamente militar.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 9: Clarificar ou esclarecer, em língua inglesa, os seus pontos de vista, responder a objeções ao seu ponto de vista, defender o seu ponto de vista ou decisão verbalmente.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 10: Conduzir reuniões, seminários ou sessões de treino de âmbito militar, em língua inglesa.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 11: Discutir, em inglês, assuntos profissionais e tópicos abstratos tais como política, economia, questões ambientais, etc., com representantes de organizações internacionais militares e não-militares.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 12: Participar, em língua inglesa, em conversas informais durante eventos oficiais como recepções, visitas protocolares ou jantares oficiais sobre temas sociais e temas relacionados com a sua área.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 13: Acompanhar e compreender briefings ou apresentações detalhadas sobre tópicos profissionais (militares) tais como atualizações, mudança de política, novas diretivas ou estratégias, propostas de alteração de linhas de ação, realizados em inglês.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 14: Acompanhar e compreender briefings ou apresentações detalhadas sobre tópicos profissionais (militares) realizados em inglês e usando briefings padrão da NATO.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 15: Acompanhar e compreender, quando participar numa reunião ou discussão com nativos da língua inglesa, o que é dito (em inglês) sobre assuntos especificamente militares tais como funções estratégicas, planeamento operacional, política de pessoal, equipamento militar, etc..

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 16: Acompanhar e compreender, quando participar em reuniões ou briefings, os argumentos de apoio a, defesa de, ou em favor de decisões ou pontos de vista de cariz geral ou de cariz especificamente militar que são desenvolvidos em inglês pelos outros participantes.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 17: Acompanhar e compreender, quando participar em reuniões ou briefings, os argumentos contra ou em objeção a decisões ou pontos de vista de cariz geral ou de cariz especificamente militar que são desenvolvidos em inglês pelos outros participantes.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 18: Compreender a clarificação ou esclarecimento de pontos de vista, resposta a objeções ao ponto de vista, defesa de um ponto de vista ou decisão, quando feito em inglês.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 19: Compreender ordens e informações relacionadas com a área militar, dadas oralmente em inglês.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 20: Compreender as notícias sobre política e de cariz militar emitidas em inglês por um canal (rádio ou TV) de um país cuja língua oficial é o inglês.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 21: Compreender as conversas informais tidas em língua inglesa em eventos oficiais como receções, visitas protocolares ou jantares oficiais sobre temas sociais e temas relacionados com a sua área.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 22: Ler e compreender manuais e outra literatura técnica militar em inglês.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 23: Ler e compreender artigos de análise política e económica escritos em inglês.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 24: Ler e compreender documentos em inglês sobre temas como ética militar, política militar e de recursos humanos, etc..

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 25: Ler e compreender documentos (escritos em inglês) sobre assuntos profissionais de rotina como regulamentos, diretivas, procedimentos, instruções ou ordens.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 26: Ler e compreender tratados e acordos de defesa escritos em inglês.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 27: Ler e compreender relatórios (em inglês) sobre “Lições Aprendidas” ou documentos apresentando resultados de projetos de investigação.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 28: Ler e compreender artigos de revistas ou publicações militares (em língua inglesa) para se manter a par dos desenvolvimentos nesta área.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 29: Ler e compreender publicações militares oficiais como STANAG's, declarações escritas dos *Summit* ou relatórios/atas de reuniões oficiais.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 30: Desenvolver em inglês (por escrito) briefings ou apresentações detalhadas sobre tópicos profissionais (militares) tais como atualizações, mudança de política, novas diretivas ou estratégias, propostas de alteração de linhas de ação.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 31: Desenvolver em inglês (por escrito) briefings ou apresentações detalhadas sobre tópicos profissionais (militares) usando briefings padrão da NATO.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 32: Escrever o seu curriculum ou notas biográficas em inglês.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 33: Produzir (por escrito, em inglês) ordens e informações detalhadas relacionadas com a área militar e procedimentos.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 34: Clarificar ou esclarecer, por escrito em língua inglesa, os seus pontos de vista, responder a objeções ao seu ponto de vista, defender o seu ponto de vista ou decisão.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 35: Produzir por escrito em inglês documentos de análise de pontos de vista e planos de implementação de novas ordens ou procedimentos.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 36: Preparar, em inglês, *drafts* de documentos sobre política militar.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 37: Escrever, em inglês, relatórios sobre acidentes, incidentes, quebras de segurança, ferimentos de militares.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 38: Escrever, em inglês, relatórios de missão, de performance ou de viagens e eventos oficiais militares e pontos de situação de projetos em implementação.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 39: Escrever em inglês artigos sobre conceitos estratégicos militares, política militar no seu país ou análise de iniciativas estratégicas.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 40: Trocar *e-mails* (em inglês) sobre assuntos de rotina profissional, fazendo alusão a situações que ocorreram no passado e planejando eventos futuros.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 41: Preparar agendas, planos e programas, em inglês, para reuniões ou outros eventos oficiais.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 42: Fazer resumos por escrito, em inglês, de documentos como relatórios.

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Questão 43: Tendo em consideração que futuramente poderá desempenhar funções em cenários ou ambientes combinados, internacionais ou multinacionais, onde a língua oficial é o Inglês, e que os módulos de *English for Specific Purposes* são desenvolvidos tendo por base as necessidades linguísticas e de comunicação em língua inglesa que decorrem das funções que um oficial desempenha em ambiente combinado e prepara os alunos para atuar comunicando com eficiência e eficácia nas suas áreas de interesse

usando o inglês como instrumento para a realização de tarefas específicas que lhe são necessárias, indique se consideraria importante o IUM ministrar este tipo de formação.

Considere: **Dispensável; Pouco Importante; Importante; Muito Importante; Indispensável**

Questão 44: Indique 3 vantagens em haver este tipo de formação no IUM.

English for Specific Purposes Questionnaire

C. Select the service you belong to

D. Select the Course you are attending at the Institute of Higher Military Studies

Please consider the following: *according to several language experts, the purpose of an English for Specific Purposes (ESP) course is to enable learners to function adequately in a target situation, that is, the situation in which the learners will use the language they are learning (Silva Joyce, et al., 2015).*

INSTRUCTIONS

Bearing in mind that, in the future, you may have to perform your duties and tasks in combined environments, international or multinational organizations or institutions where English is the official language, select the DEGREE OF DIFFICULTY you think you would experience when performing the tasks in ENGLISH.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 1: Give detailed and comprehensive presentations on specific professional topics (military), such as updates/changes in policies, directives, strategies, proposals for transformative action etc.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 2: Give detailed and comprehensive presentations on specific professional topics (military) using NATO standard briefings.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 3: Give impromptu information and/or mission, operation, incident or status report debriefings and presentations

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 4: Introduce yourself or others stating professional background and experience, etc..

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 5: Give straightforward and detailed instructions and orders related to the military field.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 6: Participate in discussions with native speakers on specialized military matters, such as strategic roles, operational planning, personnel policies, military equipment deployment requirements etc.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 7: Develop arguments in support/defence of decisions made, or points of view of general or military nature during interactive meetings/briefings

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 8: Develop arguments against/to object to decisions made, or points of view of general or military nature during interactive meetings/briefings

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 9: Clarify points, answer objections, defend own points of view or decisions verbally.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 10: Conduct meetings, seminars or training sessions, military related, in English.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 11: Discuss, in English, professional and abstract topics (politics, economics, environmental issues etc.) with representatives of external organizations.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 12: Participate in conversations on various social and work-related topics during official events, such as receptions, protocol visits, official dinners etc.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 13: Follow detailed and comprehensive presentations on specific professional topics (military), such as updates/changes in policies, directives, strategies, proposals for transformative action etc.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 14: Follow detailed and comprehensive presentations on specific professional topics (military) where NATO standard briefings are used.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 15: Follow and understand when participating in discussions with native speakers on specialized military matters, such as strategic roles, operational planning, personnel policies, military equipment deployment requirements etc..

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 16: Follow and understand arguments in support/defence of decisions made, or points of view of general or military nature, developed by other participants, during interactive meetings/briefings.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 17: Follow and understand arguments against/to object to decisions made, or points of view of general or military nature, developed by other participants during interactive meetings/briefings

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 18: Understand the clarification of points, answers to objections, points of view or decisions, developed by other participants during interactive meetings/briefings

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 19: Understand straightforward and detailed instructions or orders related to the military Field.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 20: Understand daily news for political/military information, broadcasted by a (English native) radio station or television channel in English.

Consider: 1- **Very Easy**; 2 - **Easy**; 3 - **Difficult**; 4 – **Very Difficult**

Question 21: Understand conversations on various social and work-related topics during official events, such as receptions, protocol visits, official dinners etc.

Consider: 1- **Very Easy**; 2 - **Easy**; 3 - **Difficult**; 4 – **Very Difficult**

Question 22: Read and understand training books and other technical military literature in English.

Consider: 1- **Very Easy**; 2 - **Easy**; 3 - **Difficult**; 4 – **Very Difficult**

Question 23: Read and understand literature (written in English) about political and economic analysis.

Consider: 1- **Very Easy**; 2 - **Easy**; 3 - **Difficult**; 4 – **Very Difficult**

Question 24: Read and understand documents (written in English) on abstract topics, such as doctrines, military ethics, policies, political warfare, human resources, etc.

Consider: 1- **Very Easy**; 2 - **Easy**; 3 - **Difficult**; 4 – **Very Difficult**

Question 25: Read and understand documents on routine job matters, such as regulations, directives, procedures, instructions or orders

Consider: 1- **Very Easy**; 2 - **Easy**; 3 - **Difficult**; 4 – **Very Difficult**

Question 26: Read and understand defense agreements and treaties, written in English.

Consider: 1- **Very Easy**; 2 - **Easy**; 3 - **Difficult**; 4 – **Very Difficult**

Question 27: Read and understand reports on Lessons Learned or documents presenting results of various research projects (in English).

Consider: 1- **Very Easy**; 2 - **Easy**; 3 - **Difficult**; 4 – **Very Difficult**

Question 28: Read and understand military journals to stay abreast with developments.

Consider: 1- **Very Easy**; 2 - **Easy**; 3 - **Difficult**; 4 – **Very Difficult**

Question 29: Read and understand official military releases (in English) such as STANAG's, written *Summit* Declarations or official meetings reports/minutes.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 30: Produce, in written, in English, detailed and comprehensive presentations on specific professional topics (military), such as updates/changes in policies, directives, strategies, proposals for transformative action etc.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 31: Produce, in English, written detailed and comprehensive presentations on specific professional topics (military) using NATO standard briefings.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 32: Write your curriculum or biographic notes in English.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 33: Produce, in English, written straightforward and detailed instructions or orders related to the military Field.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 34: Prepare, in English, written clarification of points, answers to objections, defend own points of view or decisions.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 35: Produce position-point papers analyses/implementation plans in writing, in English.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 36: Prepare policy paper drafts in English.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 37: Produce written reports on incidents, accidents, injury, security breaches etc.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 38: Produce, in English, written mission reports, official travels, official military venues, and reports on the status of projects or performance reports.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 39: Produce articles, papers on themes, such as strategic concepts/initiatives and policy.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 40: Exchange routine email correspondence on work related matters, such as narrative of past activities, planning of future activities etc.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 41: Prepare agendas of, schedules and programs for various events, meetings and functions.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 42: Prepare written summaries of various reports, in English.

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Question 43: Considering that, in the near future, you may be assigned to a post where you will have to perform your duties in combined, international or multinational scenarios or environment, where English language is the official language; and that the design of the English for Specific Purposes (ESP) courses is based on the specific language and communication skills that result from the functions an officer is expected to perform in a combined environment; and that ESP prepares the students to perform, communicating efficiently and effectively in the target language (English) in their fields of expertise, state, state to what extent you think it is important to have this type of training (ESP) at the IHMS.

Consider: **Unnecessary; Not important; Important; Very important; Indispensable**

Question 44: Enumerate 3 advantages of having ESP courses at the IHMS.

Apêndice IResultados – Importância de *ESP* no IUM

Results – Importance of ESP at the IHMS

DADOS ORIGINAIS DO QUESTIONÁRIO

ORIGINAL DATA FROM THE QUESTIONNAIRE

“Questão 43:

Tendo em consideração que futuramente poderá desempenhar funções em cenários ou ambientes combinados, internacionais ou multinacionais, onde a língua oficial é o Inglês, e que os módulos de *English for Specific Purposes* são desenvolvidos tendo por base as necessidades linguísticas e de comunicação em língua inglesa que decorrem das funções que um oficial desempenha em ambiente combinado e prepara os alunos para atuar comunicando com eficiência e eficácia nas suas áreas de interesse usando o inglês como instrumento para a realização de tarefas específicas que lhe são necessárias, indique se consideraria importante o IUM ministrar este tipo de formação”

“Question 43:

Considering that, in the near future, you may be assigned to a post where you will have to perform your duties in combined, international or multinational scenarios or environment, where English language is the official language; and that the design of the English for Specific Purposes (ESP) courses is based on the specific language and communication skills that result from the functions an officer is expected to perform in a combined environment; and that ESP prepares the students to perform, communicating efficiently and effectively in the target language (English) in their fields of expertise, state to what extent you think it is important to have this type of training (ESP) at the IHMS.”

Selecione de entre / Select from:

Dispensável / Unnecessary

Pouco Importante/ Not Important

Importante / Important

Muito Importante / Very Important

Indispensável / Indispensable

Curso de Promoção a Oficial General / Flag Officers Course

ESP NO IUM - NECESSIDADE	
Q43	
Indispensável	3
Muito Importante	2
Importante	1
Pouco Importante	1
Dispensável	2

Curso de Estado-Maior Conjunto / Joint Staff Course

ESP NO IUM - NECESSIDADE	
Q43	
Indispensável	3
Muito Importante	4
Importante	2
Pouco Importante	1
Dispensável	0

Curso de Promoção a Oficial Superior / Field Grade Officers Course

ESP NO IUM - NECESSIDADE	
Q43	
Indispensável	47
Muito Importante	61
Importante	35
Pouco Importante	8
Dispensável	0

Apêndice J

Vantagens de haver ESP no IUM

- Aperfeiçoar, relembrar língua inglesa.
- Uniformização.
- Uniformização de formação entre ramos, qualidade da formação e atualidade da formação.
- Ganhar proficiência na língua inglesa.
- Treino, normalização e enquadramento.
- Bibliografia NATO utilizada no IUM, possibilidade de Oficial Superior coordenar reuniões ou eventos com forças estrangeiras, missões no estrangeiro.
- Preparação em adequação com futuras funções de cariz internacional.
- Qualquer oportunidade de poder melhorar é uma boa oportunidade, seja no IUM ou não.
- Melhor preparação dos militares.
- Adaptação ao inglês NATO; aumento da proficiência treinando o inglês ao nível NATO; uniformização linguística ao nível NATO.
- Melhorar técnicas verbais e escritas.
- Melhorar técnicas verbais ganhando maior confiança.
- Melhorar técnicas verbais ganhando maior confiança; técnicas escritas; vocabulário específico.
- Preparação para missões NATO.
- Refrescamento da língua inglesa; possibilidade de preparação específica em função da missão, melhoria do nível de inglês.
- Atualização conhecimentos; aumento competências como oficial representante minha área ou país com outros oficiais língua portuguesa; melhorar imagem oficiais marinha portuguesa.
- Melhor perceção dos manuais NATO; prática da língua.
- Aumento conhecimento; economia de escala; atualização individual.
- Introdução de técnicas de discussão de temas em inglês.
- Formação especializada, em cursos específicos aproveitando o facto de os oficiais já se encontrarem no IUM
- A melhor adaptação ao inglês técnico.
- Como vantagens aponto o facto de preparar os oficiais em termos de capacidade linguística para possíveis funções futuras, no entanto penso que ter formação nesta área em turmas muito grandes iria

fazer com que a inibição de ter de se falar em inglês pudesse influenciar o aproveitamento desta formação.

- A melhor adaptação ao inglês técnico.
- Deveria de haver sem cariz de avaliação mas na base de conhecimento mais formações em inglês e se possível no estrangeiro.
- Interoperabilidade no âmbito das alianças; uniformização de procedimentos entre ramos e reconhecimento internacional.
- Melhorar o inglês técnico.
- Nenhuma. É formação que deve ser da competência do Ramo.
- Enriquecimento do currículo dos militares; atender às necessidades específicas dos alunos; importante para preparação dos militares quando em funções em contextos específicos.
- Competência e aptidão para as funções a desempenhar; complemento a formação doutrina NATO (manuais e documentos em inglês).
- Os militares têm que saber inglês; existem áreas de treino e formação na FAP; a aprendizagem faz-se fazendo, combinando o saber. A formação que a FAP pode dar. Portanto o IUM não se tem que sobrepor a outros órgãos da FAP (CFTMFA).
- Preparação de militares na língua inglesa; nivelar conhecimentos; aumentar o reportório individual na língua inglesa.
- Aumenta o conhecimento.
- Aumenta o conhecimento. Prepara os discentes.
- Melhoria dos conhecimentos no inglês; aproveitar para atualizar e aprofundar conhecimentos; aprofundar termos técnicos e específicos da área militar.
- Inglês é uma língua universal e a nível militar ainda é mais evidente; relevância e melhoria na parte escrita e oral em inglês; melhor preparação fundamental para muitos cargos de marinha.
- Aproveitar uma fase da carreira dedicada à formação e preparação para futuras funções.
- Preparar os oficiais para a especificidade das funções a exercer; elevar o nível de qualidade na proficiência do inglês (NATO); preencher uma lacuna das nossas FFAA.
- Melhoria da capacidade oral e escrita.
- Melhorar a interoperabilidade com parceiros em forças multinacionais; aumentar a confiança dos militares e consequentemente a imagem externa do país; melhorar a proficiência na defesa do interesse nacional nas reuniões de representação externa.
- Centralização da formação.

- Inglês é a língua-mãe nos fora internacionais; fora de Portugal é a língua que facilita a comunicação; cultura geral.
- Enriquecimento da oferta formativa; oportunidade de diversificar o corpo docente.
- Sensibilização para a língua inglesa.
- Nivelamento de proficiência linguística; familiarização com termos militares; familiarização com terminologia NATO em inglês.
- Colmatar incapacidade de outros órgãos/serviços ministrarem estes cursos ou que os militares tenham que recorrer a entidades externas; colmatar limitações no uso da língua inglesa por alguns militares; programação da formação de acordo com a função do militar.
- Oportunidade de praticar.
- Enriquecimento curricular.
- Permite capacitar Oficiais que estejam menos rotinados; define cenários e cria rotinas; pode identificar, se avaliado, mais um fator distintivo, processos de seleção.
- Melhorar a comunicação.
- Aumento do conhecimento.
- Colmatar limitações das Escolas Militares; atualização de conhecimentos e especialização em jargão militar.
- Desenvolvimento da língua.
- Poupar recursos.
- Dar mais bagagem de inglês técnico militar.
- Esta formação deve ser dada a militares já nomeados para essas funções, ou com grande probabilidade de tal acontecer.
- Melhor compreensão, elaboração e rigor ao lidar com o inglês técnico.
- Concentração de meios.
- Melhorar competências orais e escritas.
- *Update* ao inglês.
- Penso que a capacidade linguística deve ser aperfeiçoada antes de ser necessária, não em resposta a uma necessidade. Uma formação disponível ao longo da carreira disponibilizada pelos ramos ou EMGFA para vários militares como formação contínua no posto de trabalho seria mais eficiente que módulos para uma pessoa para determinada missão.
- Formação dirigida; acesso a material doutrinário em Inglês, diferentes pontos de vista no que concerne à utilização de termos iguais mas em ambientes conjuntos e combinados.
- Admito que a aprendizagem do inglês profissional deva ser facilitada a todos os níveis e adequada ao nível que cada militar já possui.

- Formação comum a todos os ramos.
- Domínio dos temas em inglês; facilidade de interpretação dos comunicados; facilidade em transmitir informação.
- Uniformização.
- Desenvolver tecnicamente o conhecimento da língua inglesa; adotar terminologia comum.
- Uniformização; centralização; redução de custos.
- Aproveitar os cursos de longa duração para introduzir uma unidade curricular de Inglês permitindo o desenvolvimento de conhecimentos dos formandos nesta área.
- Consolidar conhecimentos.
- Validação internacional.
- Uniformização; melhor compreensão de algumas temáticas apresentadas; melhor compreensão de siglas, facilitar a pesquisa bibliográfica; diminuição de stress.
- Estar familiarizado com os termos técnicos militares; criação de rotinas que normalmente só se adquirem em ambiente combinado; maior domínio em áreas diversas.
- Indispensável.
- Doutrina NATO em Inglês.
- Relembrar o inglês que só é utilizado nestas ocasiões.
- Este tipo de formação tem de existir. Se é no IUM ou noutro lado só depende da hipótese de haver sinergias das quais se possa aproveitar. No caso dos oficiais poderia o IUM resolver, mas também há necessidade de formar sargentos e praças, nomeadamente da área das operações, também passíveis de resolver no IUM desde que na sua unidade politécnica, ou ainda nas escolas dos ramos. O facto de ser no IUM traz ainda a vantagem de se juntarem diversas culturas institucionais antes do desempenho de funções, potencialmente, em conjunto, para além da centralização de recursos e de conhecimento talvez mais profundo nesta área.
- Aumentar nível inglês do militar.
- Proximidade com a área do ensino militar conjunto.
- A língua inglesa é importante na relação com outras forças armadas.
- Nivelamento do inglês entre os Oficiais.
- Portugal é membro OTAN; a língua falada, escrita e "universal" OTAN é o Inglês; o IUM enquanto Instituto Universitário Militar de uso comum pelos 3 Ramos das FFAA e GNR, será o lugar mais lógico e estratégico a considerar.

- Melhor preparação para a execução de briefings em inglês; melhor preparação na expressão escrita relativa a tópicos político/estratégicos.
- A maior vantagem seria dar essa preparação que mais tarde ou mais cedo será necessária para as funções de Oficial Superior.
- Facilitaria a consulta dos manuais de referência e a sua compreensão; fornecer ferramentas de trabalho (apresentações em inglês); dar a conhecer a linguagem técnica que não se pode aprender fora do meio militar.
- Garantir um nível mínimo de inglês a todos os Oficiais.
- Melhoria das capacidades linguísticas dos militares.
- Melhoria das capacidades linguísticas dos militares; transmissão de uma melhor imagem das nossas FFAA; melhoria da área de conforto dos militares na componente da língua.
- Qualificar os alunos, conhecer em pormenor o inglês técnico, útil para qualquer oficial.
- Dar ferramentas linguísticas aos militares, atualização das necessidades em missões e cargos internacionais e melhorar o ensino no IUM.
- Maioria dos documentos base são em inglês; interoperabilidade implica utilização de uma língua comum (inglês); aumentar a capacidade de comunicação e projeção das forças portuguesas fora do país (meio de afirmação social/profissional).
- Aperfeiçoar a capacidade escrita; aprender e melhorar vocabulário técnico; melhorar e aperfeiçoar a expressão verbal.
- Coerência linguagem técnica inter-ramos; preparação linguagem técnica para futuras funções; auxílio na interpretação da doutrina base do CPOS.
- Melhor compreensão da doutrina.
- Interoperabilidade linguística.
- Nivelamento com os nossos parceiros; cultura geral militar; atualização.
- Atualização.
- Aprofundar conhecimentos; desenvolver capacidade; credibilidade da formação.
- Padronização de informações a disponibilizar; aprofundamento de vocabulário próprio para os efeitos, normalização.
- Simples; objetivo; cómodo.
- Espaço que permite interação conjunta.
- Prática de oralidade em inglês.

- Valências/"à vontade" para intervenções futuras.
- Melhor compreensão dos manuais técnicos.
- Uniformização, abrangência e eficácia dada a tipologia de alunos do instituto.
- Qualidade; contextualização; uniformização.
- Melhorar os conhecimentos; desenvolver competências.
- Melhorar preparação; novos termos militares; exercícios práticos.
- Melhor a proficiência na língua inglesa;
- Aumentar a proficiência.
- Estimular o uso da língua inglesa.
- Compreensão da matéria dada em algumas disciplinas; refrescamento da língua inglesa; preparação para eventuais cargos internacionais.
- Capacidade; comunicação; eficiência.
- Tratar documentos NATO.
- Permite que os oficiais integrem grupos de trabalho internacional; contribui para que percebamos que pertencemos a um organismo multinacional; retirar o elemento de embaraço quando um oficial se precisa de dirigir a oficiais de outros países.
- Centralização de recursos; centralização de docentes; centralização de conhecimento.
- Melhorar no nível de inglês;
- Uniformização do ensino entre os diversos ramos; rentabilização dos docentes.
- Nivelamento dos conhecimentos; prática da língua; exposição a novos vocabulários próprios de cada ramo.
- Aperfeiçoamento da língua; preparação para trabalhar de forma combinada; preparação para funções futuras.
- Atualização de vocabulário.
- Melhor compreensão.
- Melhora a qualidade dos novos Majores; dá-nos ferramentas para o futuro desempenho de cargos no estrangeiro; permite aumentar a "interoperabilidade" linguística entre os oficiais de outras forças multinacionais.
- Desenvolver o inglês escrito e verbal; preparar para futuro cargos ou missões.
- Aprendizagem de inglês técnico na área militar; aprendizagem conceitos; agilizar a escrita em inglês.
- Melhor entendimento das matérias.

- Ler manuais; investigar em *sítes* de língua inglesa.
- Treino e melhoria na comunicação verbal e escrita em Inglês.
- Necessidade; uniformização; rentabilização do tempo disponível.
- Mundo global; língua universal; língua NATO.
- Para melhor preparação da nossa atividade em missões no estrangeiro.
- Apoio importante; excluir alguns elementos dessas funções.
- Domínio língua da aliança; facilidade oralidade em contexto internacional.
- Melhor preparação para desempenhar funções em cenários combinados.
- Preparação adequada para desempenhar funções em cenários combinados.
- Melhoramento dos conhecimentos da língua inglesa.
- Melhor para o desempenho neste tipo de ambientes.
- Missões em ambiente multinacional; cargos em ambiente multinacional; indispensável.
- Ferramenta indispensável ao contexto global em que se desenvolvem atualmente as ações das FA.
- Conhecimento.
- Ambiente internacional.
- Melhor preparação dos militares para funções específicas; complementar a formação em inglês de cariz generalista ministrada nas academias; adaptação a formatos específicos de documentos e briefings NATO.
- Atualidade; treino; aperfeiçoamento.
- Capacidade para consulta da bibliografia em língua inglesa; participar em reuniões internacionais; desempenhar cargos em organizações internacionais.
- Treino e atualização de saberes.
- Preparação dos oficiais; nivelamento NATO; imagem de Portugal.
- A participação em missões internacionais exige que o Oficial de EM domine a língua.
- Aumento das qualificações em Inglês.
- Dar as bases a quem não as possui.
- Ao nível IUM, a formação deste tipo não tem relevância, uma vez que a utiliza-se do inglês de forma adequada e correta não é em 6 meses que se aprende. Poderá ter algumas noções sobre alguns assuntos em concreto, de forma a saber do que se está a falar ou escrever.
- Nenhuma. É formação que deve ser da competência do Ramo.

ADVANTAGES OF HAVING ESP TRAINING AT THE IHMS

- Improve and recall English language.
- Standardization.
- Standardization among the Services; quality of the training; up-to-dateness of the training.
- Increase in English language proficiency.
- Training; standardization; context.
- NATO bibliography used at the IHMS; possibility of an Officer at this level be called to coordinate meetings or other events with foreing military; missions abroad.
- Training adjusted to future international tasks and functions.
- Any opportunity to improve is a good opportunity regardless of being given at the IHMS or not.
- Better preparation of the military.
- Adaptation to NATO English; increase in proficiency by practising NATO English; NATO language atandardization.
- Better speaking and writing techniques.
- Better speaking techniques thus increasing confidence.
- Melhorar técnicas verbais ganhando maior confiança; técnicas escritas; vocabulário específico.
- Improve speaking thus increasing confidence; writing techniques; specific vocabulary.
- Preparation for NATO missions.
- Refresh English language knowledge; possibility of specific, mission oriented preparation; increase in the level of English.
- Update of knowledge; increase in competences as an officer representing my area of expertise or my country; improve the perception of Portuguese Navy officers.
- Better understanding of the NATO manuals; practise the language.
- Increase in knowledge; economy of scale; personal update.
- Introduction of debating techniques in English.
- Specialized training by providing specific courses taking advantage of the presence of the officers at IHMS.
- Better adaptation to technical Enlgish.

- Improve the linguistic capacity of officers in order to fulfill future positions. However, attending this kind of training as part of large classes could limit the willingness to speak in English thus influencing the outcomes of this training.
- Better adaptation to technical English.
- We should have this kind of training, without evaluation though; the training should be oriented to develop knowledge and, if possible, abroad.
- Interoperability within the alliances; procedure standardization between the Services; international acknowledgement.
- Improve technical English.
- No advantages. This training should be provided by each Service.
- Enhancement of the curriculum of the military; meet specific needs of the students; important for preparing military when performing in specific contexts.
- Skills and ability to perform; complement to NATO doctrine training (manuals and documents in English).
- Military must know English; there are teaching and training areas within the Portuguese Air Force; one learns by doing, combining the knowledge. The Portuguese Air Force can provide this training. Therefore the IHMS must not overlap other organs of the Portuguese Air Force.
- Train the military in English language; level the knowledge; increase individual proficiency in English.
- Increase in knowledge.
- Increase in knowledge. Preparation of students.
- Increase in knowledge of English; seize the opportunity to deepen and update the knowledge; develop the knowledge of technical and specific military vocabulary.
- English is an universal language and within the military context that is even more obvious; because it is so relevant to the military, speaking and writing techniques should be improved; essential to better prepare the military for many positions in the Navy.
- Take advantage of a stage of the career which is dedicated to training and preparation for future tasks and functions.
- Prepare the military for the specifics of the tasks they will perform; increase in the quality level of English proficiency (NATO); fill an existing gap of the Portuguese Armed Forces.
- Improve speaking and writing.

- Improve interoperability with other partners of multinational forces; improve the confidence of the military and consequently the external image of Portugal; increase in proficiency defending national interests in meetings abroad.
- Centralization of training.
- English is the language of international *fora*; outside Portugal is the language of communication; general culture.
- Enrichment of the educational offer; opportunity to diversify the academic staff.
- English language awareness.
- Levelling of the linguistic proficiency; familiarization with military terminology; familiarization with NATO terminology in English.
- Tackle the incapacity of other departments to provide these courses or prevent the military to attend this training outside the military; address the shortfalls of some military; plan the training in accordance with the tasks of the military.
- Opportunity to practise.
- Curricular enrichment.
- It allows the military who are less used to using English to improve; defines scenarios and routines; if it is evaluated, it can work as a weighting factor within the selection processes.
- Improve communication.
- Increase in knowledge.
- Tackle the limitations of the Military Schools; update of knowledge and military jargon.
- Language enhancement.
- Save resources.
- Improve technical military English knowledge.
- This kind of training should be ministered to military who have already been assigned to positions abroad or to the ones who are highly expected to be assigned.
- Better understanding and producing of English, accuracy when dealing with technical English.
- Concentration of resources.
- Improve writing and speaking skills.
- Refresh of English knowledge.
- I think English proficiency should be increased before there is a need and not as response to a need. Training provided throughout the career, by the Services or the General Staff, for the military, as

life long on job training would be more efficient than courses for one person, for one job.

- Oriented training; access to doctrine written in English because of the different interpretation of the terminology in joint and combined environments.
- I admit that professional English training should be provided to all levels and adjusted to the level of each military.
- Training common to the Services.
- Master the topics in English; easier understanding of official releases; easier to convey information.
- Standardization.
- Improve technical knowledge of English; adopt common terminology.
- Standardization; centralization; cost reduction.
- Take advantage of long term courses to introduce an English language curricular unit thus contributing to developing the students' knowledge in this area.
- Strengthen knowledge.
- International acknowledgement.
- Standardization; better understanding of the topics; better understanding of acronyms; easier to research; decrease of stress.
- Be familiar with technical military terminology; development of routines which are acquired only when in combined environments; master different areas.
- Indispensable.
- NATO doctrine in English.
- Refresh the knowledge of English language which is used only in these situations.
- This kind of training must exist. If it is at the IHMS or elsewhere depends on the synergies one can take advantage of. In the case of officers the IHMS could solve. However, there is a need for training the petty-officers and the lower ranks, namely in the area operations, that the IHMS could also solve at its Polytechnic Unit or at the schools of the Services. The advantage of being provided by the IHMS is the presence of diverse institutional cultures before the performance of tasks, potentially jointly; Furthermore, it allows centralization of resources and perhaps deeper knowledge in this area.
- Increase in English proficiency of the military.
- Proximity to military joint training.
- English language is important for the relations with other Armed Forces.

- Levelling of English proficiency among officers.
- Portugal is a member state of NATO; English is the universal spoken and written language; the IHMS as the University of the Military and where the 3 Services and the National Guard attend training and education programs and courses is the most logical and strategic place to consider for this kind of training.
- Better prepare the military for delivering briefings in English; better prepare the military for writing on political and strategic topics.
- The best advantage is to be able to provide this kind of training which, sooner or later, will be necessary for a staff officer.
- It would be easier to browse through the reference materials and understand them; provide work tools such as briefings in English skills; make the military aware of technical terminology which cannot be learnt outside the military environment.
- Ensure all officers have a minimum English level.
- Improve the linguistic skills of military.
- Improve the linguistic skills of military; improve the image of our Armed Forces; increase in the confidence of military regarding English language.
- Qualify students; deepen technical English knowledge; useful for any officer.
- Provide the military with linguistic skills; update of the needs when in international missions and positions; improve the training at the IHMS.
- Most of the reference documents are in English; interoperability involves using a common language (English); improve communication skills and the projection of the Portuguese Armed Forces abroad (as a means of social and professional statement).
- Enhance writing skills; learn and improve technical terminology; enhance speaking skills.
- Inter-Services' technical language coherence; prepare for future functions; helps understanding the reference doctrine of the Field Grade Officers Course.
- Better understanding of the doctrine.
- Linguistic interoperability.
- Be at the same level of our partners; general military culture; current.
- Up-to-dateness.
- Strengthen the knowledge; developing skills; training credibility.

- Standardization of information; deepen the knowledge of adequate vocabulary.
- Simple; objective; conveniente.
- Joint interaction.
- Practise speaking in English.
- Better skills for futures interventions.
- Better understanding of technical manuals.
- Standardization, comprehensiveness and efficiency given the kind of students of the IHMS.
- Quality; context; standardization.
- Improve knowledge; develop skills.
- Improve the preparation; new military terminology; practical exercises.
- Improve English language proficiency.
- Improve English language proficiency.
- Encourage the use of English language.
- Understanding of the topics taught in some subjects; refresh the knowledge in English language; preparation for future international positions.
- Skills; communication; efficiency.
- Deal with NATO documents.
- Improves the skills for officers to participate in international working groups; contributes to the awareness of belonging to a multinational Alliance; decreases the embarrassment when one has to speak to foreign officers.
- Centralization of resources; centralization of teachers; centralization of knowledge.
- Improve English language proficiency.
- Standardization of the training among the Services; better management of teachers.
- Levelling of knowledge; practise the language; exposure to new terminology of each Service.
- Improve the knowledge of the language; prepare for working in combined environment; prepare for future functions.
- Update of vocabulary.
- Better understanding.
- Enhances the quality of the new Majors; gives us tools to better perform when fulfilling positions abroad; enhances the linguistic interoperability among officers of other multinational forces.

- Enhance written and spoken English; prepare for future positions or missions.
- Learn technical military English; learn new concepts; enhance writing skills.
- Better understanding of the topics.
- Easier to read and research in English web sites.
- Practise and improvement of English oral and written communication.
- Need; standardization; management of the available time.
- Globalization; universal language; NATO language.
- Better preparation for missions abroad.
- Important support; allows to exclude some elements from being selected for those positions.
- Master the language of the Alliance; enhancement of the speaking skills when in international context.
- Better preparation for missions in combined scenarios.
- Better preparation for missions in combined scenarios.
- Better knowledge of the language.
- Better preparation for missions in combined scenarios.
- Missions in multinational environments; positions in multinational environments; indispensable.
- Indispensable tool considering the global context of the Armed Forces work.
- Knowledge.
- International environment.
- Better preparation of military for specific functions; complement to the General English training provided by the Academies; be familiar with specific formats and NATO briefings.
- Current; practise; enhancement.
- Ability to consult English language bibliography; participate in international meetings; fulfill positions in international organizations.
- Practise and update of knowledge.
- Prepare the officers; NATO level; image of Portugal.
- Participating in international missions requires a Staff Officer to master the language.
- Increase in English skills.
- Provide basic knowledge to the ones that don't have it.
- This kind of training is not important for the IHMS because one cannot learn how to use the language correctly in 6 months. It may

provide some knowledge in specific topics in order to be aware of the conversion or written document subject.

- None. It is the Services' responsibility.

Apêndice K

Resultados Questões Listening

Listening Questions Results

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Curso de Promoção a Oficial General / Flag Officers Course – CPOG

LISTENING									
CURSO	Q13	Q14	Q15	Q16	Q17	Q18	Q19	Q20	Q21
CPOG	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOG	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOG	3	2	3	3	3	3	2	3	3
CPOG	1	1	2	2	2	1	1	1	1
CPOG	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOG	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOG	2	2	2	2	2	3	1	2	1
CPOG	3	2	2	3	3	3	2	2	2
CPOG	1	1	1	1	1	1	1	2	1

Curso de Estado-Maior Conjunto / Joint Staff Course – CEMC

LISTENING									
CURSO	Q13	Q14	Q15	Q16	Q17	Q18	Q19	Q20	Q21
CEMC	2	1	2	2	2	2	2	2	1
CEMC	2	2	2	2	2	2	2	2	1
CEMC	2	3	3	3	3	3	2	2	2
CEMC	3	3	3	3	3	3	2	2	2
CEMC	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CEMC	1	1	1	1	1	1	1	1	2
CEMC	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CEMC	2	2	2	2	2	2	2	2	1
CEMC	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CEMC	2	2	2	2	2	2	2	2	2

Curso de Promoção a Oficial Superior / Field Grade Officers Course – CPOS

LISTENING									
CURSO	Q13	Q14	Q15	Q16	Q17	Q18	Q19	Q20	Q21
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1	1

CPOS	1	1	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	1	2	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	2	2	3	2	2	2	3	2	2
CPOS	2	2	3	2	2	2	1	1	1
CPOS	3	3	4	4	4	4	3	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	1	1	2	2	1	1	2	1	1
CPOS	3	2	3	3	3	3	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	2	3	3	3	3	2	2	2
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	3	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	1	2	2	2	2	1	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	2	2	2	2	3	2	2	2	3
CPOS	4	4	4	4	4	3	3	3	3
CPOS	3	3	4	4	4	4	3	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	3	2	2	3	2	2
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	3	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	1	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	1	2	2	1	2	1	2	1
CPOS	2	1	2	2	2	2	2	1	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	1	1
CPOS	4	3	3	2	3	3	3	3	3
CPOS	1	1	2	1	1	1	1	2	1
CPOS	2	3	2	2	2	2	1	1	1
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	1	2	3	3	2	2	2	3	1
CPOS	3	2	3	3	2	3	2	2	2

CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	2	2	3	2	2	2	1	1	1
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	3	2	3	2	2	3	2	2	3
CPOS	3	3	4	3	4	4	3	3	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	2	2	3	3	2	2	2	3	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	2	2	2	2	2	2	1	1	1
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	1	1	1	1	1	1	2	1
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	2
CPOS	2	2	3	3	3	2	3	2	2
CPOS	3	4	4	3	3	3	3	3	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	1	1
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	3	3	2	2	2	2	1	3	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	1	1	1
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	1	1
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	4	4	4	4	3	4	3
CPOS	3	3	4	4	4	4	3	4	3
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	2	1
CPOS	4	4	4	3	3	3	3	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	3	3	3	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	4	3	3	4	3
CPOS	3	3	3	2	2	2	3	2	2
CPOS	3	4	4	3	3	3	4	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	3
CPOS	3	3	3	3	2	3	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	2
CPOS	4	4	4	4	4	4	3	3	3
CPOS	3	3	4	4	4	4	3	3	2

CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	4	4	3	4	3	2	2	2	2
CPOS	1	1	1	1	1	2	1	1	1
CPOS	2	3	3	3	2	2	2	3	2
CPOS	3	3	3	3	3	4	3	4	1
CPOS	3	2	3	2	2	3	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	1	1	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	1	1
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	4	4	4	4	4	4	3	3	3
CPOS	3	2	2	3	3	3	2	2	2
CPOS	1	2	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	4	3	4	4	4	3	3	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	1	2	2
CPOS	1	1	1	1	2	2	1	1	1
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	4	4	4	4	4	4	3	4	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	3	4	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	4	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	4	3	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	3	3
CPOS	4	4	4	3	3	3	3	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	3	1	2	1	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	3
CPOS	1	2	2	3	3	2	2	1	1
CPOS	3	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	2	2	2	2	3	2	2	2	2
CPOS	3	1	2	2	3	2	2	2	2
CPOS	3	1	2	2	3	2	2	2	2
CPOS	4	3	4	4	4	3	3	3	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	3	2	2	2	2	2	2
CPOS	4	4	4	3	3	3	3	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	3	2	1	1
CPOS	2	2	2	2	3	3	3	2	2
CPOS	4	4	4	3	3	3	3	4	4
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2

CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	2	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	1	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1	1

Apêndice L

Resultados Questões Speaking Speaking Questions Results

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Curso de Promoção a Oficial General / Flag Officers Course – CPOG

SPEAKING												
CURSO	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7	Q8	Q9	Q10	Q11	Q12
CPOG	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOG	2	2	2	3	3	3	3	3	3	2	3	3
CPOG	3	2	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOG	1	1	2	1	2	1	1	1	2	1	2	1
CPOG	2	2	2	2	2	2	1	1	2	2	2	2
CPOG	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	1
CPOG	3	2	3	2	2	4	4	4	4	4	4	1
CPOG	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2
CPOG	2	2	2	1	1	1	1	1	1	2	1	1

Curso de Estado-Maior Conjunto / Joint Staff Course – CEMC

SPEAKING												
CURSO	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7	Q8	Q9	Q10	Q11	Q12
CEMC	1	1	1	1	1	2	2	2	2	1	2	2
CEMC	3	3	3	3	2	3	3	3	2	2	2	1
CEMC	4	4	4	3	3	4	3	3	3	4	3	3
CEMC	3	4	3	3	3	4	4	4	4	4	4	2
CEMC	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CEMC	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CEMC	2	2	2	1	1	1	1	1	1	1	2	1
CEMC	2	2	2	1	2	2	2	2	1	2	2	2
CEMC	2	2	3	2	2	2	3	3	2	2	3	2
CEMC	2	2	3	2	3	2	2	2	2	2	3	2

Curso de Promoção a Oficial Superior / Field Grade Officers Course – CPOS

SPEAKING												
CURSO	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7	Q8	Q9	Q10	Q11	Q12
CPOS	4	3	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	4	3	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	1	1	1	3	1	1	1	1	1	1	2	1
CPOS	2	2	3	3	2	3	2	2	2	2	2	2

CPOS	3	2	3	2	2	3	3	3	2	3	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	3	2
CPOS	1	2	1	3	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	3	3	4	3	2	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	4	3	2	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	4	3	2	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	4	3	3	3	2	4	3	3	2	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	4	4	4	4	3	3	3
CPOS	2	2	3	3	2	3	2	2	2	2	2	2
CPOS	4	4	4	3	3	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	2	3	2	2	2	2	2	2	3	1
CPOS	1	1	2	1	1	1	2	2	1	2	1	1
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	3	2	2	2
CPOS	4	4	4	3	2	3	3	3	3	3	2	2
CPOS	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	3	3	3	2	3	2	2	2	2	3	3
CPOS	3	2	3	3	3	3	3	2	2	3	2	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	2	3
CPOS	2	2	2	3	1	3	2	3	2	2	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	4	4	3	4
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	4	4	3	4
CPOS	2	2	2	3	2	2	2	2	2	2	3	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	3	3	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	3	3	3	3	2	2	3	3	3	3	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	2	2
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	2	3	2	3	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3	3
CPOS	3	2	2	3	1	2	2	1	2	2	3	1
CPOS	2	1	2	1	3	2	2	2	2	2	2	1
CPOS	2	2	2	1	3	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	4	4	4	4	3	3	4	4	3	4	4	4
CPOS	2	1	2	1	1	2	2	2	1	3	2	1
CPOS	3	4	1	1	2	2	2	2	2	3	2	1
CPOS	2	2	3	3	3	2	2	2	2	2	3	3
CPOS	4	4	4	3	3	3	3	3	3	3	3	1

CPOS	3	3	3	3	3	3	2	2	3	2	2	2
CPOS	2	2	2	3	2	2	2	2	2	2	2	1
CPOS	2	2	3	3	4	3	3	3	3	3	3	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	3	2	2	3
CPOS	3	2	1	1	2	3	3	2	3	2	2	1
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	3	3	2	2	2	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	2	3	4	3	3	3	4	4	2
CPOS	3	4	3	3	3	3	3	3	3	4	4	4
CPOS	3	2	2	2	2	3	3	2	2	3	3	2
CPOS	3	3	3	2	2	4	4	4	3	4	4	4
CPOS	2	2	2	1	1	2	2	2	1	1	1	1
CPOS	2	2	2	1	2	2	2	2	2	1	2	2
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	3	2	2	2	2	2	2	3	3	2
CPOS	1	1	2	1	1	2	1	2	2	2	2	1
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	4
CPOS	3	4	3	2	3	3	3	3	3	4	2	2
CPOS	3	4	3	2	3	4	4	4	3	4	4	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	1	1	2	2	2	2	2	2	2	1
CPOS	2	2	3	3	1	3	3	3	2	4	3	2
CPOS	2	2	3	2	2	3	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	2	2	2	2	3	3	3	2	2	3	1
CPOS	3	3	3	2	3	4	4	4	4	3	4	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	4	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	4	2	2	3	3	3	3	2	3	2
CPOS	3	3	4	3	3	4	4	4	4	3	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	3	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	3	2	2	3	3	2	2	3	3	2
CPOS	3	3	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	4	3	4	3	3	3	3	4	3
CPOS	3	2	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	2	2	3	2	3	2	2	1	2	3
CPOS	4	3	2	3	3	2	3	3	2	3	3	2
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	3	3	4	2	2	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	4	3	4	3	3	4	4	4	4	4	4	3
CPOS	3	3	3	4	4	4	4	4	4	4	4	3
CPOS	4	4	4	2	4	4	4	4	3	4	3	3

CPOS	3	3	3	2	2	3	3	3	3	3	2	2
CPOS	4	4	3	3	2	4	3	4	3	4	3	4
CPOS	3	3	3	2	2	3	2	3	3	3	2	3
CPOS	3	3	3	2	3	2	3	2	2	3	3	2
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	3	3	3	2	2	4	3	2	3	3	4	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	4	2	3	3	3	3	3	3	3	2
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	3	3	4	3	3	4	4	4	4	4	4	3
CPOS	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2
CPOS	1	1	2	1	2	2	1	1	1	1	1	1
CPOS	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	4	3	4	3	3	3	3	3	4	4	4	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	1	1	2	2	1	1	2	2	2	1	2	1
CPOS	4	4	4	3	3	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	4	4	4	3	3	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	4	4	4	2	3	4	4	4	4	4	4	3
CPOS	3	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	4	3	3	3	4	3	3
CPOS	2	4	4	2	3	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	3	3	4	3	3	3	3	3	3	4	3	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	3	3	2	2	1
CPOS	2	2	2	2	2	2	3	3	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	2	3	3	3	3	2	3	2	2
CPOS	3	3	4	2	3	2	3	3	3	3	4	3
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	3	3	3	2	3	3	3	3	2	3	3	3
CPOS	2	3	3	2	2	3	2	2	2	3	3	2
CPOS	2	3	3	2	2	3	2	2	2	3	3	2
CPOS	4	4	3	3	4	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	3	3
CPOS	3	3	3	2	3	4	4	3	3	3	3	3
CPOS	2	3	3	3	2	3	3	3	2	2	2	1
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	3
CPOS	3	2	2	2	3	3	4	4	4	3	4	3
CPOS	2	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	3
CPOS	3	3	4	4	3	4	4	4	4	4	4	3

CPOS	3	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	4	4	4	3	3	4	3	3	4	4	3	4
CPOS	3	3	3	2	2	3	3	3	3	3	3	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	1	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	4	3	2	2	2	3	3	2	3	4	3
CPOS	1	1	2	1	1	2	2	2	2	2	2	1

Apêndice M

Resultados Questões Reading Reading Questions Results

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Curso de Promoção a Oficial General / Flag Officers Course – CPOG

READING								
CURSO	Q22	Q23	Q24	Q25	Q26	Q27	Q28	Q29
CPOG	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOG	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOG	2	3	2	2	2	2	2	2
CPOG	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOG	3	2	2	2	2	2	2	2
CPOG	2	1	2	1	2	1	1	1
CPOG	1	2	2	2	2	1	2	3
CPOG	2	3	3	2	3	3	2	2
CPOG	2	1	2	2	2	1	1	1

Curso de Estado-Maior Conjunto / Joint Staff Course – CEMC

READING								
CURSO	Q22	Q23	Q24	Q25	Q26	Q27	Q28	Q29
CEMC	1	2	2	1	2	2	1	1
CEMC	2	2	2	2	2	2	2	2
CEMC	3	2	3	3	3	3	3	3
CEMC	2	2	2	2	2	2	2	2
CEMC	1	1	1	1	1	1	1	1
CEMC	1	1	1	1	1	1	1	1
CEMC	2	1	1	1	1	1	1	1
CEMC	2	2	2	2	2	2	2	2
CEMC	2	3	2	2	2	2	2	2
CEMC	2	3	3	2	2	2	2	2

Curso de Promoção a Oficial Superior / Field Grade Officers Course – CPOS

READING								
CURSO	Q22	Q23	Q24	Q25	Q26	Q27	Q28	Q29
CPOS	2	3	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	3	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1

CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	2	3	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	3	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	3	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	2	3	2	2	3	2	2	3
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	3	3	3	4	4	4	4	4
CPOS	2	3	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	1	1	1	1	1	2	2
CPOS	3	2	3	2	3	3	2	3
CPOS	2	2	2	1	1	1	1	1
CPOS	3	2	3	2	3	3	2	3
CPOS	4	4	3	4	4	4	4	3
CPOS	3	3	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	3	3	3	3	3	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	3	2	2	2	2	2	2
CPOS	4	4	3	3	4	4	4	4
CPOS	4	4	3	3	4	4	4	4
CPOS	1	2	2	1	1	1	1	1
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	4	4	3	3	3	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	2	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	1	2	2	1	2	2	2	2
CPOS	1	2	2	1	2	2	1	1
CPOS	1	1	1	1	2	1	1	1
CPOS	4	3	4	3	4	4	3	4
CPOS	1	2	1	1	2	1	1	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	2	2	2	3	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2

CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	2	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	2	1	1	2	1	1	1	1
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	2	3	2	3	3	3	2	2
CPOS	3	4	4	3	4	4	3	4
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	2	3	3	2	2	2	2	2
CPOS	3	2	3	2	3	2	2	2
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	1	1	1	1	1	1	2	2
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	1	1	2	1	1	1	1	1
CPOS	1	2	2	1	1	1	1	1
CPOS	3	2	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	2	3	3	3	3	3	3
CPOS	2	3	3	2	3	2	2	3
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	2	3	3	2	2	2	3	2
CPOS	1	3	2	2	3	2	2	2
CPOS	2	3	2	1	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	1	2	1	1	1	1	1	2
CPOS	3	4	4	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	3	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	3	3	2	3	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	3	2	3	3	2	3	3
CPOS	1	3	2	2	2	2	3	1
CPOS	3	4	3	3	3	3	3	4
CPOS	3	2	3	3	3	3	2	3
CPOS	4	4	4	4	4	3	4	4
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	4	4	4	4	4	4	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3

CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	2	3	3
CPOS	1	2	1	1	1	2	1	1
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	3
CPOS	3	3	3	3	4	3	3	3
CPOS	2	3	3	2	3	3	3	2
CPOS	1	1	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	3	4	4	3	4	4	4	4
CPOS	2	3	3	2	3	3	2	2
CPOS	1	2	1	2	1	1	1	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	1	1	1	1	2	1	1	1
CPOS	4	4	4	4	4	4	3	4
CPOS	4	4	4	4	4	4	3	4
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	4	4	4	4	4	2
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	2	3	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	2	2	2	3	2	3	4
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	1	1	2	1	2	1	2	2
CPOS	1	1	1	1	2	2	2	2
CPOS	1	1	1	1	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	4
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	4	3	4	3	3	4	3	4
CPOS	1	2	1	1	3	2	2	3
CPOS	2	2	3	3	2	3	3	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	1	2	1	1	2	1	1	1
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	3	3	2	3	3	2	3

CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	1	2	1	1	2	1	1	1

Apêndice N

Resultados Questões Writing

Writing Questions Results

Considere: **1- Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Difícil; 4 - Muito difícil**

Consider: **1- Very Easy; 2 - Easy; 3 - Difficult; 4 – Very Difficult**

Curso de Promoção a Oficial General / Flag Officers Course - CPOG

WRITING													
CURSO	Q30	Q31	Q32	Q33	Q34	Q35	Q36	Q37	Q38	Q39	Q40	Q41	Q42
CPOG	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOG	3	3	2	2	3	3	3	3	3	3	2	2	3
CPOG	3	2	2	3	3	3	2	3	3	3	2	3	2
CPOG	2	2	1	2	1	2	2	2	2	1	1	1	1
CPOG	2	2	2	3	3	2	3	3	3	3	2	2	2
CPOG	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	1	1	1
CPOG	3	3	2	2	2	2	4	3	2	4	1	1	2
CPOG	2	2	2	2	3	2	4	3	3	4	2	2	3
CPOG	3	3	2	3	3	3	3	3	2	3	2	2	2

Curso de Estado-Maior Conjunto / Joint Staff Course – CEMC

WRITING													
CURSO	Q30	Q31	Q32	Q33	Q34	Q35	Q36	Q37	Q38	Q39	Q40	Q41	Q42
CEMC	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	1	1	2
CEMC	2	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CEMC	4	4	2	3	3	3	3	3	3	4	2	3	3
CEMC	4	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CEMC	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CEMC	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CEMC	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	1	1	1
CEMC	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CEMC	3	3	2	2	3	3	3	2	2	3	2	2	2
CEMC	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3

Curso de Promoção a Oficial Superior / Field Grade Officers Course – CPOS

WRITING													
CURSO	Q30	Q31	Q32	Q33	Q34	Q35	Q36	Q37	Q38	Q39	Q40	Q41	Q42
CPOS	3	3	3	3	3	4	4	4	4	4	3	3	4
CPOS	3	3	3	3	3	4	4	4	4	4	3	3	4
CPOS	3	3	2	2	3	3	3	3	3	3	2	3	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	3	2	3	3	2	3	3	2	2	2

CPOS	2	2	2	2	3	3	3	2	2	3	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	3	2	2	3	2	2	2
CPOS	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	3	3	2	3	2	2	3	3	2	4	2	2	2
CPOS	3	3	2	3	2	2	3	3	2	4	2	2	2
CPOS	3	3	2	3	2	2	3	3	2	4	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	2	2	2	3	2	4	2	3	4	1	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	4	3	4	4	4	3	3	3
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	2	2	3	3	3	2	2	3	1	1	3
CPOS	1	1	1	1	1	1	2	1	1	2	1	2	1
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	3	3	4
CPOS	3	3	2	3	2	3	3	2	2	3	2	2	2
CPOS	4	3	2	2	2	3	3	3	3	4	2	2	3
CPOS	4	4	3	3	3	3	3	3	3	4	3	3	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	3	3	2	3	2	3	3	2	2	3	2	2	2
CPOS	4	3	3	2	2	2	3	3	2	3	2	3	3
CPOS	3	3	3	3	4	4	4	4	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	4	4	4	4	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	2	2	3
CPOS	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	3	4	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	4	4	3	4	3	3	4
CPOS	4	4	2	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	2	2	2	3	3	3	2	3	2	3	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	2	2	3	2	3	4	2	2	3	1	2	2
CPOS	2	2	3	2	2	3	3	2	2	3	2	2	3
CPOS	2	2	1	2	1	2	1	1	2	2	1	1	1
CPOS	3	4	3	4	4	3	4	4	4	3	3	3	3
CPOS	2	2	1	2	1	2	2	1	3	2	1	1	1
CPOS	2	3	2	3	2	2	3	2	2	3	1	1	1
CPOS	2	2	1	2	2	2	2	1	2	2	1	1	2
CPOS	4	4	3	3	2	3	4	4	3	4	2	2	3

CPOS	3	3	3	3	3	4	4	3	2	3	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	2
CPOS	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3
CPOS	2	2	3	2	3	1	1	2	2	2	3	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	2	1	2	2	1	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	2	2	2	2	2	3	3	3	3	2	3	3
CPOS	4	4	2	4	4	4	4	3	4	4	3	4	4
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	2	2	3	2	3	2	3	3	2	2	3
CPOS	3	3	3	3	3	4	4	3	3	3	2	2	3
CPOS	2	2	1	2	2	1	1	2	1	1	1	1	1
CPOS	3	3	1	1	1	2	2	2	1	2	1	1	1
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	2	2	2	2	3	2	3	3	1	1	2
CPOS	2	2	1	2	1	2	2	1	2	3	1	1	2
CPOS	4	4	3	3	3	3	4	3	3	3	3	3	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	3	3	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3
CPOS	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	1	1	2
CPOS	3	3	2	2	3	3	3	2	3	3	2	3	2
CPOS	3	3	2	2	2	3	3	3	3	3	2	3	3
CPOS	3	2	2	2	3	3	3	3	3	3	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	4	3	3	4	4	4	4	4	4	3	3	4
CPOS	3	4	3	3	4	4	4	4	4	4	3	3	4
CPOS	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CPOS	2	3	2	3	3	3	4	3	3	3	2	2	3
CPOS	2	2	2	2	2	3	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	2	2	3
CPOS	3	3	2	3	3	3	4	3	3	3	2	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	2	2	2	2	3	2	2	3	2	2	2
CPOS	2	3	3	3	2	3	3	3	3	3	3	2	3
CPOS	1	1	2	2	2	2	1	1	1	1	1	1	2
CPOS	3	3	4	3	3	4	4	3	3	3	4	4	4
CPOS	3	2	1	3	2	3	3	3	3	3	2	3	2
CPOS	2	3	2	2	2	2	2	2	2	2	3	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	4	3	3	3	2	3	3
CPOS	4	4	3	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4
CPOS	2	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4
CPOS	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4

CPOS	2	3	2	3	2	3	3	2	2	3	2	2	2
CPOS	4	4	2	2	3	3	4	4	3	4	2	2	2
CPOS	3	3	2	3	3	2	3	2	3	3	2	3	3
CPOS	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	2	2	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	2	2	3
CPOS	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	2	3	4
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	3	3	4
CPOS	2	2	2	2	3	2	4	3	3	4	2	2	3
CPOS	1	2	1	1	1	1	2	2	1	2	1	1	1
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	4	4	4	3	3	3	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	3	3	2	2	1	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	1	1	1	1	1	1	1	2	2	2	1	1	1
CPOS	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4
CPOS	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4
CPOS	3	4	3	3	4	3	3	4	3	4	4	4	4
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	4	4	3	3	3
CPOS	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	2	2	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	4	4	2	3	3	3	4	3	4	4	3	2	3
CPOS	1	1	1	1	2	2	2	1	1	2	1	2	2
CPOS	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	2	2	3
CPOS	3	3	2	4	4	4	4	4	4	4	3	3	4
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	1	1
CPOS	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	2	2	3
CPOS	2	2	2	3	2	3	3	3	3	2	1	2	3
CPOS	2	2	2	3	2	3	3	3	3	2	1	2	3
CPOS	3	4	3	4	4	4	4	3	3	3	3	3	3
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	3	3	2	3	2	3	3	2	3	3	2	3	3
CPOS	4	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	2	3	3	3	3	2	3	3	2	2	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
CPOS	3	3	3	2	3	3	3	3	2	3	1	2	2
CPOS	4	4	3	3	4	4	4	4	4	4	3	4	3

CPOS	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3
CPOS	4	4	3	3	3	4	4	3	4	4	3	3	3
CPOS	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
CPOS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
CPOS	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3
CPOS	1	1	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1

